

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Marina Oliveira de Carvalho**

**O sexo sem compromisso e as possibilidades de (des)prazer da mulher:  
um olhar junguiano e arquetípico**

**Mestrado em Psicologia Clínica**

**São Paulo**

**2021**

**Marina Oliveira de Carvalho**

**O sexo sem compromisso e as possibilidades de (des)prazer da mulher:  
um olhar junguiano e arquetípico**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

**São Paulo**

**2021**

**Marina Oliveira de Carvalho**

**O sexo sem compromisso e as possibilidades de (des)prazer da mulher:  
um olhar junguiano e arquetípico**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

---

---

Às mulheres pesquisadoras da minha família: minha mãe Vania e minhas tias Márcia e Marília, todo o meu amor, carinho e admiração.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP)/  
PUCSP – Deliberação do CONSAD nº 01/2020.

This study was financed by Fundação São Paulo (FUNDASP)/ PUCSP –  
Deliberation of CONSAD nº 01/2020.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Roberto e Vânia, por todo apoio, carinho e amor que vocês me deram ao longo da minha vida. Por todo incentivo para que eu fosse cada vez mais dona de mim. Também pelo estímulo aos estudos: como sempre disse o meu pai: “tem que estudar”.

Ao meu irmão, Roberto, por ensinar sobre o amor fraterno e o carinho de irmãos. À minha cunhada, Giovania, mulher forte que eu admiro.

À toda linhagem de mulheres fortes e poderosas da minha família, e em especial à minha avó e grande mãe, Ivone, e às minhas tias Márcia e Marília. Toda a minha admiração por vocês.

Ao meu amor, Erik, por ser chão quando eu precisei e por ser também leveza com todas as risadas, festas e “negronis” ao longo desses anos. O amor é amargo e doce, e viver isso com você é uma delícia. E ao nosso gatinho Tito, com seus ronrons que acalmam e afofagam o nosso coração.

Ao meu orientador Durval Luiz de Faria, pelas trocas, ensinamentos e orientações, sempre com calma e fala doce, ao longo da jornada do mestrado.

À Dra. Flávia Hime, membro da banca de qualificação e banca examinadora, à Dra. Noely Moraes, membro da banca examinadora e à Dra. Silvana Parisi, membro da banca de qualificação, pelas valiosas contribuições, saberes e novas perspectivas proporcionadas nesta pesquisa.

Às participantes da pesquisa, mulheres incríveis, agradeço a confiança e disponibilidade.

Às amigas de toda a vida, Julia, Kemily, Agnes, Ana, Carol, Fernanda, Janaína, Thaís, Rebeqa e Jéssica: cada uma com o seu jeitinho, sendo amor e carinho por onde passo e sempre comigo, independente da distância. Muito obrigada! Vocês são deusas que me inspiram.

Ao meu analista, Gustavo Barcellos, por estar comigo nas tortuosas caminhadas da vida, auxiliando nas descidas profundas e repletas de alma.

À Gisele Accioly, minha primeira analista e mulher que admiro, por ajudar no meu despertar psíquico e me apresentar a psicologia analítica e a mitologia grega.

Aos colegas Juliano Amui, Marisa Horta e Luis Nieri pelas conversas, supervisões e novos olhares sobre a prática clínica e o tema da sexualidade pela abordagem da psicologia analítica.

Aos amigos presentes do mestrado, Amanda, Clarissa, Victor, Cris, Virgínia, Tiago, Raul, Denis, Fábio e Janaína: com vocês o mestrado ficou mais leve, recheado de risadas e cervejas depois das aulas, sempre em reinados dionisíacos. Existe sim muito amor em SP!

E por fim a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da construção deste estudo feito com carinho e dedicação. Muito obrigada!

O dedo acusador das “boas meninas” e “mulheres  
decentes”  
Das (im)pecáveis e perfeitas  
Dos estreitos princípios do casamento e “bons” costumes

Senta igual menina  
Cobre essas pernas  
Vai sair com esse decote?

Não fale alto  
Não seja arroz de festa  
Não vai se arrumar?

Acusam e apontam para as foras da curva  
A imunda  
Essa é puta!

O mesmo dedo que Hera aponta na barriga de Afrodite  
grávida  
Dedo que aponta e julga  
Tenta conter e deter o fora do padrão

Dedo esse que faz o filho bastardo ser disforme  
O gigante pênis de Príapo  
O sexo rejeitado, que (não) querem vê-lo

É um diferente difícil de ver  
Mas que dá vontade de olhar  
E se perder

Afinal, é filho do êxtase e do prazer  
Forças do querer que tomam conta  
Invadem e desnudam a nudez cheia de pudores

Separam as grudadas mãos de oração da santa boa  
menina  
Fazem a menina mulher nadar contra a corrente  
Chegar até a festa dos bacanais cheios de dança e de  
vinho

Chegar na vida vivida com prazer  
Na volúpia  
A filha fruto do amor e da alma

Ser mulher de si  
Não com dedos que apontam e julgam  
Mas dedos que acolhem e acariciam

Dedos, Dores e Deleites em ser Mulher  
(Marina Carvalho, 2019)

## RESUMO

CARVALHO, M. O. **O sexo sem compromisso e as possibilidades de (des)prazer da mulher**: um olhar junguiano e arquetípico. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Mudanças na contemporaneidade, tais como o uso de métodos contraceptivos e a maior inserção no mercado de trabalho e na cultura, proporcionaram à mulher a conquista de maior autonomia sobre si e sobre seu corpo, ressoando nas práticas sexuais, como o sexo sem compromisso. Na literatura, são apontadas ambiguidades vividas pela mulher nesta prática sexual, relacionadas ao duplo padrão sexual e às crenças tradicionais hétero e mononormativas. Portanto, tornam-se necessárias investigações qualitativas sobre a busca de prazer e intimidade emocional. Este estudo objetivou compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso pela mulher jovem e urbana, investigar as suas práticas e as experiências de prazer e desprazer. Para tanto, realizou-se um estudo qualitativo, utilizando-se o instrumento de entrevista semidirigida, com a participação de 12 mulheres, com idade de 25 a 30 anos, com escolaridade de nível superior, heterossexuais e que praticaram sexo sem compromisso nos últimos cinco anos. Obteve-se cinco temas por meio da análise temática, que foram descritos e analisados segundo a abordagem da Psicologia Analítica e Arquetípica. Os resultados indicaram o aparecimento de uma mescla de padrões tradicionais *versus* contemporâneos e de experiências profundas *versus* superficiais nos significados atribuídos ao sexo casual: as mulheres se sentem livres e sedutoras, assim como vivenciam alguns encontros de conexão e profundidade com os parceiros — considerado prazerosos —; e, por outro lado sentem-se julgadas como promíscuas e experienciam alguns encontros como superficiais e desprazerosos. Entretanto, as participantes buscam desconstruir os julgamentos dentro de si e almejam encontros profundos com os parceiros, mesmo que efêmeros. Nesta perspectiva, o sexo sem compromisso pode ser uma forma de exploração da sexualidade e autoconhecimento da mulher, o que auxilia no seu despertar psíquico e sexual e em seu processo de individuação.

**Palavras-chave:** Sexo sem compromisso. Prazer sexual. Mulher. Psicologia analítica. Psicologia arquetípica.

## ABSTRACT

CARVALHO, M. O. **Casual sex and women's (un)pleasure possibilities**: a junguian and archetypal approach. 2021. Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Changes in contemporaneity, as the use of contraceptive methods and women's entrance in the labor market and culture, has led them to conquer more autonomy over their bodies, which resonates in sexual practices, such as the increase in casual sex. Ambiguities are described in the literature as part of women's experiences in casual sex (e.g., feeling free versus searching for a romantic relationship), which are related to the double sexual standard and traditional hetero and mononormative beliefs. However, preceding studies highlight the need of qualitative researches that focus on pleasure's pursuit and on emotional intimacy, which includes compulsory monogamy. So, the present study aims to understand the meanings attributed to casual sex by young and urban women, to investigate the underlying casual sex practices and their experiences of pleasure and unpleasure. It was a qualitative study with semidirected interviews with 12 women between the age of 25 and 30 years old, with high education level, heterosexual and that have practiced casual sex at least once in the last five years. The five themes obtained were analyzed by thematic analysis and understood by the Analytical and Archetypal Psychology's approach. Results indicate mixed patterns between traditional versus contemporary and deep versus superficial experiences in the meanings attributed to casual sex: women feel free and seductive, as well as have deep and connected experiences with their partners- which are considered a pleasure; on the other hand, they can feel judged and promiscuous, as much as having superficial and unpleasant casual sex encounters. Nevertheless, the participants search for a judgment's breach and aims profound encounters with their partners, even if it is ephemeral. In this perspective, casual sex can be a way for women to explore their sexuality and to promote self-knowledge, which helps in their psychic awakening and in the individuation process.

**Key- Words:** Casual sex. Sexual pleasure. Women. Analytical psychology.  
Archetypal psychology

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Lady Gaga.....	123
Figura 2 - O Nascimento de Vênus.....	125
Figura 3 - Lilith com uma cobra.....	127

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Idade das participantes.....	67
Gráfico 2 - Profissões das participantes.....	68
Gráfico 3 - Religião das participantes.....	68

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01 - Descrição das participantes.....	69
Quadro 02 - Temas e subtemas dos resultados.....	71

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2 REVISÃO DE PESQUISAS</b> .....	<b>7</b>
2.1 O sexo sem compromisso .....	7
2.2 Sobre o prazer sexual da mulher.....	15
<b>3 A MULHER E A SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE</b> .....	<b>19</b>
3.1 As compreensões sobre a mulher e a sexualidade na história e as suas mudanças .....	19
3.2 Amor, intimidade, erotismo e sexo na contemporaneidade.....	24
3.3 A mulher do século XXI .....	28
<b>4 MITOS DA SEXUALIDADE: UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA JUNGUIANA E ARQUETÍPICA SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA</b> .....	<b>33</b>
4.1 As figuras míticas da sexualidade: um olhar arquetípico sobre Afrodite e suas relações com outros deuses .....	35
4.1.1 Afrodite e Ares .....	38
4.1.2 Afrodite e Adônis.....	39
4.1.3 Afrodite e Hermes .....	40
4.1.4 Afrodite e Dioniso.....	41
4.1.5 Afrodite, Príapo e o toque de Hera .....	42
4.1.6 Afrodite, Eros e Psiquê .....	45
4.1.7 Afrodite, Perséfone e Baubo .....	47
4.2 A sexualidade feminina e o erotismo no processo de individuação .....	49
<b>5 OBJETIVOS</b> .....	<b>57</b>
5.1 Objetivo Geral .....	57
5.2 Objetivos Específicos .....	57
<b>6 MÉTODO</b> .....	<b>58</b>
6.1 Características do estudo .....	58
6.2 Participantes .....	58
6.3 Instrumentos .....	60

6.3.1	Questionário para caracterização de perfil das participantes .....	60
6.3.2	Entrevista semidirigida .....	60
6.3.3	Gravador .....	61
6.4	Procedimentos .....	61
6.4.1	Procedimento de seleção de participantes .....	61
6.4.2	Local da pesquisa .....	61
6.4.3	Procedimento de coleta de informações .....	62
6.4.4	Procedimento de análise das informações .....	62
6.4.4.1	<i>Análise da etapa aquecimento da entrevista semidirigida .....</i>	<i>63</i>
6.5	Cuidados Éticos .....	64
<b>7</b>	<b>RESULTADOS E ANÁLISE .....</b>	<b>65</b>
7.1	Descrição dos participantes .....	65
7.1.1	Breves considerações sobre a fase do aquecimento da entrevista .....	69
7.2	Análise temática .....	70
7.2.1	Tema 1 - Descrição e compreensão do sexo sem compromisso .....	72
7.2.1.1	<i>Subtema I - Como as participantes compreendem o sexo sem compromisso .....</i>	<i>72</i>
7.2.1.2	<i>Subtema II - Descrição das práticas de sexo sem compromisso .....</i>	<i>73</i>
7.2.1.3	<i>Subtema III - Ambiguidades de uma (não) busca por amor romântico .....</i>	<i>76</i>
7.2.1.4	<i>Análise geral do tema .....</i>	<i>77</i>
7.2.2	Tema 2 - Dona de mim: as experiências de prazer com elas mesmas ....	80
7.2.2.1	<i>Subtema I - A liberdade .....</i>	<i>81</i>
7.2.2.2	<i>Subtema II - A busca de prazer e satisfação sexual .....</i>	<i>82</i>
7.2.2.3	<i>Subtema III - A aventura do novo .....</i>	<i>83</i>
7.2.2.4	<i>Subtema IV - A exploração da sexualidade e se descobrir sedutora. ....</i>	<i>84</i>
7.2.2.5	<i>Análise geral do tema .....</i>	<i>86</i>
7.2.3	Tema 3 - Conexão, troca e compartilhar: as experiências de prazer na relação com o parceiro .....	90
7.2.3.1	<i>Subtema I - O compartilhar de um momento: uma troca e conversa com o parceiro .....</i>	<i>91</i>

7.2.3.2 Subtema II - A química e a conexão .....	92
7.2.3.3 Subtema III - O respeito .....	94
7.2.3.4 Subtema IV - Um vínculo sem cobranças .....	94
7.2.3.5 Análise geral do tema .....	95
7.2.4 Tema 4 - Dedos que apontam e julgam: as experiências de desprazer com elas mesmas .....	99
7.2.4.1 Subtema I - O autojulgamento.....	100
7.2.4.2 Subtema II - O julgamento da sociedade .....	101
7.2.4.3 Subtema III - Influências da família .....	103
7.2.4.4 Subtema IV - Uma desconstrução dos julgamentos: caminhos para o auto acolhimento .....	104
7.2.4.5 Análise geral do tema .....	106
7.2.5 Tema 5 - Relações impessoais: as experiências de desprazer na relação com o parceiro .....	110
7.2.5.1 Subtema I - A performance e a artificialidade .....	111
7.2.5.2 Subtema II - O desrespeito.....	113
7.2.5.3 Subtema III - A falta de compromisso .....	114
7.2.5.4 Análise geral do tema .....	115
7.3 Símbolos — análise dos símbolos trazidos pelas participantes na entrevista .....	119
7.3.1 Breves considerações sobre os símbolos.....	123
<b>8 DISCUSSÃO .....</b>	<b>132</b>
8.1 Os (des)prazeres no sexo sem compromisso para as participantes na relação com elas mesmas: entre ser dona de si e os dedos que apontam e julgam.....	134
8.2 Os (des)prazeres no sexo sem compromisso para as participantes na relação com os parceiros: entre a conexão e a artificialidade.....	136
8.3 Os mitos da sexualidade por trás dos relatos das entrevistadas sobre o tema do sexo sem compromisso .....	139
8.4 A sexualidade como parte do processo simbólico da individuação da mulher .....	142
8.5 Amplificação dos símbolos do sexo sem compromisso .....	145

<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>153</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA CARACTERIZAÇÃO DE PERFIL DAS PARTICIPANTES .....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA.....</b>	<b>162</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>164</b>
<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>164</b>
<b>APÊNDICE D — PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....</b>	<b>168</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Eu sou de ninguém  
Eu sou de todo mundo  
E todo mundo me quer bem  
Eu sou de ninguém  
Eu sou de todo mundo  
E todo mundo é meu também*  
Tribalistas — Eu sou de ninguém, 2002

A sexualidade feminina é um tema importante no campo da psicologia. A Organização Mundial da Saúde (2002) define a sexualidade como parte central da vida do ser humano, o que inclui sexo, gênero, identidades sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Tais aspectos podem ser experienciados por pensamentos, fantasias, desejos, atitudes e nas relações com o outro.

A repressão da sexualidade, especialmente o prazer sexual, pela cultura patriarcal judaico-cristã fez com que ela fosse associada exclusivamente à reprodução (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980), o que resultou numa imagem dicotomizada da mulher nas polaridades santa/mãe e prostituta/sexo (AUFRANC, 2018). Tal crença moldou a perspectiva da psicopatologia humana do século XIX, que compreendia a sexualidade de forma biológica e considerava as fantasias sexuais e a masturbação como patologias. A concepção a respeito da sexualidade começou a mudar com a teoria de Freud, que a definiu como composta por muitos instintos diferentes integrados e não apenas relacionada à reprodução.

Somado a isso acontecimentos sociais e políticos no final do século XIX e início do século XX — Guerras Mundiais e Revolução Industrial — impulsionaram a mulher no mercado de trabalho e motivou sua maior autonomia financeira, emocional e intelectual (RAMOS; CARVALHO; LEAL, 2005). A partir do movimento de liberdade sexual dos anos 1960 e do advento da pílula anticoncepcional, as mulheres passaram a ter liberdade sobre seus corpos e a sexualidade passou a ser vivida plenamente na dimensão do prazer (AUFRANC, 2018).

Grupos feministas dos anos 60 criaram espaços de estudos a fim de desenvolver trabalhos na área de saúde da mulher com o propósito de conhecer seus corpos. Mas, ainda assim, no século XXI a violência de gênero e a discriminação sexista continuam presentes em vários âmbitos da vida e a reivindicação do feminismo continua sendo sobre a mulher ter liberdade em poder definir a si própria e

a sua identidade (GARCIA, 2015). A pesquisa quantitativa realizada no Brasil pela Fundação Perseu Abramo em 2004 com 2.502 mulheres de várias regiões do Brasil, de zonas urbanas e rurais, revelou a existência de discriminações de gênero no mercado de trabalho e no âmbito doméstico (VENTURI; RECAMÁN, 2004).

Mesmo que ainda se tenha um longo caminho a ser percorrido, a mulher brasileira não é mais a dona-de-casa satisfeita e dependente do marido. Ela se vê como mulher em busca de autonomia com a crescente inserção no mercado de trabalho, ganhando lugar nos espaços públicos e se valorizando mais. Outro resultado da pesquisa da Fundação Perseu Abramo foi analisado por Rago (2004), a qual indicou que 74% das participantes não concordam sobre a mulher ter a obrigação de satisfazer sexualmente o marido e 86% declararam ter experiência sexual independentemente de serem casadas. Dessa forma, o século XXI é um momento em que as mulheres brasileiras assumem a própria sexualidade, usufruem do prazer sexual, exprimem seus desejos e conhecem seus corpos; entretanto os desencontros das relações de gênero parecem se aprofundar, o que gera tensões e conflitos, pois essas mudanças ferem “o código moral hegemônico masculino, rígido e autoritário” (p.40).

Sobre o exercício da sexualidade da mulher brasileira contemporânea, Chacham e Maia (2004) analisaram os dados da pesquisa quantitativa da Fundação Perseu Abramo e perceberam ambiguidades: as brasileiras querem afirmar publicamente a satisfação com a sua sexualidade (79% se declararam satisfeitas), mas ao mesmo tempo não saem das normas hétero e mononormativas — por exemplo, a média de parceiros sexuais declarados foi de 2,5, o que é considerado baixo. As autoras refletem sobre a legitimidade da busca de prazer da mulher, mas a experiência ainda é inscrita em parcerias heterossexuais românticas e existe uma sexualidade socialmente admitida e aceitável que está no topo da hierarquia sexual, onde os mais almejados são os heterossexuais casados e as relações monogâmicas.

Contudo, aumentaram as experiências sexuais não relacionadas a um comprometimento amoroso tradicional. A mídia contribuiu com a propagação da cultura popular de uma sexualidade permissiva por meio da produção de filmes, comerciais, séries, músicas e livros abordando o tema (GARCIA *et al.*, 2012). Nesse contexto liberal, vieram à tona outras formas de relação sexual, além daquelas reconhecidas no âmbito dos relacionamentos estáveis e de comprometimento, como

o sexo sem compromisso. Tal prática sexual é frequente entre os adultos na atualidade (SIMÃO, 2017; WENTLAND; REISSING, 2014).

A forma de se relacionar com o outro tem mudado ao longo do tempo e o sexo sem compromisso é definido como um único encontro sexual ou encontros repetitivos, mas sem um vínculo estável (GARCIA *et al.*, 2012; WENTLAND; REISSING, 2014). A experiência da mulher brasileira com a prática do sexo sem compromisso tem sido ambígua: por um lado, sentindo-se mais livre e independente, por outro, sonhando com o casamento e um parceiro numa situação ideal romantizada. Essa ambiguidade resulta de sentimentos de julgamento, quando seus comportamentos sexuais não condizem com o padrão socialmente esperado dela — aquele mais contido e menos livre — fato que aponta para um duplo-padrão sexual (SIMÃO, 2017) e para aspectos da hétero e mononormatividade intrínsecos nas vivências de sexo casual das mulheres (FARVID; BRAUN; ROWNEY, 2017).

Nesta perspectiva, as práticas sexuais e as formas de prazer sexual da mulher na contemporaneidade estão se reformulando e demandam um olhar compreensivo a respeito de suas complexidades. A literatura mostrou que ainda são poucas as pesquisas brasileiras sobre o sexo sem compromisso, em especial sob a perspectiva da psicologia analítica. Simão (2017) aponta a importância de empreender estudos a respeito desta temática que explorem a relação do sexo casual com a busca de prazer e da intimidade, com prioridade para a utilização de entrevistas em profundidade e técnicas projetivas. Para mais, Farvid e Braun (2013) propõem futuras investigações que aprofundem nas questões da intimidade emocional (e a sua presumida natureza de exclusividade) dentro das experiências de sexo sem compromisso, como uma possibilidade de sua desconstrução crítica, tendo em vista o desmantelamento da monogamia compulsória na heterossexualidade.

Diante disso, este trabalho teve como finalidade refletir sobre as compreensões da mulher acerca do sexo sem compromisso, pelo olhar da psicologia junguiana e arquetípica. A escolha do tema partiu também da observação, no contexto pessoal da pesquisadora e em seu trabalho como psicóloga clínica, de relatos de mulheres que praticavam o sexo casual e que referiam vivências paradoxais de um modo geral, mas em especial no que tangia às suas experiências de (des)prazer desta prática sexual.

Nos dias atuais cada vez mais entram em cena outras formas de se relacionar com o outro para além da monogamia e do amor romântico — como o sexo sem compromisso, o poliamor, os relacionamentos abertos e entre outros — e isso pode

levar a uma sexualidade mais fluida e diversa. Porém, ao mesmo tempo as crenças tradicionais também influenciam no comportamento sexual da mulher e, por essas razões, nesta pesquisa as questões de gênero e as relacionadas aos feminismos entremeiam o olhar sobre o tema.

Os feminismos são definidos por Garcia (2015) como:

a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, da dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social (p. 13).

E por gênero, compreende-se que ser homem ou mulher não são fatos biológicos ou naturais, mas sim construções culturais e neste sentido existem as normas, os comportamentos e as crenças que são determinadas para homens e mulheres em função do sexo. Estudos sobre o feminismo pressupõem que a sexualidade é uma construção social e não apenas um fato natural e mesmo que esteja materialmente no corpo, também envolve as estruturas econômicas, sociais e políticas — as quais coexistem num espaço de encontro e tensão que se modificam com o passar do tempo (GARCIA, 2015).

Com relação à abordagem teórica da psicologia escolhida para o aprofundamento do fenômeno do sexo casual, o presente estudo teve como perspectiva norteadora a psicologia junguiana e arquetípica. Sobretudo, o foco foi nas figuras míticas arquetípicas presentes nos mitemas de Afrodite e seus entrelaçamentos com outros deuses. Partiu-se da premissa de que toda a mitologia representa uma teia de relações e, por conseguinte, as figuras de deuses quando apresentadas e estudadas sozinhas não abarcam a dimensão total de seu sentido. Ademais, entende-se que deuses retratados na mitologia são como “metáforas para núcleos de fantasia da psique” (BARCELLOS, 2019, p. 10), representando dinâmicas psíquicas que se manifestam nas vivências do ser humano por meio de imagens e símbolos. A ideia de teias de relações auxilia no entendimento do fenômeno em sua multiplicidade e não linearidade. Essas teias são dramas, enlaces, tramas e enredos feitos com as dores e alegrias do ser humano e que tem como base os conteúdos arquetípicos.

Neste sentido, a sexualidade é múltipla e diversos deuses podem representá-la, como por exemplo a romã que a menina Coré come quando desce ao submundo,

tornando-se então a mulher Perséfone, rainha e mulher de Hades. A romã também é símbolo de Afrodite, que está ligada à sexualidade, pois, como deusa do amor, ela gera o ímpeto da atração e relação sexual que levam ao potencial criativo. Essa deusa tem o poder de transformar algo do cotidiano em ouro pelo olhar apaixonado criador (BOLEN, 2016; BRANDÃO, 2012). Afrodite é uma expressão arquetípica do enfoque aqui e agora, um cultivo da percepção sensorial e do prazer do momento, contrapondo-se a atitudes de culpa ou de julgamento que dificultam desfrutar o sexo ou o trabalho criativo (BOLEN, 2016).

O fenômeno do sexo sem compromisso pode ser regido por diversos entrelaçamentos arquetípicos e na presente pesquisa foram abordados aqueles que envolvem as relações de Afrodite com Ares; Adônis; Hermes; Dioniso; Príapo e Hera; Eros e Psiquê; Perséfone e Baubo. As díades e tríades podem entregar sobre uma psicologia da sexualidade da mulher e, logo, de sua experiência no sexo casual. Para mais, versou-se também sobre a relação entre o sexo e o sagrado e as suas implicações no processo de individuação. Esse tema foi referido por Qualls-Corbett (1990), que destacou a importância do símbolo da prostituta sagrada para o reestabelecimento do contato com o divino e por Imperatrice (2016) que ressaltou a união do sexo e da alma como busca pelo sentido do sagrado. Além disso, Moore (1999) se referiu aos deuses Eros e Afrodite como elos entre a alma e o sexo, compreendendo este como uma experiência do sagrado, de tal maneira que o sexo sem a alma torna-se uma experiência mecânica.

Nesta lógica, o sexo sem compromisso mesmo que não caracterizado por um vínculo estável, pode dar um lar a Eros e aos deuses do prazer e, assim, não é possível separá-lo das emoções. Preliminares, toques, imaginação e atos transportam a vivência sexual para a “nuvem de Afrodite”, onde estão os mistérios da deusa e onde a mulher ousa assumir sua sensualidade, como o ligeiro sorriso da deusa retratado em diversas obras de arte, a exemplo do quadro “O Nascimento de Vênus” de Sandro Botticelli (MOORE, 1999, p. 26).

Então, é possível que o sexo sem compromisso possa oferecer à mulher uma oportunidade de integrar à consciência a experiência do sagrado no sexo, como uma forma de aprender a se relacionar com aspectos reprimidos de sua vida e até mesmo se reconectar com as divindades (ou as dinâmicas psíquicas arquetípicas) que acabaram ficando de lado na sociedade contemporânea atual que preza pela eficiência e muitas vezes esquece dos prazeres.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: o capítulo 02 apresenta as revisões de pesquisas recentes sobre o tema; os capítulos 03 e 04 abordam as questões teóricas pertinentes ao estudo — respectivamente, sobre a mulher e a sexualidade na história e na contemporaneidade, as noções teóricas da psicologia arquetípica e junguiana em relação à sexualidade e traz noções de figuras míticas arquetípicas, símbolos e o processo de individuação.

O capítulo 05 expõe os objetivos gerais e específicos do estudo e o capítulo 06 descreve o método utilizado para a sua realização, pormenorizando as características do estudo, as participantes, os instrumentos, os procedimentos e os cuidados éticos. Em seguida, os resultados e as suas análises são descritos no capítulo 07 e, por fim, a discussão e as considerações finais são apresentados nos capítulos 08 e 09, respectivamente.

## **2 REVISÃO DE PESQUISAS**

Para compor a revisão de pesquisas apresentada neste capítulo foram considerados trabalhos sobre sexo sem compromisso e prazer sexual feminino provenientes de teses, dissertações e artigos científicos. Os trabalhos acadêmicos foram pesquisados na plataforma da Capes de catálogos de teses e dissertações e na Biblioteca Digital da PUC-SP, e os artigos, nas bases de dados Scielo, Pepsic, BVSsalud e PsycINFO.

As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: prazer sexual feminino, sexualidade feminina, sexo sem compromisso, sexo casual. Esses termos foram pesquisados nos idiomas inglês, português e espanhol e combinados de diferentes maneiras entre si.

Foram incluídos os trabalhos publicados nos últimos 12 anos. A seleção foi realizada a partir da leitura de resumos seguida da leitura na íntegra dos trabalhos que correspondiam ao tema pesquisado. Foram excluídos os artigos e trabalhos que se repetiam nas buscas, bem como aqueles que tratavam de disfunções sexuais, mulheres na fase de climatério, menopausa, idosas, gravidez e estudos não relacionados ao sexo.

A presente revisão está organizada em duas seções, a saber: o sexo sem compromisso e o prazer sexual da mulher. A primeira aborda estudos sobre o sexo casual no que tange às suas definições, aspectos positivos/negativos, experiência de jovens adultos e, mais especificamente, à experiência da mulher nessa prática sexual. Já a segunda aborda estudos acerca de como a mulher contemporânea vivencia o prazer sexual nas relações com ou sem compromisso.

A revisão foi estruturada neste formato com o objetivo de organizar o material encontrado e esclarecer aspectos relativos ao sexo casual e ao prazer sexual feminino. Tal estrutura viabiliza uma compreensão aprofundada de ambos os fenômenos para que seja possível refletir sobre as possibilidades de prazer da mulher contemporânea nessa prática sexual.

### **2.1 O sexo sem compromisso**

Foram encontrados dois estudos sobre as definições de sexo casual/sem compromisso: uma revisão de literatura, que objetivou examinar o papel do sexo

casual para o jovem adulto (CLAXTON; VAN DULMEN, 2013) e um estudo quantitativo exploratório, que teve por objetivo verificar se as definições de sexo sem compromisso derivadas de um estudo anteriormente desenvolvido pelas autoras poderiam ser confirmadas por uma amostra maior de participantes jovens (WENTLAND; REISSING, 2014). Para tanto, este estudo contou com 885 participantes que foram solicitados a identificar os rótulos correspondentes às definições de quatro formas de sexo sem compromisso, as quais abarcavam as seguintes classificações:

- a) *One Night Stand* (uma noite só): sexo entre estranhos ou pessoas que não se conhecem tão bem e que geralmente se conhecem em algum evento social. É uma atividade não planejada e sem expectativas de se verem novamente;
- b) *Booty Call* (telefonema para sexo): sexo entre pessoas que se conhecem e isso ocorre ocasionalmente. Há alguém que sempre liga ou envia mensagens de texto com a intenção de ter relação sexual dentro das próximas horas, geralmente à noite;
- c) *Fuck Buddy* (parceiro para transar): sexo entre pessoas que se conhecem e têm relações sexuais quando saem juntas, o que acontece regularmente;
- d) *Friends with Benefits* (amigos com benefícios): sexo entre amigos que podem ter ou não relações sexuais quando saem juntos, e isso acontece com regularidade.

Como resultado, o estudo de Wentland e Reissing (2014) apontou que 81% dos participantes associaram corretamente as quatro definições de sexo casual, especialmente as mulheres com relação às definições: *Booty Call*, *Fuck Buddy* e *Friends with Benefits*. Ademais, foi percebido que as mulheres davam mais importância aos aspectos da amizade nos relacionamentos classificados como *Friends with Benefits* e algumas tinham esse tipo de relação para testar uma possível relação amorosa com compromisso. Este estudo também indicou que as mulheres demonstraram ter maior capacidade em identificar as definições de sexo casual nas mais sutis diferenças, o que pode ser interpretado, segundo as autoras, pelas consequências que essa prática sexual pode ter em suas vidas, tais como: riscos de gravidez, preocupação com uma má reputação e ameaças de violência sexual. Nesse sentido, as autoras explicam que possivelmente as mulheres tiveram que se tornar astutas observadoras para perceber sutis nuances nas práticas de sexo casual e

saber diferenciar uma definição da outra. Esse estudo é um importante passo para o reconhecimento das diferentes formas de relação no sexo casual. Ainda que complexas e sutis, é importante compreender suas diferenças: o encontro único do *One Night Stand*; o impessoal e utilitário encontro do *Booty Call*; o mais pessoal e sexualmente focado encontro do *Fuck Buddy*; e o encontro mais complexo e com um certo envolvimento do *Friends with Benefits*.

As quatro definições de sexo casual também foram encontradas no estudo de Claxton e Van Dulmen (2013), que somaram a estas o conceito de *Hook-ups*. Os autores apontaram que esse é o termo mais usado por jovens adultos, mas o mais ambíguo, pois abarca uma variedade de encontros e comportamentos sexuais considerando desde o beijo até o ato sexual. Essa pesquisa de revisão de literatura teve como objetivo examinar o papel das formas de sexo casual para jovens adultos, bem como investigar características individuais e consequências positivas e negativas relacionadas às diferentes formas de relacionamentos e experiências de sexo casual. Os resultados indicaram que dentre os indivíduos que tendem a praticar sexo casual estão pessoas que buscam sensações corporais e que fazem maior uso de álcool. Com relação às motivações, foi destacado que para as mulheres o sexo casual pode estar associado à esperança de que a experiência se torne um relacionamento romântico, ao passo que para homens a motivação apontada foi a busca por status social; para ambos se revelaram como estímulos motivadores o desejo sexual, a atração pelo outro ou a busca por se sentir desejado. Quanto às consequências positivas foram apontadas: sentir-se feliz, desejado, satisfeito e animado; já as negativas foram: sentir-se usado, culpado, envergonhado e com raiva. Os autores perceberam que as consequências negativas encontradas nos estudos sobre o tema são mais presentes em mulheres quando comparadas aos homens, os quais tendem a sentir mais prazer e menos culpa.

Outra revisão de literatura sobre sexo sem compromisso realizada por Garcia *et al.* (2012) ressaltou que as relações sem comprometimento amoroso são cada vez mais comuns entre jovens e demarcam uma mudança cultural em direção à maior abertura e aceitação do sexo sem compromisso. Os estudos pesquisados nesta revisão apontaram que homens e mulheres, embora motivados por relações sem comprometimento, desejam, muitas vezes, relações românticas. Os autores destacaram que estudos sobre o tema devem levar em conta as mudanças nos papéis sociais e novos padrões de relacionamento.

Sobre os novos padrões de relacionamento, o estudo qualitativo de Farvid e Braun (2017) abordou os prazeres e os sofrimentos do sexo casual, com o objetivo de investigar as compreensões sobre esta prática sexual em homens e mulheres adultos heterossexuais, levando em conta suas dimensões psicoemocionais. Para isso foi feita uma análise temática das entrevistas com 30 participantes (15 homens e 15 mulheres) neozelandeses e etnicamente diversos, entre 18 e 46 anos. Como resultado, as experiências de sexo casual foram vistas como excitantes, divertidas e ao mesmo tempo carregadas de ansiedades e de questões relacionadas ao gênero. As vivências das mulheres foram descritas como sujeitas a discursos heteronormativos, os quais são teorizados como entraves/impeditivos de uma relação sexual mais ética, no sentido de igualitária, mútua e consensual. Foram identificadas na análise temática desta pesquisa quatro temas:

- a) *Casual sex as a thrill* (sexo casual como emocionante) — foi considerado uma experiência excitante, despreocupada, espontânea, intensa, que traz novidade e transgressiva. As participantes mulheres trouxeram a questão da liberdade e da aventura sexual e consideraram a transgressão (ir contra o socialmente esperado) algo excitante. Os prazeres descritos por elas foram mais voltados para além do ato sexual em si, tais como: atenção, afeto, intimidade e o flertar; o orgasmo não foi considerado o ponto mais alto do sexo casual, mas também a falta dele foi insatisfatório. As autoras ressaltaram que essa contrariedade dos prazeres do sexo casual é raramente discutida e deve ser aprofundada.
- b) *Casual sex as an ego boost* (sexo casual como uma inflação do ego) — um dos aspectos prazerosos do sexo casual é a melhora da autoestima e da autoimagem. Para as participantes é como uma confirmação de que são desejadas e elas se colocam como passivas das ações do homem que as escolheu; já para o homem é prazeroso o “sucesso” (p.10) conquistado, sendo, portanto, uma postura mais ativa e de poder. As autoras concluem que isso confirma as narrativas socioculturais de desequilíbrio de poder entre os gêneros.
- c) *Casual sex as tricky* (sexo casual como complicado) — o sexo casual foi considerado um desprazer nos momentos em que é sentido como estranho e desconfortável no sentido de quando existe uma negociação

sexual no encontro. Os participantes esperam que o ato sexual ocorra de forma espontânea e natural, sem discussões.

- d) *Casual sex as deficient* (sexo casual como deficiente) — algumas vezes o sexo casual foi considerado pelos participantes como decepcionante e insatisfatório. O decepcionante estava mais relacionado ao ato sexual em si; e, nas entrevistas, as participantes mulheres se colocaram num lugar de passividade, onde o decepcionante aconteceu com elas, colocando apenas o homem no lugar de agente da situação. As autoras relacionam este resultado a uma posição tradicional da mulher dentro do sexo em que ela é passiva e não ativa na relação — ela está ali para receber. Outro aspecto citado foi a falta de familiaridade e conexão emocional com o parceiro: o sexo mecânico foi citado como deficiente e vazio — tanto no ato sexual quanto em termos emocionais.

As relações sexuais que incluíam o vínculo emocional e a intimidade foram consideradas mais privilegiadas e superiores do que as relações de sexo casual. Este último foi visto como uma forma de relação em que falta honestidade, intimidade emocional e comunicação — essenciais para uma experiência sexual completa e que muitas vezes esta prática sexual não proporciona. Para os participantes, o sexo com conexão foi considerado muito mais prazeroso do que uma relação que é *just sex* — apenas sexo (FARVID; BRAUN, 2017).

Essa importância da conexão corroborou o resultado de outra pesquisa de Farvid e Braun (2013), sobre as supostas regras e etiquetas do sexo casual heterossexual consideradas ideais nos textos online (blogs, artigos não científicos, revistas online e textos de opinião). As autoras ressaltaram uma hierarquia das relações sexuais e o mais priorizado é a relação com o *The One* (o escolhido), seguido de: relações monogâmicas; namorar em busca do *The One*; relações de sexo casual mais longas (*friends with benefits* ou *fuck buddy*); *one night stand*; e por último *booty call*. Nestas relações, quanto maior o envolvimento emocional ou o compromisso, maior o status. Isso revela uma mononormatividade intrínseca nas relações contemporâneas e o sexo casual acaba sendo visto como passageiro/temporário, entre uma relação estável e outra, e não como uma alternativa à monogamia. O sexo casual não foi visto como uma experiência sexual completa (pois não envolve afeto), mas apoia e reforça a monogamia compulsória dentro da heterossexualidade.

Farvid e Braun (2013) sugerem futuros estudos que aprofundem na questão da intimidade emocional, considerada importante para as relações heterossexuais, e em como esses vínculos formam as relações e os desejos da mononormatividade. Talvez uma desconstrução crítica da intimidade emocional (e a presumida natureza de exclusividade) possa ser vital para dismantelar a mononormatividade evidente na heterossexualidade contemporânea.

Sobre a heterossexualidade contemporânea, as formas de relacionamento sexual sem compromisso perpassam aspectos positivos e negativos na vida dos jovens, e o estudo qualitativo de Weaver, MacKeignan e MacDonald (2011) teve como objetivo explorar tais aspectos. De uma forma geral, os 26 participantes deste estudo falaram sobre o sexo sem compromisso como uma experiência positiva. Por meio de uma análise temática, os autores identificaram os seguintes temas como aspectos positivos: (1) viver num contexto universitário e estar em um momento de vida apropriado para ter esse tipo de relação sexual; (2) sentir conforto e confiança; (3) sexo casual proporciona novas experiências, intimidade e companhia; (4) ter uma sensação de liberdade e controle; e (5) ser uma forma de ter livre acesso às práticas sexuais. Com relação aos aspectos considerados negativos, os seguintes temas foram apontados: (1) possibilidade de se envolver e acabar emocionalmente machucado; e (2) sexo sem compromisso pode arruinar a amizade e complicar a relação entre os parceiros.

Outro tema apontado tratou sobre as diferenças em como homens e mulheres vivenciam o sexo sem compromisso, destacando relatos de participantes que referiram existir diferenças nas experiências vivenciadas entre os sexos: as mulheres são mais julgadas e vistas negativamente, ao passo que ao homem é concedida maior liberdade sexual, existindo assim um duplo padrão sexual, pois as normas sociais que determinam práticas de comportamentos sexuais são diferentes conforme o gênero. Além disso, os participantes falaram sobre o sexo sem compromisso como sendo uma prática que é desafiada pelas expectativas tradicionais de gênero, que esperam que os homens sejam mais motivados pelo sexo e não demonstrem envolvimento emocional e que as mulheres sejam aquelas que se envolvem emocionalmente com o parceiro (WEAVER; MACKKEIGNAN; MACDONALD, 2011).

O duplo padrão sexual pode gerar sentimentos de ambivalência para a mulher no sexo sem compromisso, o que apareceu também no estudo mexicano de Tejada *et al.* (2018). O objetivo foi explorar as representações sociais de jovens sobre o sexo

sem compromisso. Os resultados dessa pesquisa mostraram que para as mulheres a prática do sexo sem compromisso representa, de um lado, uma forma de controlar a própria sexualidade, e de outro, um polo oposto ao sentimento de liberdade sexual — para algumas participantes o sexo sem compromisso representava uma irresponsabilidade (quando consideravam, por exemplo, o risco de uma gravidez não desejada), uma maneira de encontrar uma relação romântica ou uma possibilidade de suprir o vazio sexual ou romântico. Referiram ainda a percepção de que as relações sem compromisso são mais seguras se o parceiro sexual for um amigo e que estas teriam maiores possibilidades de se tornar uma relação romântica.

A busca de um relacionamento amoroso tradicional da mulher no sexo sem compromisso também foi resultado da pesquisa qualitativa de Jota (2008) realizada com sete participantes. Este trabalho de mestrado teve como objetivo compreender em que medida o sexo casual suscita a existência de questões subjetivas femininas na contemporaneidade. Por meio de uma análise do discurso, os resultados apontaram que as mulheres participantes praticavam o sexo casual, mas mantinham a preferência por um parceiro fixo e com quem tivessem intimidade. Dessa forma, elas viam a prática do sexo casual como uma falta de opção e um movimento de estar em busca de um parceiro/namorado. Alguns sentimentos relacionados ao sexo sem compromisso relatados pelas participantes foram: dúvidas, inseguranças e desencantos. A autora abordou a prática do sexo casual como um modo de expressão da subjetividade feminina na contemporaneidade e como um modo da mulher se relacionar com o outro não só sexualmente, mas também afetivamente. Jota (2008) apontou para um desconhecimento sobre o lugar da sexualidade nas vivências das mulheres e concluiu não perceber uma busca da mulher pelo sexo casual, mas sim um modo de se relacionar com o outro e de abrir portas para um relacionamento com compromisso — ainda assim, as participantes do estudo relataram que no sexo casual elas sentem ter menos pudores e menos preocupação em agradar o parceiro.

A questão do duplo padrão sexual também apareceu nas pesquisas de Simão (2017); Pedersen, Tutenges e Sandberg (2017); e Farvid, Braun e Roney (2017). A primeira foi um estudo quantitativo sobre o sexo sem compromisso, do qual participaram 60 homens e 60 mulheres brasileiras; a segunda, um estudo qualitativo com 104 jovens noruegueses sobre *One Night Stand*; a terceira um estudo qualitativo que examinou o duplo padrão sexual no discurso acerca do sexo casual heterossexual com 15 mulheres neozelandesas entre 19 e 25 anos. Os resultados das pesquisas

demonstraram que as práticas sexuais sem compromisso eram compreendidas pelos participantes como vivências prazerosas e sem expectativas de vínculos, destacando-se a ambivalência nas mulheres, que consideravam nessas práticas uma possibilidade de trocas afetivas e eventual formação de vínculo. Simão (2017) chamou a atenção para o desejo das participantes do seu estudo de serem vistas como mulheres que se sentem livres para ter satisfação sexual não associada necessariamente ao amor e à relação estável. Essas mulheres relataram, ainda, conseguirem atingir o orgasmo na relação sexual sem compromisso e se preocuparem com o prazer próprio ao invés da satisfação do parceiro.

Além disso, as participantes da pesquisa de Farvid, Braun e Rowney (2017) colocaram a liberdade sexual como um lugar difícil de ocupar — o que revela ainda mais o duplo padrão sexual. Mesmo que as participantes considerassem o sexo casual como uma prática aceitável para as mulheres, nas entrelinhas existia o medo de uma má reputação sexual e do julgamento dos outros de serem taxadas como *sluts* (vagabundas). Isso ressalta o peso da vivência da sexualidade para as mulheres: o sexo casual é uma prática aceita, mas existem códigos sociais e o quanto é aceitável uma mulher ter relações casuais. Esses códigos sociais são sutis imperativos sobre o que é que se pode ou não fazer no sexo sem compromisso, por exemplo, a mulher que dorme com um completo desconhecido ou com uma pessoa diferente a cada noite é negativamente vista. Parece que esse discurso endossa a binariedade da imagem da mulher entre a santa e a prostituta, ou a sexualmente livre e a *slut*: a primeira é a que faz sexo casual de forma certa — ocorre ocasionalmente, é exigente na escolha do parceiro, faz sexo seguro e responsável e não machuca o outro; e a segunda pratica sexo casual de forma errada — ocorre frequentemente, com estranhos e não é exigente na escolha do parceiro. Esse duplo padrão sexual ainda demarca fronteiras e policia as mulheres sobre seus comportamentos, falas, condutas e formas de se vestir.

O medo do julgamento de ser vista como promíscua — ter relações sexuais casuais com vários parceiros — também apareceu na pesquisa de Farvid e Braun (2018). O objetivo era verificar os riscos que os 30 participantes (15 homens e 15 mulheres) associaram ao sexo casual em relação ao gênero. Para os homens, os riscos associados eram sobre a performance sexual (como por exemplo não conseguir ter uma ereção). Para as mulheres, além do risco da reputação de ser promíscua, elas também relacionaram à segurança, no sentido de serem vítimas e se colocarem numa

posição de cuidado para não estar em situações perigosas. Outro risco relatado foi a coerção sexual — serem pressionadas a ter uma relação sexual. As autoras concluíram que os discursos dominantes de gênero permearam as entrevistas sobre os riscos do sexo casual heterossexual — as mulheres estão na posição de vulnerabilidade e com a prioridade da segurança física; os homens estão na posição de dominantes e de priorização de suas performances sexuais.

Weaver, Mackeignan e Macdonald (2011) refletiram sobre o duplo padrão sexual como sendo mais “diluído” no sexo casual, mas que ainda carrega vestígios de noções tradicionais de gênero e sexualidade que lentamente se dissipam (p. 52). Portanto, mesmo com as recentes mudanças sexuais no ocidente, homens e mulheres heterossexuais ainda estão na posição do modelo hétero e mononormativo e Farvid e Braun (2017) ressaltam a importância de desconstruir essas normas por meio de um olhar mais fluido e contextual sobre a sexualidade, em especial a heterossexualidade. Isso pode vir a promover a diversidade de gênero e igualdade.

## **2.2 Sobre o prazer sexual da mulher**

As pesquisas sobre o prazer sexual da mulher, de uma forma geral, mostraram diferenças nos resultados: algumas mulheres não se preocupam com o prazer próprio e sim em dar prazer ao parceiro, ao passo que outras acreditam que o próprio prazer é o mais importante na relação sexual (FAHS, 2014; KOBAYASHI; REIS, 2015; MÖLLER; ANDRADE, 2011; OPPERMAN *et al.*, 2014; VIEIRA *et al.*, 2016).

A controvérsia entre priorizar o próprio prazer sexual ou o prazer do parceiro foi apontada por mulheres em duas pesquisas realizadas no Brasil, nas quais participantes jovens adultas e solteiras relataram dar importância ao próprio prazer sexual e, contrariamente, participantes casadas e de meia idade ou idosas, relataram a preocupação em satisfazer o parceiro sexualmente, principalmente com a finalidade de manter a união ou o relacionamento (MÖLLER; ANDRADE, 2011; VIEIRA *et al.*, 2016).

A preocupação com o prazer sexual do parceiro também foi referida no estudo quali-quantitativo de Kobayashi e Reis (2015) realizado com 60 mulheres com idades entre 18 e 21 anos. Outra pesquisa, de método qualitativo, sobre como a sexualidade é expressa em mulheres casadas de baixa renda de uma região rural da Uganda, obteve resultados parecidos: as participantes relataram que estavam mais na posição

de dar e proporcionar prazer aos seus parceiros (MUHANGUZI, 2015). Para as participantes deste estudo, o sexo foi referido como obrigação no casamento e relataram acreditar que o casamento lhes proporcionava liberdade para expressarem seus desejos sexuais. A autora do estudo concluiu que esses resultados apontam percepções e vivências derivadas de uma cultura heteronormativa do local, que é caracterizada por atitudes, crenças e valores que impõem a submissão do feminino.

A atenção voltada ao prazer do parceiro foi ainda apontada no estudo sobre o orgasmo de Opperman *et al.* (2014), que explorou, por meio de análise temática, os significados associados ao orgasmo e prazer sexual em jovens adultos britânicos. Um dos temas destacados nesse estudo foi denominado "é mais sobre o orgasmo do parceiro" (OPPERMAN *et al.*, 2014, p. 6, tradução nossa). Esta categoria referia relatos de participantes que priorizavam a experiência de orgasmo do parceiro, identificando-se com uma posição de responsáveis pelo orgasmo do outro.

Outra pesquisa sobre orgasmo foi empreendida por Fahs (2014), que estudou o fingimento do orgasmo e os melhores orgasmos em 20 mulheres adultas dos EUA de diversas orientações sexuais. A pesquisa destacou que os melhores orgasmos pareciam levar as mulheres a um novo entendimento sobre si mesmas e seus corpos, assim como transformavam seu entendimento sobre prazer sexual. Fahs (2014) concluiu que o orgasmo tem potencial de proporcionar experiências transformadoras na vida sexual da mulher e ressaltou que o fingimento de orgasmos tende a aparecer mais numa sociedade onde o prazer do parceiro é mais priorizado que o prazer próprio.

O estudo sobre o prazer sexual também foi explorado com participantes mais jovens, revelando que o prazer nem sempre está presente para as meninas, conforme mostrou o estudo qualitativo de Salières *et al.* (2017) sobre os pensamentos a respeito do prazer sexual de adolescentes entre 14 e 18 anos sexualmente ativos. As adolescentes participantes dessa pesquisa relataram perceber seus corpos como complicados e por isso teriam dificuldade para se masturbarem, sentirem prazer e saberem o que as faz senti-lo. Para essas adolescentes, as mulheres sentem menos prazer nas relações sexuais porque desconhecem os próprios corpos e não são encorajadas a explorar seus prazeres sexuais. Os autores do estudo apontam que a masturbação e a exploração feminina do próprio corpo são culturalmente menos aceitas para as mulheres, o que se reflete na dificuldade relatada pelas participantes

em conhecer suas preferências e desejos sexuais e, em última instância, na atitude das mulheres de priorizar o prazer sexual do parceiro em detrimento do prazer próprio.

Um estudo que abordou o prazer sexual na masturbação foi o de Paterson *et al.* (2014). Tratou-se de uma pesquisa experimental em laboratório que objetivou comparar padrões de excitação sexual de homens e mulheres (entre 18 e 30 anos) e examinar os correlatos psicológicos e fisiológicos durante o orgasmo. Os correlatos fisiológicos (temperatura genital) foram coletados durante a prática da masturbação em laboratório e os correlatos psicológicos foram coletados por meio de entrevistas realizadas após a prática da masturbação. Como resultado, o prazer na masturbação apresentou diferenças entre homens e mulheres. Para as mulheres, os resultados provenientes das avaliações fisiológica e subjetiva foram discrepantes: observou-se nas participantes altos níveis fisiológicos de excitação sexual durante a masturbação, contudo nas entrevistas elas afirmaram não se sentirem excitadas. Para os autores essa discrepância pode ser decorrente da não aceitação cultural da masturbação feminina, o que poderia explicar a baixa inclinação das participantes do estudo a reportar altos níveis de excitação sexual e desejo durante a masturbação.

Conforme os resultados dos estudos revisados, o sentimento de prazer das mulheres no sexo pode ser vivido de forma ambivalente — elas parecem transitar entre polaridades de sentimentos de liberdade sexual e valorização do seu prazer versus o desconhecimento sobre suas preferências e desejos sexuais e valorização maior do prazer do parceiro. Entre mulheres adultas, de meia-idade, idosas e casadas, foi mais comum o relato de priorizarem o prazer sexual do parceiro, ao passo que as jovens adultas e solteiras relataram dar maior importância ao prazer próprio na relação sexual, porém ainda com influências culturais heteronormativas que dificultam vivenciar esse prazer.

A cultura heteronormativa que reprime a sexualidade pode ser um entrave à mulher em conhecer e entender seu corpo, seus desejos e preferências sexuais (MUHANGUZI, 2015; PATERSON *et al.*, 2014; SALIARES, *et al.*, 2017). Esse desconhecimento sobre a própria sexualidade pode estar relacionado à forma como as mulheres vivenciam o prazer nas relações sexuais, o que pode até mesmo levá-las a esquecer o próprio prazer e valorizar apenas o prazer do seu parceiro. Destarte, a ambivalência quanto à vivência do prazer sexual que foi observada nos estudos revisados reflete um contraste entre alguns avanços que já foram alcançados pelas

mulheres com relação a autonomia do corpo e liberdade das práticas sexuais e sociais, e os valores tradicionais que permanecem arraigados nessa cultura.

### 3 A MULHER E A SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

*Pensei numa canção, meu bem  
Que falasse de amor, então vem cá  
Me dá um beijo, que eu quero  
Teu cheiro grudado no meu edredom*

*Me ensino a ter paciência, ciência  
Que instiga o meu eu  
Já foi, quero andar por aí  
Descalça, sem nada, ao lado de um vinho bom*

*Deitado na mesa de um bar  
Reconheço o teu cheiro ao entrar  
Que me deixa louca, rouca  
A moça não vai aguentar*

*São cinco versos, seis ou mais  
Que me fazem querer gritar  
Tiro a roupa com um riso acanhado  
Meu bem, me chame de tua*  
Liniker e os Caramelows — Tua, 2016

#### 3.1 As compreensões sobre a mulher e a sexualidade na história e as suas mudanças

A caça às bruxas, um movimento de perseguição religiosa e social que teve seu início no século XV, é considerado por Federici (2017) o início da degradação da mulher e repressão da sexualidade, e traz marcas indeléveis na psique coletiva. Com esse movimento ocorreu a destruição de um universo de práticas femininas e de todo um sistema de conhecimento na Europa pré-capitalista. Essa é uma questão importante da história que reflete sobre a imagem da mulher até os dias atuais, visto que o movimento trouxe uma nova ideia de mulher — passiva, submissa, obediente, casta e de poucas palavras — a esposa ideal.

Além de aprofundar a divisão entre homens e mulheres, a caça às bruxas inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e as colocou como destruidoras do sexo masculino. A sexualidade feminina foi transformada em objeto de temor e força demoníaca, sendo uma mulher sexualmente ativa um perigo público e de ameaça à ordem. Neste sentido, qualquer atividade sexual que ameaçasse a procriação passou a ser criminalizada. A sexualidade considerada “não produtiva” (p. 350) era proibida, como a homossexualidade, sexo entre jovens e velhos, a nudez e até mesmo a dança (FEDERICI, 2017).

A imagem da bruxa era a da luxúria insaciável e essas mulheres eram vistas como seres diabólicos. As bruxas não eram apenas as parteiras e as mendigas, mas também as mulheres libertinas e promíscuas, as prostitutas e as adúlteras. Em resumo, segundo o que discorreu Federici (2017), uma bruxa era em geral uma mulher que vivia sua sexualidade fora do casamento e da procriação, uma mulher que respondia e discutia.

A caça às bruxas estabeleceu uma relação com a prostituta, que na Idade Média era vista como figura positiva, depois passou a ter uma conotação negativa e foi considerada por Federici (2017) uma figura feminina rejeitada. Os séculos XVI e XVII foram o apogeu da caça às bruxas e inauguraram de fato a era da repressão sexual.

De uma forma geral, com a reforma Católica entre os séculos XII e XVIII, acentuou-se o pudor e a mulher foi afastada de seu próprio corpo, então impuro e coberto. A vagina era um espaço destinado à maternidade e o prazer não era permitido; destituiu-se o corpo da mulher de qualquer valor erótico. A mulher “carregou por quinze séculos a pecha imposta pelo cristianismo: herdeira de Eva, foi responsável pela expulsão do paraíso e pela queda dos homens” (DEL PRIORE, 2014, p. 34).

O mundo barroco do século XVII, do chocolate, almíscar e aromas importados, foi substituído pelo mundo industrial marcado pelo desempenho do trabalho e movido a tabaco e café. Não havia mais tempo para o prazer, só para o trabalho. A concepção de sexo como pecado implicava na proibição de tudo que proporcionasse prazer: desde carícias, até flertes e galanteios. Essa proibição da Igreja às formas de prazer sexual se enraizaram lentamente no Brasil, mas de forma definitiva (DEL PRIORE, 2014)

Ser mulher se tornou sinônimo de ter pudor e por décadas os homens esqueceram as reações de prazer da mulher no sexo. Del Priore (2014) discorre sobre os conceitos de beleza, erotismo e prazer como atrelados às mulheres perdidas. Esperava-se que a mulher fosse naturalmente frágil, bonita, sedutora, boa mãe, submissa e doce. Acreditava-se que o instinto materno anulava o sexual e, assim, a mulher que sentisse desejo ou prazer sexual era considerada anormal.

O século XIX foi considerado por Del Priore (2014) um século hipócrita, pois neste período o sexo era reprimido e ao mesmo tempo as pessoas eram por ele obcecadas. Foi um período em que se impunham regras aos casais e liberavam os bordéis. Distingua-se dois tipos de mulher: a respeitável para casar e a prostituta para

ter relações sexuais. Foi um século que a sexualidade ficou dividida entre o sexo legítimo e permitido no casamento e o sexo ilegítimo e praticado na prostituição.

Outrossim, foi nessa época em que essas crenças dicotomizadas acerca do sexo e da imagem da mulher moldaram a visão sobre a psicopatologia humana, pois compreendia-se a sexualidade do ponto de vista reprodutivo e patologizava-se o que estava fora disso, como fantasias sexuais e masturbação. Foi a teoria de Freud que trouxe mudanças sobre a concepção da sexualidade para além da reprodução, ao considerar outros instintos diferentes e integrados (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980).

Similarmente, Jung (1927/2011) em *O problema amoroso do estudante* pontuou a importância da sexualidade para a consciência social, ao levar em conta toda sua complexidade psíquica e o quanto a ampla discussão sobre questões sexuais auxiliaram para além das explicações médicas. E mais, passou a incluir a sexualidade em debates sobre grandes problemas e com a devida seriedade e importância, sem deboches ou depreciações.

No século XX, com essas mudanças de concepções da sexualidade, o corpo ganhou um papel de movimento e animação com o lazer, o teatro, festas públicas, esporte, cinema e dança. Houve um incentivo a outras formas de exhibir o corpo e esse novo modo de viver incluía a exposição física, busca do prazer, crença na ciência e um processo de formação de cultura constituída no hibridismo urbano. Foi um século de afrouxamento das disciplinas do passado em benefício do prazer (DEL PRIORE, 2014).

Com esse afrouxamento dos controles, pôde-se descobrir melhor o corpo feminino e seus prazeres. As mulheres começaram a se despir para praticar esportes, dançar ou atuar nos palcos e a sensualidade feminina ficou atrelada à saúde. Conforme Del Priore (2014), a mulher começa a tomar mais decisões sobre sua vida, porém se torna objeto passivo de consumo do homem com sua sensualidade. Todavia, essa sofisticação de seu corpo lentamente valorizada não caminhava junto com o conhecimento da mulher sobre o sexo e a educação sexual vinha com informações sempre vagas, especialmente para as mulheres.

Na década de 1950 as distinções de papéis femininos e masculinos continuaram nítidas, mesmo com a mulher no mercado de trabalho sendo algo cada vez mais comum por causa do crescimento urbano e industrial devido ao fim da Segunda Guerra Mundial. A mulher ideal permaneceu definida nos modelos

tradicionais: pureza, doçura e “dar-se ao respeito” (p. 161) era a ordem, já não casar era considerado um fracasso (DEL PRIORE, 2014).

Apesar disso, nesse período multiplicaram-se as opções de vida noturna nos centros urbanos, com bares e pontos de encontro. Foi uma época em que a moral sexual se flexibilizava e se “começava a acreditar que amor e prazer podiam andar juntos” (DEL PRIORE, 2014, p. 171).

Nos anos 60 e 70 eclodiu a revolução sexual. Tornou-se norma o direito ao prazer e inclusive as mulheres deixaram de ser penalizadas ao manifestar seu interesse por alguém. Além disso, o orgasmo simultâneo dos parceiros começou a medir a qualidade das relações e significava também o reconhecimento da capacidade feminina de gozar. Nesse período o ato sexual deixou de ser exclusivo da procriação, em especial com a descoberta da pílula anticoncepcional. A sexualidade feminina passou a ser também fonte de deleite e a mulher passou a ter maior autonomia sobre as escolhas de sua trajetória de vida: cursar um ensino superior ou participar do mercado de trabalho, sem ser interrompida por uma gravidez (DEL PRIORE, 2014).

A “família pós-familiar” de 1980 (p. 227) veio com a revolução tecnológica que permitiu a emancipação econômica dos indivíduos e a não obrigação da vida familiar. Com isso, a contracepção e a mulher no mercado de trabalho passaram a ser uma exigência e deixou de ser um preconceito, o que conforme Del Priore (2014), aumentava a independência da mulher sobre sua vida.

Na intimidade, a sexualidade se liberou por completo das exigências de reprodução e tornou-se mais livre, fluida e aberta. A sexualidade passou a estar relacionada à identidade de cada um e não mais à uma norma coletiva predeterminada. Todos esses fatores auxiliaram na evolução científica da sexualidade, em especial na sexologia.

Masters e Johnson (1984) descreveram a resposta sexual masculina e feminina em seus extensos estudos e trabalhos clínicos e laboratoriais com homens e mulheres. Os autores concluíram que a resposta sexual tinha quatro fases: excitação, platô, orgasmo e resolução. Além disso, relataram que o desempenho sexual do homem não tem relação com o tamanho do órgão sexual e que não existe oposição entre orgasmo clitoriano e vaginal. Tais conclusões dissiparam equívocos de longa data sobre o orgasmo feminino levantado por Freud, em que o vaginal era considerado maduro e normal e o clitoriano remetia a algo infantil, regressivo e neurótico.

Outra estudiosa da sexualidade humana foi Helen Singer Kaplan (1974), psiquiatra e psicanalista, foi a primeira a adotar uma abordagem biopsicossocial integrada à psicanálise para o tratamento de problemas sexuais, além de associar ao tema múltiplas influências teóricas. O seu trabalho possibilitou uma interface entre psicologia profunda e a terapia de foco sexual para solucionar as questões sexuais de etiologias complexas.

Outrossim, a feminista e sexóloga Shere Hite (1976) realizou uma das mais extensas pesquisas em sexualidade, o *Relatório Hite*, onde mostrou que 70% das mulheres só obtinham orgasmo com estimulação clitoriana e apenas 30% com penetração vaginal. Seu livro teve grande impacto social e ampliou discussões sobre o feminismo.

Com os avanços nas pesquisas científicas, descobriu-se que a resposta sexual da mulher é diferente do homem, pois é mais subjetiva e complexa, onde a excitação e o desejo muitas vezes se mesclam, o que torna difícil distinguir um do outro. Além disso, na ausência do orgasmo a sensação de satisfação sexual é mais frequente na mulher do que no homem. Diante disso, Basson (2000) defendeu o modelo circular de resposta sexual feminina que é composto por cinco fases:

1. Início da atividade sexual com ou sem motivação sexual e até mesmo sem consciência do desejo sexual;
2. Excitação subjetiva com resposta física, por conta do estímulo erótico;
3. Vivência da excitação subjetiva, que leva a uma consciência do desejo sexual;
4. Aumento gradativo da intensidade da excitação e do desejo responsivo, levando ou não ao orgasmo;
5. Satisfação emocional e física.

Todas essas pesquisas influenciaram para que culminasse uma nova lógica sobre prazer e sexo. O imaginário sexual se tornou uma enorme estratégia de vendas, que segundo Del Priore (2014) as mudanças sobre o sexo foram “de reprimido e disciplinado, depois instrumento de emancipação e igualdade nos anos 70 e 80, passou a um poderoso aliado do consumo e hedonismo.” (p. 236).

Atualmente o sexo é ostentação e a relação sexual e amorosa se democratizaram, já considerados como um mundo de liberdade e invenção. Hoje o instantâneo é mais valorizado e, como colocou Del Priore (2014), “se no passado éramos castos e cobertos, hoje somos desnudos e exibidos” (p. 237).

### 3.2 Amor, intimidade, erotismo e sexo na contemporaneidade

Todas essas transformações sociais ao longo da história sobre a mulher e a sexualidade, levaram às mudanças nas formas de vivenciar o amor, a intimidade, o sexo e o erotismo. Hoje desnudos e exibidos, como colocou Del Priore (2014), faz-se necessário rever e refletir sobre as relações amorosas na contemporaneidade.

Na contemporaneidade, com a contradição entre a liberdade de escolha e a tentativa de normatizar os comportamentos, os relacionamentos amorosos são afetados: mostra-se uma baixa tolerância ao desprazer (conflitos, tensões e frustrações) e as relações assumem papel exclusivo de fonte de prazer, sem serem necessariamente recíprocas e, assim, tornam-se descartáveis (MORAES, 2015)

De acordo com Moraes (2015), essas características se aproximam dos domínios de Narciso e a eventual aproximação de Eros ameaça o controle de prazer/desprazer, visto que coloca no Outro a fonte de prazer e assim expõe as suas vulnerabilidades intrínsecas. Talvez num equilíbrio dessas forças eróticas e narcísicas seria possível apoiar a capacidade de amar a si mesmo e ao outro. Dessa forma, “o narcisismo presente na cultura atual seria uma etapa para a transição do amor romântico de fusão para o amor de alteridade” (p.5).

Ademais, para o filósofo coreano Byung-Chul Han, falta eros (amor) na atual sociedade. Em seu livro “Agonia do Eros” (2017) ele discorre sobre como hoje em dia a sociedade é do consumo, do desempenho, da positividade e da exposição. Essas transformações influenciam as formas de se relacionar com o outro e nas experiências da sexualidade.

Han (2017) discorre sobre a existência de uma infinita liberdade de escolhas e multiplicidade de opções que podem levar ao desaparecimento do amor. A tendência da sociedade do consumo e do desempenho é de igualar tudo e todos, eliminar assimetrias e diferenças, o que torna a sociedade um inferno do igual. Não há espaço para a experiência erótica no igual, pois essa vivência pressupõe a assimetria e exterioridade do outro.

Com relação à sociedade do desempenho, Han (2017) afirma que está dominada pelos verbos do poder, como apreender, possuir e reconhecer. Eros, por sua vez, possibilita a relação com o outro sem os verbos do poder e faz o sujeito se aprofundar para além do desempenho. Nessa lógica (do desempenho), o sexo se tornou uma performance e o corpo um valor expositivo, como se fosse uma

mercadoria, enquanto o outro é objeto de excitação em vez de ser visto como uma pessoa com uma personalidade sexual. E com um objeto não é possível se relacionar, mas sim possuí-lo. A relação com o outro só é possível com eros, pois ele tira o sujeito de si e o direciona para o outro, o que possibilita uma experiência de alteridade e, assim, o tira do inferno do igual.

Sobre a sociedade da positividade, o autor ressalta que não há espaço para a negatividade. Nisso, o amor se tornou algo apenas positivo e que deve gerar somente sentimentos agradáveis. Logo, não se permite o amor enquanto paixão, sofrimento e vulnerabilidade, que são características consideradas negativas. A sexualidade precisou se submeter ao mandamento da saúde e a positividade se tornou uma obrigação.

A sexualidade na sociedade da positividade e do consumo tornou o sexo uma “rapidinha” (p. 40) como algo oportunista e sem qualquer negatividade. A ausência da negatividade faz do amor um objeto de consumo onde se busca apenas o conforto do igual. Por isso, nessa crescente positividade, perdeu-se a transformação e a vulneração que o amor possibilita (HAN, 2017).

Porém, a negatividade é essencial para a vida e o meramente positivo aniquila-a e faz com que seja um “mero viver” (p. 52). A pornografia serve a esse mero viver e destrói a sexualidade no sentido da falta de toque e de encontro com o outro. Neste sentido, a pornografia também profana o erotismo, pois ela expõe a nudez sem mistério e expressão, e transforma essa exibição e exposição em mercadoria. Essas características são parte da sociedade da exposição descrita por Han (2017), que aniquila o mistério erótico. A agonia do eros é o desaparecimento do outro numa sociedade em que há apenas iguais.

Essa ideia da relação com o outro como uma mercadoria, sem se entregar (no sentido de estar vulnerável) e a valorização do desempenho, corrobora a ideia de Bauman (2004) sobre as relações contemporâneas. O autor acredita que atualmente as relações são líquidas e liquefeitas, em que não há aderência entre os pares e o outro é descartável. Essa vivência torna o amor algo banal e a finalidade é o prazer instantâneo, sem paixão e entrega. Concentra-se na performance do sexo, e se esquece do êxtase, da sedução e do mistério.

Nessas relações líquidas, em que a quantidade é mais importante que a qualidade, gera-se sucessivas tentativas de busca por esses sentimentos fugazes, criando a incapacidade de amar. Bauman (2004) não é contrário à liberdade sexual,

sua crítica é sobre a valorização excessiva de encontros casuais em que não há uma estrutura e metaforiza: “voar suavemente traz contentamento, voar sem direção provoca estresse” (p. 65). As práticas sexuais adaptadas aos padrões de consumo constroem uma espécie de garantia de reembolso em que os parceiros dos encontros casuais podem se sentir seguros e estão conscientes que a falta de restrições compensa a “perturbadora fragilidade de seu engajamento” (p. 70). Neste sentido, o filósofo traz a questão da ambiguidade desse encontro sexual: um passo inicial de uma futura relação ou ato independente? Nenhum encontro sexual episódico está a salvo de suas consequências e, portanto, a insegurança e a incerteza estarão sempre presentes.

Outrossim, Bauman (2004) cita a teoria de Giddens (1992) do relacionamento puro como o modelo alvo ideal da parceria humana, mas que pressupõe que o sexo traga uma satisfação por si mesmo. Isso gera frustrações e sofrimentos, visto que se mantém numa lógica da sociedade de consumo, como uma “satisfação garantida ou seu dinheiro de volta” (p. 65).

A ideia do relacionamento puro de Giddens (1992) é um dos tipos de relacionamentos amorosos abordados em sua teoria da transformação da intimidade. Por conta de uma sexualidade mais liberal e desvinculada da reprodução, foi possível uma democratização radical da vivência sexual e afetiva. A partir dessas transformações emergiram três tipos de relacionamentos amorosos: o relacionamento puro, o amor confluyente e a sexualidade plástica.

O relacionamento puro é se relacionar com alguém com a finalidade da própria relação, a qual se mantém quando ambos consideram extrair satisfação suficiente para, individualmente, nela permanecerem. Essa é uma reestruturação da intimidade. Antes o amor era associado à sexualidade pelo casamento, mas agora ambos estão relacionados pelo relacionamento puro. Atualmente as ideias de amor romântico (uma identificação projetiva e da busca pelo outro como algo que o completa) tendem a se fragmentar com a pressão da emancipação e autonomia sexual feminina (GIDDENS, 1992).

Por sua vez, o amor confluyente é oposto à ideia do amor romântico. Segundo o autor, é um amor ativo e contingente e por isso entra em choque com a ideia de “para sempre” e “único” (p. 72) do amor romântico. A importância não está na pessoa especial, mas sim no relacionamento especial. Presume-se igualdade em emocionalmente dar e receber; o amor só se desenvolve até o ponto em que cada

parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e em estar vulnerável. Nesse tipo de relação, o erótico está no cerne do relacionamento e transforma o prazer sexual recíproco num elemento chave da sua manutenção ou dissolução. É um ideal de amor para uma sociedade em que todos tenham a oportunidade de ser sexualmente realizados.

Além disso, com essa forma de amar, desaparece a distinção entre a mulher respeitável e a marginalizada. O amor confluyente não é necessariamente monogâmico no sentido de exclusividade sexual e está estruturado na diferença, em que é fundamental conhecer as peculiaridades do outro. É considerado uma versão de amor que a sexualidade do outro é um fator a ser negociado como parte do relacionamento (GIDDENS, 1992).

Por fim, a sexualidade plástica é definida como independente de objetivos reprodutivos e é crucial para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. Essa sexualidade possibilita encontros sexuais episódicos como uma forma de exploração e, mesmo com contato impessoais e passageiros, pode ser uma forma positiva da experiência do cotidiano e revela o sexo libertado de suas amarras tradicionais. Essa sexualidade episódica pode ser uma forma de evitar a intimidade, mas também pode ser um modo de promovê-la ou elaborá-la. Giddens (1992) coloca a exclusividade sexual como apenas uma das formas de compromisso com o outro.

Num mundo de sexualidade plástica e relacionamento puro, a monogamia no sentido de exclusividade sexual como critério de confiança deve ser reelaborada. Obviamente não é uma permissividade, pois a sexualidade plástica cria uma ética de vida pessoal que torna possível a conjunção de felicidade, amor e respeito pelos outros. Ademais, na transformação da intimidade, a comunicação é um dos aspectos essenciais do erotismo, pois ele reintegra a sexualidade na “arte de dar e receber” (p. 220), ou seja, a reciprocidade. Com isso, a intimidade tem como base a confiança e isso leva à renúncia de controle do outro (GIDDENS, 1992).

Giddens (1992) discorre sobre a sexualidade como um aspecto maleável do eu, uma conexão entre corpo, normas sociais e autoidentidade. O amor confluyente possibilita uma revitalização do erótico como qualidade das relações formadas pela mutualidade e não pelo poder desigual e por mulheres impuras. Nesse processo as mulheres têm papel fundamental, pois estão encarregadas da administração da transformação da intimidade, onde a reivindicação do prazer feminino é um aspecto essencial. As mulheres, mesmo com fortes ideias sobre o amor romântico, querem

um controle prático de suas vidas ao darem importância à formação profissional e trabalho remunerado com o objetivo de autonomia financeira, sem ser o casamento o centro de seus planejamentos futuros.

### **3.3 A mulher do século XXI**

A mulher do século XXI deseja se sentir livre, amada, respeitada, produtiva e ter relações sexuais satisfatórias sem sentimento de culpa. Parece que ela deseja reconhecimento, amor, prazer, sucesso e se permite ter novas experiências assim como ocupar novos espaços, o que fortalece sua autoestima. As mulheres contemporâneas estão escolhendo não trair a si próprias, mas ser fiéis aos seus desejos, questionar padrões patriarcais e evitar se perder em relações descartáveis. O papel que a mulher começou a ocupar levou a novos caminhos e contratos entre homens e mulheres, transformando as relações numa ética baseada em reciprocidade, cooperação e legitimidade. Além disso, com os avanços tecnológicos, distâncias foram encurtadas e a comunicação se tornou mais instantânea, o que afeta as relações de pertencimento, autonomia e as experiências de intimidade (COLOMBO *et al.*, 2008).

A revolução tecnológica introduziu no cotidiano da sociedade a internet e lançou todos em outra dimensão: o ciberespaço. A mulher se torna, assim, também cidadã do mundo. O espaço virtual é um campo publicamente acessível e favorece expressões de fantasias, desejos, interesses e segredos. Esse novo espaço possibilitou à mulher revisar sua identidade e permitiu escolher ambientes virtuais para participar de locais de procura e provável encontro de parceiros amorosos (PAULINO, 2008).

A mulher contemporânea se torna, conforme Paulino (2008) “mulher-camaleoa” (p. 35) e pode assumir múltiplas identidades e expressar sua própria virtualidade. Ser camaleoa implica num contínuo processo de ressignificação de si mesma que tem por extensão a relação virtual nas redes sociais. A imersão da mulher no ciberespaço em procura de relações amorosas possui alternadas finalidades: busca de namorado, de confidente, de parceiro erótico/sexual ou de um amante. Nesse contexto, a mulher contemporânea começa a desmistificar o velho amor romântico e admite novas formas de se relacionar amorosamente, novos estilos de vida e de planejamento familiar.

Assim, amor e sexualidade podem ser vividos juntos, ou não, e um encontro amoroso pode durar pouco ou muito, conforme o desejo da mulher.

Na atualidade é comum a mulher buscar parceiros ou encontros amorosos em aplicativos de *smartphones*. Figueiredo (2016) estudou este tema e trouxe a imagem da mulher contemporânea como a *Tinderela*: heroínas pós-modernas que lutam contra preconceitos sociais, estereótipos de gênero e seus dilemas internos. Essa luta é vivenciada com sofrimento e diversão ao mesmo tempo, permeada de descobertas sobre o mundo e sobre si mesmas; com isso reinventam seus modos e o universo de encontros amorosos. O estilo de uso recreativo dos aplicativos leva a uma relação mais lúdica com a sexualidade e o uso de uma forma geral favorece o empoderamento e agenciamento da sexualidade feminina.

A relação da mulher contemporânea com sua sexualidade num mundo globalizado remete à multiplicidade. Hime (2008) discorre sobre como as mulheres urbanas estão vivendo uma “revolução silenciosa” (p. 187) no âmbito da afetividade e da sexualidade: suas relações estão mais gratificantes, promovem crescimento relacional e pessoal (seja mantendo ou rompendo vínculos) e buscam harmonizar suas individualidades com suas relações. Essa revolução, entretanto, acaba por propiciar ambiguidades, sendo muitas vezes distintos o discurso e a prática.

Essa ambiguidade corrobora a ideia de *Tinderelas* de Figueiredo (2016), que enfrentam dilemas nas buscas por encontros amorosos em aplicativos: ora elas têm desejos puramente sexuais e se sentem poderosas e em outros momentos sentem um “grande vazio” e fracas (p. 164). Acredita-se que ainda se vive num mundo compreendido de maneira dualista (feminino e masculino; certo e errado; saudável e doente), tendência esta que organiza o mundo em “caixinhas estanques” (p. 165) e simplifica uma realidade mais complexa.

Paulino (2008) também escreve sobre a mulher brasileira pós-moderna e define que ela ainda possui concepções de amor tradicionais, provenientes de seu contexto familiar e suas matrizes femininas. Isso pode gerar conflitos geracionais relativos ao exercício de iniciação de práticas amorosas durante a idade adulta. Hime (2008) aponta que o modelo internalizado não condiz com o ideal da mulher contemporânea, pois é um movimento complexo, no sentido de estar aberto às transformações e ao mesmo tempo estável na continuidade das experiências de ser.

O corpo da mulher ainda implica em arcar com uma série de ideais culturalmente estabelecidos: corpo dócil, desejante, harmonioso e a sexualidade

sadia. A mulher experimenta cada vez mais as possibilidades de encontros sexuais, mas por outro lado deve preservar sua inocência. Neste sentido, a sexualidade é carregada de história de significados que vão além de prazer e reprodução; o corpo feminino ainda é controlado pela sociedade patriarcal, não somente sobre a reprodução, mas também a atratividade — ou seja, um objeto sexual que é desfrutável e devassável. Destarte, o corpo da mulher sexualizado é considerado um bem, fonte de prazer para ela e para o outro (HIME, 2008).

Neste contexto ambíguo, ainda que valorizada a liberdade, o livre arbítrio e a satisfação pessoal, Hime (2008) aponta que o duplo padrão sexual persiste e é produto da desigualdade de gênero. O sexo sempre foi visto como imoral para as mulheres e encorajado para os homens e essa duplicidade se manifesta atualmente mais em pensamentos do que em ações — homens ganham status com os vários encontros sexuais e as mulheres o perdem. Parece que as mulheres ainda devem ser puras e inocentes nos pensamentos.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que as formas contemporâneas de relacionamento amoroso — a sexualidade plástica e o amor confluyente de Giddens (1992) que valorizam a qualidade da relação — possibilitaram à mulher um maior número de experiências amorosas e sexuais que proporcionam relações gratificantes e de autoconhecimento. A sexualidade nesse contexto passa a ser ressignificada pelos vínculos com um ou vários parceiros, fato que favorece a reconstrução da feminilidade. Diante disso, Hime (2008) sugere que “um novo Feminino, mais livre, surge da relação com Masculinos também mais leves, soltos, que acolhem e valorizam esse modo de ser mulher” (p. 196).

O período de transição e transformação da mulher em busca de ser fiel a si mesma e ousar traçar caminhos originais pode gerar sentimentos de ansiedade e desorientação. Mesmo com a conquista em espaços externos, tais como autonomia financeira e conquista de cargos importantes, as mulheres aparentemente ainda continuam presas a um modelo em que os valores consistem na dependência de um homem ao seu lado. No terreno amoroso, parece que conviver com padrões antigos permanece, o que traz grandes insatisfações. Ainda assim, Moraes (2015) afirma que a premissa do “felizes para sempre” está sendo substituída pelo “infinito enquanto dure” ou do amor romântico para o “amor como um pássaro rebelde” (p.3). Com isso, o encontro com o outro pode adquirir formas singulares e a dinâmica ser menos Cinderelas e mais Penélopes.

Com todas as normas e exigências que perpassam a sexualidade, tanto de valores arcaicos repressores, quanto contemporâneos de liberdade, de prazer imediato e da tirania do orgasmo, sobra pouco espaço para a experiência prazerosa e a intimidade. Enfim, as transformações dos últimos 50 anos têm desvinculado amor e sexo e reconhecido a busca do prazer para homens e mulheres, com ou sem afeto e intimidade e independente de compromisso. São valores arcaicos e modernos que se sobrepõem e levam a conflitos e ambiguidades. A sexualidade feminina envolve encontro, o corpo como um todo, as fantasias e a imaginação sensual. Hime (2008) sugere que:

Uma meta valiosa para o exercício prazeroso da sexualidade na contemporaneidade pode ser a ampliação do repertório sexual para que homens e mulheres experimentem uma variedade de combinações entre sexo e amor, sem reduzir um ao outro, sendo essas experiências mutuamente negociadas, seguras e igualitárias (p.198).

A sexualidade está constantemente se reinventando e hoje, além da busca pelo prazer, a mulher também quer respeito às diferenças, enriquecimento pessoal e relacional, com a harmonização das diversidades. As várias formas de expressão da sexualidade feminina se tornam cada vez mais flexíveis, ativas e desvinculadas dos valores patriarcais. Essas mudanças podem ressoar no âmbito social mais amplo e promover relações mais livres e democráticas (HIME, 2008).

Faria (2016), ao falar sobre os caminhos da mulher na contemporaneidade, afirma que estamos numa fase em que culturalmente padrões antigos e contemporâneos se mesclam; estamos na era da consagração da diversidade “embora isso seja mais uma meta do que uma realização propriamente dita” (p. 154). No âmbito da psicologia profunda, alguns aspectos psíquicos conflitantes da alma feminina podem ser observados: uma postura de guerreira contemporânea que atribui todas as responsabilidades para si e sente culpa por não dar conta de tudo, assim como um conflito entre o ego feminino e padrões patriarcais que o desvalorizam. Apesar dessas ambiguidades, a mulher pode se constituir espelhando imagens para além de Deméter e Hera, enquanto mãe e esposa; ela pode se constituir em suas ferramentas intelectuais, artísticas e com maior domínio de seu corpo e de sua sexualidade.

Rios e Wahba (2016), ao abordarem sobre as mulheres urbanas e contemporâneas com relação ao amor e o ficar, concluíram que a cidade de São Paulo abarca uma mistura de tradições românticas dos contos de fadas e das possibilidades

urbanas de novos papéis da mulher que entram em cena na intimidade. Um desses papéis é uma mulher heroína disposta a viver seus sentimentos e ir em busca de realização individual. Ela está entre o ideal de amor romântico e o “ficar”, que inclui o sexo sem compromisso. Assim, novas mitologias são reconhecidas nesses encontros amorosos contemporâneos, que trazem experiências de dissolução, perda e reencontro do ser íntimo — tema que será abordado no próximo capítulo.

#### 4 MITOS DA SEXUALIDADE: UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA JUNGUIANA E ARQUETÍPICA SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA

*Tudo fica mais bonito quando você está por perto  
Você me levou ao delírio por isso eu confesso  
Os seus beijos são ardentes  
Quando você se aproxima o meu corpo sente  
Vem pra cá deusa do amor*  
Moreno Veloso e Caetano Veloso — Deusa do Amor, 2018

Os mitos nos fornecem sentidos e formas de se relacionar, por exemplo: amar, morrer, sentir inveja, brigar, transar, separar, trabalhar ou ainda ser filho, mãe, pai, irmão entre outros. Os gregos denominavam de deuses os temas da vida organizados em padrões lógicos atemporais, relacionando-os com figuras personificadas inseridas em narrativas — essas organizações na psicologia junguiana são chamadas de arquétipos. Os deuses, para a psicologia, são modos pelos quais delimitar essas vivências e “metáforas para núcleos de fantasia da psique” (BARCELLOS, 2019, p. 10), não entidades positivas a serem veneradas. Portanto, nesta pesquisa, deuses são considerados como fantasias da psique.

Na psicologia arquetípica, uma forma de observar a psicologia na mitologia é estudar as relações entre as figuras míticas. Como campos imaginativos, as relações entre os deuses na mitologia entregam a psicologia da alma. As figuras míticas analisadas sozinhas como entidades únicas não entregam a dimensão total do seu sentido e, inclusive, são o caminho oposto à ideia de politeísmo e divindade da Grécia: “um deus nunca aparece sozinho” (BARCELLOS, 2019, p. 14) e por isso se faz necessário analisar o entrelaçamento dessas figuras.

O politeísmo traz a ideia de rede e sistemas de relações, que auxiliam a olhar para essas relações como tandens<sup>1</sup>, onde a imagem de teia é irregular, imprevisível e sempre surpreendente. De acordo com Barcellos (2019), os fios míticos tecidos aparecem para ajudar no entendimento não linear dos mistérios humanos. Esses tandens são dramas, tramas, enlaces e enredos feitos com as dores e alegrias do ser humano. Esse olhar psicológico sobre as relações entre as figuras míticas faz enxergar um deus pelo outro e ter uma visão mais ampla do que aquela figura representa.

---

<sup>1</sup> Tandem é o substantivo que se refere a duas pessoas ou dois instrumentos que trabalham juntos com um objetivo em comum; é um time de duas pessoas ou dois animais; ou é a bicicleta construída para duas pessoas pedalem.

A ideia é olhar para essas teias de relações como contrastes em vez de oposições. Os contrastes são variados, com nuances e sobretons, o que faz com que a abordagem dos mitos seja mais enriquecedora do que de um olhar binário — que divide apenas em dois. Sendo assim, um deus não está oposto ao outro, mas eles se entrelaçam e interpenetram:

Para a psicologia, mais interessante é um pensamento dramático, ou seja, olhar para a psique como a encenação de dramas, personagens vivendo, convivendo e formatando tensões (...) uma psicodramática (BARCELLOS, 2019, p.26).

A psicodramática arquetípica está ancorada numa perspectiva dionisíaca no sentido do teatro, que enfatiza as ações dramáticas e considera o entrelaçamento de narrativas de um drama, assim como a ideia de multiplicidade e pluralidade (HILLMAN; SHAMDASANI, 2015). Sobre essa multiplicidade, na sexualidade Guggenbühl-Craig (1980, p. 80) refere que seria psicologicamente mais realista relacionar à sexualidade numerosos deuses e deusas “do que falar de uma única entidade chamada sexualidade”.

Na mitologia grega, por exemplo, diversos deuses podem representar a essência da alma da sexualidade. Portanto, este capítulo abordará o fenômeno da sexualidade feminina em seus entrelaçamentos arquetípicos regidos pelas teias das relações de Afrodite com Ares; Adônis; Hermes; Dioniso; Príapo e Hera; Eros e Psiquê; Perséfone e Baubo.

Em seguida, após explorar e refletir sobre os entrelaçamentos de Afrodite e suas associações com a sexualidade feminina, será discutido sobre o sagrado no sexo e suas implicações no processo de individuação, temas referidos por: Qualls-Corbett (1990) que destacou a importância do símbolo da prostituta sagrada para o reestabelecimento do contato com o divino; Imperatrice (2016) que ressaltou a união do sexo e da alma como busca pelo sentido do sagrado; e Moore (1999) que se refere a Eros e Afrodite como elos entre a alma e o sexo, e os compreende como uma experiência do sagrado, de tal maneira que o sexo sem a alma torna-se uma experiência mecânica.

Por conta do monoteísmo da mentalidade judaico-cristã, considera-se que deus, alma e mente estão ausentes nas intimidades sexuais e é difícil pensar a sexualidade como um poder civilizatório, visto que sempre foi associada ao instinto animal e, portanto, inferior ao humano. Entretanto, a deusa da beleza e do amor também representa um poder civilizatório que vem do contato sexual profundo que

pode transformar a experiência física em êxtase como um caminho à espiritualidade. Paris (1994) escreve sobre a falta da experiência do sagrado nas relações sexuais, que se tornou o equivalente a uma função higiênica ou um jogo social. A autora ressalta a importância da separação do sexo como um pecado judaico cristão — ainda intrínseco no pensamento ocidental — e a necessidade de um caminho de volta para a sacralidade de Afrodite.

#### **4.1 As figuras míticas da sexualidade: um olhar arquetípico sobre Afrodite e suas relações com outros deuses**

Segundo a Teogonia, Urano (o céu) foi castrado por Crono a pedido de Geia (a terra) e Afrodite nasceu do sêmen que caiu no mar. Quando chegou na ilha de Chipre, Afrodite foi acolhida, vestida e ornamentada pelas Horas. Ela é a deusa do amor e da beleza, divindade do prazer pelo prazer, do amor universal e das sementes da vegetação. Afrodite é símbolo das forças irrefreáveis da fecundidade, não propriamente os frutos, mas o desejo ardente e irresistível que penetra todos os seres. Ela é o amor sob a forma física do desejo e do prazer dos sentidos (BRANDÃO, 2012).

Afrodite tem vários sobrenomes: Oceânica — inundação de energia e traz a consciência arcaica do corpo; Urânia — celestial e que abre os portais do céu (PARIS, 1994); Pândemia — inspiradora dos amores comuns, vulgares e carnais (BRANDÃO, 2012); Hetaira ou Porne — a das belas nádegas; A Negra — perigosas potencialidades, escuridão procurada pelo amor; Persefessa — a do Mundo Subterrâneo, a deusa da morte (KERÉNYI, 2015).

O que os gregos chamavam de Afrodite, conforme discorre Barcellos (2019), seria a camada brilhante presente em todas as coisas e que exerce uma atração sobre nós, sendo a irresistível atração por algo (material, humano, projeto ou ideia). A deusa significa também o gozo e o orgasmo, em que gozar pode ser desde saborear um chocolate, até o orgasmo do sexo ou do prazer estético de uma pintura. Afrodite é a dourada, o brilho do ouro, no sentido de estar atraído/envolvido/apaixionado por algo que é como o brilho do ouro.

Segundo Bolen (2016), Afrodite é considerada uma deusa alquímica por conta de seu poder de transformar algo do cotidiano em ouro, por meio do olhar apaixonado criador. Por isso é a deusa da transformação e possui as características das deusas

virgens<sup>2</sup> e das vulneráveis<sup>3</sup>. Afrodite tem a ver com a valorização da independência emocional com os outros, o que é diferente de valorizar a independência dos outros (prezado pelas deusas virgens) ou os laços permanentes com parceiros (prezado pelas deusas vulneráveis). O arquétipo da Afrodite pode motivar as mulheres a procurarem intensidade nos relacionamentos em vez da permanência neles, o que motiva a valorização do processo criativo e da receptividade às mudanças.

A deusa é quem desperta e gera o amor, não sendo o amante, mas sim o amado, pois ela é o se entregar e tudo o que fascina e que faz amar. O campo de Afrodite é “atrair, enredar, fascinar até o arrebatamento do êxtase” (BARCELLOS, 2019, p. 30). Um dos presentes da deusa é o “instante do ilimitado (a eternidade)” (p. 31), o que traz para nossa experiência humana, que é limitada, a possibilidade de instantes eternos de gozo, ou a *petit mort* (tradução livre, pequena morte) e que significa orgasmo em francês. Neste sentido, de acordo com Hillman (2007), o terreno de Afrodite é a evocação do desejo, provocação da atração e a invocação do prazer.

O fato de Afrodite nascer da espuma do mar revela o aspecto aquático da sexualidade, em que a experiência do desejo e do prazer sexual é uma inundação e qualquer experiência erótica tem como pré-requisito esse fluxo de energia. De acordo com Paris (1994), com essas correntes de emoções circulando em nós e entre nós, tensões e defesas se dissolvem — ficam profundos e suaves os olhares, palavras e respirações e a pélvis relembra o ritmo das ondas. Suor e umidade, fluem e refluem nas correntes de energia que aumentam até o orgasmo: o jorro da espuma branca de Afrodite. As grandes atrações dissolvem, derretem e desmancham as rigidezes. Afrodite é a deusa da água, ela traz a *solutio* que lava e derrete — uma desconstrução aquática e que dissolve as tensões.

Obviamente é necessário certa dureza para o amor, mas o amor em última instância é suave. Por Afrodite ser da água, mostra que o apaixonamento se dá por ondas — vem e vai, repetidamente, volúvel, corrente e fluida. Paris (1994) relaciona o movimento das ondas com o ato sexual: os odores salgados, a penetração da água nas pedras, seu refluxo lento e espumante, as águas gorgolejantes e um oceano que envolve os corpos — esse é o reino de Afrodite.

---

<sup>2</sup> As deusas virgens são Ártemis, Atena e Héstia. Ser virgem é ser uma-em-si-mesma, o que significa não pertencer a nenhum homem e agir conforme o que faz sentido para si sem se preocupar com os julgamentos dos outros.

<sup>3</sup> As deusas vulneráveis são Deméter, Perséfone e Hera. Ser vulnerável é estar voltada para os relacionamentos com as divindades masculinas.

O reinado da deusa é também das flores e dos perfumes — e as flores são muitas vezes associadas aos órgãos genitais da mulher. Os jardins expressam a sensualidade da cultura, como um equilíbrio entre esta, a natureza e a arte. Parece que a deusa simboliza variações dos planos da sexualidade: prazer dos sentidos, prostituição e a inocência do êxtase sexual (PARIS, 1994). Além disso, a deusa é uma expressão arquetípica do enfoque “aqui e agora”, um cultivo da percepção sensorial e do prazer do momento e contrapõe-se a atitudes de culpa ou de julgamento que dificultam desfrutar o sexo ou o trabalho criativo (BOLEN, 2016).

Outro aspecto da sexualidade em Afrodite tem a ver com o seu banho sagrado que purifica e renova sua inocência, o que dá origem a uma virgindade psíquica no sentido de que cada encontro amoroso, embora com os mesmos gestos, é sempre como se fosse a primeira vez. Praticamos sexo várias vezes ao longo da vida e nenhum encontro tem as mesmas qualidades psicológicas de outro. Além disso, a sexualidade é uma forma de conhecimento e, quando a mulher tem sua sexualidade constantemente reprimida por razões morais, políticas ou sociais, sua capacidade de conhecimento e criatividade ficam mutilados (PARIS, 1994).

Certamente, hoje em dia a sexualidade é um dos maiores prazeres da vida, mas não é necessariamente uma forma de experiência espiritual. O encontro sexual pode ser um caminho para a experiência de intimidade. Além de uma fonte de alegria, como o brincar, deslumbrar e seduzir, Afrodite é também a fuga do comum, o transgredir das normas. Padrões rígidos de beleza exigem que a mulher esteja de acordo com modelos ditados por uma cultura antifrodísíaca e o caminho de Afrodite é o inverso, é expressar a beleza de um modo original, audacioso e singular (PARIS, 1994).

A beleza de Afrodite, na mentalidade grega, quer dizer trazer ordem, estar ordenado e estético. Este último significa estar desperto e não anestesiado. Portanto, a beleza é algo que desperta. Neste sentido belo e bom estão juntos, mas, segundo Barcellos (2019), existe uma cisão entre psicologia e beleza: o belo está separado do bom e o ético, do estético; não se confia no belo que é visto como traiçoeiro e ilusório. Essa cisão trouxe o medo da beleza, a repressão de Afrodite. E toda busca do belo, ou seja, do despertar de consciência, é violento como Ares. O deus é o impulso agressivo necessário para iniciar algo. Um Ares que não é belo, que perdeu seu sentido e sua ordem e que se desconectou de Afrodite vem com a loucura das paixões dos deuses de temperamento quente.

Afrodite, Ares e Dioniso são deuses de temperamento quente e envolvidos por uma energia de arrebatamento. A de Afrodite é a paixão e o desejo, e está relacionada ao medo de amar, que é tão comum quanto o medo de lutar. Medo é parte do amor e da luta, e “alguém que nunca tenha sentido medo e terror, quando está apaixonado, não conhece a amplitude do poder de Afrodite” (PARIS, 1994, p. 110). Aprendemos com Ares a coragem, e é preciso coragem para amar e iniciar algo novo — ser ativos para agir e estimular os sentidos anestesiados. Os feminismos, por exemplo, podem ser ativismos combativos ligados a Ares e Afrodite. Barcellos (2019) escreve sobre como Afrodite e Ares dividem a loucura, a intimidade e a prontidão de se submeter às paixões, aos excessos e às transgressões — eles são o amor na guerra e a guerra no amor.

#### 4.1.1 Afrodite e Ares

Ares é o grande amante de Afrodite. O deus da guerra sempre se deitava tranquilo no leito da deusa à noite, quando o seu marido estava viajando. Do amor dos amantes nasceu Fobos (medo), Deimos (terror) e Harmonia (BRANDÃO, 2012). A relação de Afrodite e Ares é o entrelaçamento que talvez seja o mais reprimido pela cultura judaico-cristã de acordo com Barcellos (2019), pois assim como a sexualidade, a agressividade também foi reprimida, visto que o bom cristão é “bonzinho, apaziguado e manso” (p. 38).

Esse par é o impulso conjunto rumo à beleza/prazer e à destruição/agressividade. O mito mostra que onde há amor, há a guerra e vice-versa; ou seja, onde houver conflito e discórdia, amor e paixão estarão por perto. Afrodite é a proximidade sexual e o apelo ao contato, e Ares é a proximidade da guerra. Eles são o corpo a corpo. Ares está também no amor, na sensualidade, nas atrações, nas loucuras das paixões e seus impulsos, ou o que se faz quando está cegamente apaixonado por algo ou alguém. A loucura de Afrodite tem traços arianos de guerra, morte, combate e destruição. “Tudo aquilo que o amor destrói ou que por amor é destruído, arrasado, como num campo de guerra, de batalha, é também trabalho de Afrodite” (BARCELLOS, 2019, p. 45).

Portanto, o amor é um campo de batalha e suas feridas são cruéis. Os filhos do casal (Harmonia, Medo e Terror) são emoções não apenas da guerra, mas também enfrentadas no amor. Sentimentos de medo e terror em momentos de paixão mostram

que o encontro sexual pode ser visto como um combate e talvez assim fique fácil olhar para o medo no amor. Reconhecer esse medo é o começo para encontrar a coragem de amar. Manter-se frio e alheio no campo da sexualidade é, na maioria das vezes, uma forma de negar esse medo (PARIS, 1994).

#### 4.1.2 Afrodite e Adônias

Adônias é o senhor e grande amado da deusa. Nasceu da árvore Mirra e era tão belo que, logo que nasceu, Afrodite o escondeu e o levou para Perséfone guardá-lo em um lugar seguro. Perséfone, porém, nunca mais quis devolvê-lo e Zeus dividiu a posse de Adônias da seguinte forma: ficaria um terço do ano com Perséfone, um terço com Afrodite e um terço sozinho. Todas as vezes que ele ia para o submundo, morto por um javali, Afrodite lamentava sua morte (KERÉNYI, 2015). Sua morte está ligada com o nascimento e a cor de certas flores, como a rosa branca que vira vermelha: quando Afrodite tentou salvá-lo, pisou num espinho, sangrou e isso deu à rosa uma nova cor (BRANDÃO, 2012).

De acordo com Paris (1994), Adônias é o amante jovem, delicado e sensível de Afrodite. Ele é a doçura do amante e símbolo do efêmero, do sem raízes e inconsequente. Tem a ver com os amores ilícitos e os romances de verão. Ele é o relacionamento que não se aprofunda e que não tem raízes, por isso é efêmero. Todo amor contém dor e a morte de Adônias, pois faz lembrar que a partir do momento que existe a paixão, existe o temor de perder o outro. O entrelaçamento dessas duas figuras míticas mostra sobre a aceitação da tristeza, pois nela nasce o impulso para a renovação.

Moore (1999) relaciona a busca da mulher pelo prazer sexual infinito e sem vínculo emocional com a figura de Adônias, em que o sexo sem compromisso pode ser ingenuamente visto como a busca quase cega da satisfação sexual — Adônias era visto como a imagem da entrega sexual sem limites. A sexualidade dessa figura mítica não tem a seriedade de uma sexualidade no casamento, mas tem seu lugar de alegria da existência sensual plena em sua relação com Afrodite. A relação deles é uma atração de similaridade, pois Afrodite cultivava também as belezas múltiplas, vívidas, pessoais e efêmeras — como as flores. O desejo deve ser colhido quando está florescido e é uma beleza que pode ser renovada pelo cuidado, mesmo em sua efemeridade.

#### 4.1.3 Afrodite e Hermes

Hermes é filho de Zeus e Maia, deus agrário e protetor dos pastores, comerciantes, viajantes e ladrões. É símbolo do *trickster*: astuto, artiloso e trapaceiro. É o deus das estradas, guardião dos caminhos e se tornou mensageiro dos deuses, pois circulava nos três domínios (Olimpo, terra e submundo) e é, portanto, um deus psicopompo<sup>4</sup> e alquímico<sup>5</sup>. Em busca de libertação, Hermes penetra no mundo desconhecido a partir do mundo conhecido. O saber divino que nos liberta de nós mesmos e que vem ao nosso encontro pela “palavra tornada audível” (BRANDÃO, 2012, p. 217) e isso é Hermes.

Quando Hermes avistou Afrodite, seus impulsos naturais foram excitados e o fruto dessa relação é o Hermafrodito — um moço feminino. Já Pã é outro filho de Hermes com uma ninfa; Pã é um deus fálico que nasceu com dois chifres e pernas de cabra. Quando a mãe o viu, assustou-se e saiu correndo, e então Hermes o levou para o Olimpo e os imortais adoraram a criança, em especial Dioniso. Seu nome virou Pã, pois todos gostaram dele — pan significa todo. Pã é o escuro, aterrorizante, fálico, mas nem sempre maligno e suas histórias de amor são perseguições às ninfas (KERÉNYI, 2015).

A respeito do par Hermes e Afrodite, Paris (1994) escreve sobre uma forma diferente de compreender o mito, como uma relação entre o cômico e o sexual: ambos mostram o riso e, assim como o desejo sexual, são formas de escapar da repressão e dominação por meio da inocência ou de insinuações. Eles são espontâneos e não podem ser forçados e, portanto, onde estiver Afrodite, haverá lugar para o riso e os jogos. As palavras de Hermes, o deus da comunicação, seduzem e convencem pelas mesmas qualidades de atração e encantamento de Afrodite. Além disso, os dois apontam para o gosto por relações aventureiras e desafios novos. Ambos promovem ligações e vínculos, mas não como um amor eterno. Afrodite é um amor que se apresenta eterno, mas logo se vai. E como o casal não suporta a tragédia por muito tempo, sussurros, fuga e dissimulação são caminhos que podem tomar para se livrar dos dramas. Outro aspecto ligado ao par é a mentira: é decepcionante quando a deusa leva a acreditar que alguém permanecerá para sempre.

---

<sup>4</sup> Psicopompo se refere a uma qualidade de condutor de almas ou de mensageiro.

<sup>5</sup> Deus alquímico se refere àquele que possui sabedoria e por isso transmite as ciências ocultas.

#### 4.1.4 Afrodite e Dioniso

Dioniso é filho de Sêmele e Zeus, fruto de uma união que não foi divina. Sêmele “deve ser imaginada parecida com Perséfone durante a estada desta última no Mundo Subterrâneo” (KERNÉYI, 2015, p. 232). Quando Hera soube da gravidez de Sêmele, disfarçou-se e a convenceu a pedir a Zeus que o pudesse ver em sua forma de deus. Zeus então apareceu como um raio que matou a mãe de Dioniso. O pai o abrigou em sua coxa, até seu nascimento e ele foi criado pelas Ninfas e Sátiros. Dioniso era um menino bonito, adolescente delicado, semifeminino como Adônis — por haver levado as mulheres à loucura.

Os sobrenomes do deus eram: Gynnis (o efeminado); Arsenothelys (o amulherado); Díalos (o híbrido); Zagreu (o selvagem); Nictélio (deus dos festivais que ocorrem à noite) Brômio (deus da algazarra das procissões báquicas). Iaco e Baco eram a mesma divindade, o primeiro diziam que era filho de Perséfone e a criança misteriosa da barriga de Baubo; e o segundo se refere a ser tomado de um delírio sagrado (KERÉNYI, 2015).

Dioniso é o deus do vinho e da transformação e é no clarão das tochas que se celebram suas orgias noturnas. Ele é o deus da vegetação, da árvore, e assim como outros deuses da vegetação (Adônis, por exemplo), ele é uma divindade crônica que morre, renasce, frutifica, torna a morrer e retorna ciclicamente. Dioniso era o menos político dos deuses e permaneceu estranho à religião e à pólis, pois colocava em risco o estilo de vida e os seus valores. Por exemplo, os cultos a Hera e a Dioniso eram separados com verdadeiras muralhas: de um lado Hera, a protetora dos casamentos, e de outro Dioniso, o deus das orgias e desregramentos (BRANDÃO, 2012).

O êxtase dionisíaco implica em sair de si e comungar com a imortalidade pelo êxtase e entusiasmo, como uma ultrapassagem da justa medida e descoberta de liberação total, conquista de liberdade e espontaneidade. Era uma libertação de interditos e de tabus. Brandão (2012) afirma que o êxtase seguido do entusiasmo dionisíaco significa ter um deus dentro de si, identificando-se com ele e se apossando da loucura sagrada.

Neste sentido, a embriaguez, o erotismo e o êxtase são presenças de Dioniso. Ele é o paradoxo da vida e da morte. Antes de Dioniso, o mundo dos deuses era inacessível e a metamorfose dionisíaca foi o que permitiu ao homem penetrar no mundo dos deuses. Ele é a ruptura das repressões e simboliza as forças obscuras

que emergem do inconsciente. Dioniso é a libertação pela embriaguez — seja do vinho, da música ou da dança (BRANDÃO, 2012).

O entrelaçamento do par Afrodite e Dioniso aponta para uma união sexual civilizada que é representada por Afrodite e uma união selvagem que é representada por Dioniso. O casal converge em uma posição central para a espontaneidade do corpo e para a sexualidade. Eles, porém, devem ser olhados de forma diferente: o impulso sexual de Dioniso vem de forma rude e impetuosa, como Pan; já Afrodite representa os refinamentos das esperas voluptuosas (PARIS, 1994). O mito da deusa do amor poderia permanecer como uma imagem de perversão sexual, como algo selvagem e não humanizado, apenas uma satisfação dos instintos. Mas com a evolução de concepções sobre a sexualidade e humanização do ato sexual independente da fecundação, a deusa pode reaparecer integrada numa vivência humanizada.

López-Pedraza (2016) discorre sobre Afrodite e Dioniso como âmbitos arquetípicos atrelados à sexualidade e sugere que essas instâncias devem ser compreendidas a partir de sua comunhão, mesmo sendo diferentes. Estar em posseção dionisíaca é genuinamente arcaico e relacionado ao corpo, ao passo que a posseção por Afrodite está mais relacionada à moralidade da civilização. A comunhão entre essas duas forças na área da sexualidade poderia ser olhada como um desfrutar do prazer momentâneo (Afrodite) num corpo instintivo e cheio de emoções (Dioniso), ao proporcionar o que López-Pedraza (2016, p. 83) chamou de “um breve instante de resplendor”. A loucura divina é qualidade de ambas as forças arquetípicas e pode se expressar psiquicamente por meio da imaginação erótica.

Da união nasceu desse casal nasceu Príapo, o deus disforme e de pênis agigantado, da fecundidade e guardião dos jardins. Ele era presença obrigatória nos cortejos de Dioniso e a sua deformidade se deu pelo malfazejo toque de Hera.

#### 4.1.5 Afrodite, Príapo e o toque de Hera

Não se sabe ao certo quem é o pai de Príapo: talvez seja Dioniso, Hermes, Adônis ou até mesmo Zeus. Independente disso, ele é filho de Afrodite e se trata de uma ilegitimidade. A deusa do amor deu à luz uma criatura monstruosa, com língua imensa, barriga estupenda e falo agigantado. A deusa o pariu, porém não conseguia suportá-lo em sua feiura e abandonou-o numa montanha, mas foi salvo pelo pastor

Pan. Assim como Príapo, Pan vive à margem da civilização, nas zonas pagãs. Então, Príapo é exposto e simultaneamente se esconde numa capa levemente levantada que exhibe sua ereção. Em seus cuidados com os jardins, ele próprio é coberto para ser mostrado (HILLMAN, 2007). A causa de suas deformidades se deve ao toque malfazejo da ciumenta Hera na barriga grávida de Afrodite. Príapo é o grotesco deus do jardim e suas histórias são obscenas e cômicas (KERÉNYI, 2015)

Príapo é o deus da imaginação pornográfica, do jardineiro e do excesso. Talvez o toque malfazejo de Hera aponte para uma penetração torta da sexualidade no casamento. Príapo, como jardineiro, não entra na casa (no recinto do casamento), mas fica do lado de fora. Ou seja, a imaginação libidinoso e lascivo fica de fora, não entra na sala de estar e na mesa do jantar. O jardim é a intersecção entre natureza e cultura, instinto e imaginação — e esse é o lugar de Príapo. Nos jardins temos maior domínio, pois plantamos e podemos ter estilos e desenhos, mas também pode nascer o que não foi plantado. Já na floresta (Pan) é diferente. Jardim é a imaginação e o poder da imagem; em Príapo é também o poder do instinto (BARCELLOS, 2019; HILLMAN, 2007).

As genitálias se relacionam com Príapo: ele é o principal objetivo da pornografia e a sua figura faz a pornografia ser fascinante. O falo ereto é tanto fascinante quanto aterrador, como se algo de misterioso ocorresse na excitação. E uma vez que a pornografia tem como finalidade a excitação, existe nela o mistério. A pornografia nos perturba, pois é tanto um convite à vitalidade e êxtase de Dioniso, quanto ao estupro e morte de Hades. Hillman (2007) afirma que “Dioniso e Hades são a mesma pessoa” (p. 10). Os mistérios da excitação dão destaque ao imaginário sexual, pois ele fertiliza a criatividade. Manter a luxúria desperta e a imaginação erótica nutrem a fantasia, quando não afundadas em vergonhas sexuais.

Há muitos deuses na enormidade de Príapo (Afrodite, Dioniso, Hermes etc.) e em suas deformidades existe o toque de Hera, que o deixa grosseiro e vulgar. Conforme Hillman (2007), Hera permite a ereção com finalidades maritais e, portanto, é seu toque que leva aos movimentos contra a pornografia *hardcore* que grosseiramente mostra ereções. Os órgãos genitais reais são simultaneamente os mais desejáveis e os mais repulsivos — assim como Príapo. É Hera quem leva o priápico à margem e o transforma em obscenidade. Puteiros e lojas pornô estão fora dos valores familiares das “pessoas decentes” (p. 15).

Dentro do casamento, o lugar da sexualidade priápica é a literalização de um domínio mítico. Hillman (2007) aponta que os domínios de Hera é onde o fogo é resfriado, mas a pornografia pode acender as imagens que dormem “no arrepio da tranquilidade doméstica” (p. 15). Priapo não é um ser doméstico e a pornografia, mesmo não sendo segura e sã (justamente por não ser doméstica), não pode se conformar aos valores da família. A vergonha da pornografia reflete o fato mítico de que ela não pertence à consciência da comunidade dita normal — é a resistência arquetípica à Priapo e Afrodite. Do mesmo modo que hoje uma mulher visita uma loja pornô, antigamente as mulheres saíam de casa para os cultos aos mistérios dionisíacos e femininos.

A ideia proposta por Hillman (2007) de loucura cor-de-rosa é a volta irada da deusa reprimida em nossa sociedade em forma de pornografar tudo, não apenas a pornografia em si, mas também carros, comidas, férias e livros. A pornografia não é uma doença, pelo contrário, pode ser uma forma de despertar e tem a ver com a imaginação e fantasias. Afinal, por trás da pornografia está a imaginação; então pornografia são imagens e imagem é alma (BARCELLOS, 2019).

Hillman (2007) afirma que a “pornografia são imagens luxuriantes e luxúria imagética” (p. 20). O fato de as imagens terem como objetivo o excitamento deve ter sérias consequências de julgamento e censura — existe aqui um dedo de Hera, que insiste que a sexualidade deve servir a altos propósitos; enquanto os valores priápicos e afrodíticos (prazer, curtição, surpresa, choque, curiosidade, iniciação) são julgados como inferiores. Os dois aspectos priápicos de cobrir e expor entram em conflito em suas unilateralidades: tudo escondido ou exposição total, nada de romance ou de contraluz para camuflar.

Parece que falta o emblema suave do *softcore*, o pornografar suave que a loucura cor-de-rosa traz ao mundo comercial e leva ao consumismo exacerbado. Esse lugar é regido por Eros: o apelo inflamado, a sedução e as tentativas de entorpecer a psique de desejo. Hillman (2007) diz que há uma promessa de voluptuosidade<sup>6</sup> à alma. A pornografia suave é o encontro de Eros e Psiquê, que a atormenta com sua presença e ausência simultâneas, assim como com as fantasias de um amante

---

<sup>6</sup> Voluptuosidade significa a gratificação dos sentidos, em especial de forma luxuriante marcada pelos prazeres sensuais.

desconhecido e invisível. É um lugar que leva a Eros promessas de doçuras lascivas e de tentação transgressora. Torna-se mistério e sacraliza o sexo com a graça e o charme do novo desconhecido. É uma primeira vez, uma nova pessoa, uma nova maneira, um novo lugar. O *softcore* é, portanto, o aspecto celestial da deusa lembrando a alma de que não pode esquecer de servir ao seu templo.

A luta contra a pornografia é a luta contra o paganismo, de acordo com Hillman (2007). É uma lacuna sobre o corpo, prazer e imaginação mítica, que podem trazer de volta os deuses reprimidos: Afrodite, Príapo, Pan, Eros, Dioniso, Perséfone entre outros. Suprimir a pornografia faz olhar para o baixo ventre como “uma baixaria imunda” (p. 33), o que traz sentimentos de vergonha.

Por isso, a pornografia se faz vital como forma de liberdade não apenas corporal, mas também do imaginar lascivo.

#### 4.1.6 Afrodite, Eros e Psiquê

O mito conta a história da jovem Psiquê, filha de um rei, que era tão bela que começou a ser venerada como a nova Afrodite e os templos da deusa foram esquecidos. Afrodite, enfurecida, chamou seu filho Eros e pediu que fizesse a jovem Psiquê se apaixonar pelo mais horrendo dos homens. O pai de Psiquê consultou o Oráculo para saber o futuro da filha ainda solteira e teve como resposta que ela “deveria ser conduzida ao alto de um rochedo, onde um monstro horrível com ela se uniria” (BRANDÃO, 2012, p. 220). Eros, entretanto, ao invés de ferir Psiquê quando ela chegou ao alto do rochedo, foi por ela ferido. Levou-a a seu castelo para tê-la como esposa, com a promessa de que ela nunca o visse e eles se deitassem apenas à noite. Em uma das noites, Psiquê (que ainda temia que o marido fosse um monstro) decide pegar um candeeiro para ver quem era e se depara com Eros. Uma gota do candeeiro cai nele que, ferido e num sobressalto, vai para a casa da mãe sem dizer uma palavra. A história, então, são as impossíveis quatro tarefas dadas por Afrodite e o caminho que Psiquê percorre de volta ao encontro de Eros. O mito mostra na trajetória de Psiquê o despertar da alma, que pode ser visto como o emergir da mulher de seu inconsciente e da clausura de seu aprisionamento.

Em cada tarefa Psiquê recebe ajuda de animais, tais como formigas, junco e águia. Depois da primeira tarefa Psiquê tenta se jogar num rio, mas Pã a vê,

aconselha-a a procurar Eros e faz com que ela enxergue as tarefas com um novo sentido, como um caminho em direção ao amor.

Eros e Psiquê são o amor e a alma, respectivamente. Eros é o princípio cósmico<sup>7</sup> da união, além de uma figura mítica. Esse princípio era visto pela mentalidade grega como o desejo irrefreável dos sentidos. Dessa forma, essa coesão sem freios é chamada de amor; portanto, aquilo que mantém algo unido tem uma qualidade amorosa. O amor é o que atrai uma coisa à outra: pode ser um projeto, uma ideia, uma pessoa etc. Além disso, Eros é um *daimon* (guia ou psicopompo) com aspectos benéficos e maléficos, visto que ele simultaneamente constrói e destrói. Eros guia “desguiando” (p. 305), mas aonde quer que vá existe algo de psicológico acontecendo, pois onde há Eros, há alma (BARCELLOS, 2019).

Já Afrodite, dentro desse entrelaçamento, é a amada, a camada dourada que provoca atração e é o que é possuído. Por outro lado, Eros é o amante, é a realização da atração, o que possui e penetra. Eros tem esse aspecto penetrante e flecheiro e por isso um de seus símbolos é a flecha. O amor, a paixão, o encanto e o desejo não envelhecem e conectam como penetrantes flechadas em nossas vidas. O amor era imaginado como sempre jovem e que não envelhece (BARCELLOS, 2019).

O tema central do mito gira em torno do conflito entre Psiquê e Afrodite. A deusa da beleza e do amor quer castigar a princesa Psiquê por ser tão bela quanto ela, por meio de Eros (o amor). Ou seja, a forma de se soltar da maldição é pelo amor. Barcellos (2019) discorre sobre como as duas mostram formas de beleza diferentes: Afrodite é a beleza física, sensorial e sensual, a beleza que desperta, é imediata, é o deleite na sensorialidade do mundo, é luz e ilumina. Por outro lado, Psiquê é a beleza psíquica que entorpece, é sombria, noturna e é a beleza da profundidade.

O que o conto apresenta é o embate entre essas formas de beleza e a migração de Eros de uma para a outra. É uma iniciação do erótico que se move do dia para a noite, da superfície para o profundo. O amor de Afrodite é mais indiferenciado, pois surge da água e permeia. Já o amor de Psiquê tem foco e vem da terra. A iniciação de Eros — que, de acordo com Barcellos (2019), é a iniciação do amor em nossas vidas — aponta o anseio pelo amor psíquico, o amor que sai do sensual, exteriorizado e até mesmo sexual, para um amor “psiquezado” (p. 326). Obviamente o amor

---

<sup>7</sup> Um princípio cósmico é algo que perpassa todas as coisas e está de forma invisível nos arranjos de tudo, dando base e sustentação.

psíquico não elimina o sensual e sexual, mas sua busca é pela alma. Uma vida com alma chega por meio do amor.

O último trabalho de Psiquê era descer ao submundo e solicitar à Perséfone a caixa da beleza imortal. A jovem assim o faz e, quando ela volta e entrega para Afrodite, a curiosa Psiquê abre a caixa e cai num sono semelhante à morte. Abrir a caixa da beleza imortal a faz se tornar Perséfone e ela volta ao Hades. Essa é a beleza da mulher que ama e deseja ser bela (desperta) para ser amada. Assim ela é perdoada por Afrodite — Perséfone (BRANDÃO, 2012).

O mito começa e termina por causa da beleza. No começo a beleza é motivo de inveja e no final a descida ao submundo foi em sua busca: a iniciação psíquica acontece com descidas ao encontro do profundo em busca da beleza, ou seja, a beleza está no profundo. Há um envolvimento e entrelaçamento arquetípico entre alma, profundidade e beleza. Psiquê se perde e se encontra por causa da beleza, ou seja, a alma é atraída pelo belo. Essa beleza é no sentido grego de *aiesthesis*, que significa o despertar dos sentidos — o belo e o atraente é aquilo que pode despertar a alma e ela vai em busca disso (BARCELLOS, 2019).

Eros e Psiquê têm uma filha, a Volúpia. A iniciação da alma no amor e do amor na alma gera a volúpia e Barcellos (2019) afirma que “é como se a história estivesse dizendo que voluptuosidade é a redenção da alma: a sensualidade psíquica” (p. 329). Então volúpia, que é o desejo incandescente pelas coisas, é fruto da união da alma com o amor e nos dá a possibilidade de gozar. O prazer, o deleite e a alegria são a voluptuosidade, que é a filha de um viver psíquico erótico. Brandão (2012) escreve que “talvez, na ‘linguagem dos deuses’, essa criança divina tenha recebido simplesmente o nome de mulher” (p. 263).

#### 4.1.7 Afrodite, Perséfone e Baubo

Perséfone é uma figura mítica que aparece em alguns entrelaçamentos de Afrodite, como na história com Adônis em que as deusas dividiam o jovem a cada terço do ano, ou com Psiquê em que a quarta tarefa era a descida ao Hades para buscar a beleza imortal. Perséfone era até mesmo imaginada parecida com Sêmele, a mãe de Dioniso, durante sua estada no submundo. Além disso, um dos sobrenomes de Afrodite é Persefessa — a do subterrâneo e deusa da morte e pode, então, ser considerada Perséfone (KERÉNYI, 2015).

Kerényi (2015) compara as histórias: Perséfone subiu ao Olimpo atrás de corcéis brancos, mas também contam que ela foi reconduzida pelas Horas e pelas Cárites; assim como Afrodite, que era servida pelas Horas e pelas Cárites em todas suas idas e vindas, e Kerényi (2015) afirma que “a única diferença entre a ressurreição de Perséfone do Mundo Subterrâneo e o nascimento de Afrodite foi que a primeira surgiu de um abismo na terra” (p. 220).

Perséfone foi raptada por Hades, o deus do submundo, e lá ele a fez comer uma romã, o que a tornou deusa do submundo e esposa dele, pois quem se alimenta nesse lugar não pode mais voltar ao mundo dos vivos. A romã tem a ver com a sexualidade e essa descida de Perséfone pode ser vista como o propósito de liberar o desejo reprimido e procurar a verdade sobre si. Brandão (2012) relaciona esse símbolo de sexualidade com a vagina dentada<sup>8</sup>, assim como coloca a romã como símbolo do desejo, da própria vulva e da doçura maléfica.

Sobre o órgão genital feminino e os seus símbolos, vale ressaltar que o clitóris, antes de ter essa nomenclatura, tinha outros termos usados e associados a ele e ao prazer sexual relacionados a Afrodite: a doçura do amor, a doçura de Vênus, varejeira de Vênus, órgão do êxtase, baga de mirto (fruta dedicada à Afrodite) e entre outros. Além disso, a murta — uma planta com intenso perfume associado ao cheiro da genitália feminina — era consagrada à Afrodite, pois quando ela surgiu das ondas do mar cobriu sua genitália com ramos perfumados de murta (BLACKLEDGE, 2003).

Outra personificação da vagina é a figura mítica de Baubo, que aparece no mito de Perséfone. Quando a deusa do submundo foi raptada, sua mãe Deméter saiu em sua busca e ficou extremamente deprimida. Uma das versões da história conta que a consolação da deusa foi feita por Baubo: primeiro Deméter recusou beber a cevada, pois estava de jejum e não queria quebrá-lo, mas em seguida, Baubo se sentou com as pernas abertas em frente à deusa, levantou seu vestido e desvelou seu deselegante ventre e eis que lá dentro estava a criança Iaco rindo-se na barriga de Baubo. Depois disso, Deméter riu e aceitou a bebida. Iaco é um dos sobrenomes de Dioniso e é o nome dado à criança divina dos Mistérios de Eleusis, filho de Perséfone (KERÉNYI, 2015).

Levantar a saia e mostrar a vagina é um tema mítico chamado pelos gregos de *ana-suromai*. Fazia parte dos rituais dos Mistérios de Eleusis e expressava alegria e

---

<sup>8</sup> A vagina dentada tinha relação ao medo do homem de ser devorado pela mulher, como se o interior da vagina tivesse dentes que castrassem o pênis do homem no momento da penetração.

o orgulho das mulheres sobre suas genitálias, sem conotações de vergonha e culpa (BLACKLEDGE, 2003). Estés (1994) escreve sobre Baubo, a pequena deusa do ventre, como a que “fala do meio das pernas” (p. 419) e consegue tirar um riso da triste Deméter. A imagem de Baubo é sem cabeça, seus mamilos são seus olhos e sua vulva a boca. E foi com a boca de vulva que ela contou piadas picantes e engraçadas à Deméter. As gargalhadas deram forças a ela para continuar em busca de sua filha raptada. Essas piadas picantes ativam a libido e acendem o fogo do interesse da mulher pela vida. É uma risada sexual que leva a gargalhadas desenfreadas, pois ela chega longe e fundo na psique.

Baubo pode ser considerada um exemplo de obscenidade sagrada, ou uma deusa suja que quer dizer uma sabedoria sexual de forma bem-humorada, uma lascívia astuta, mas inocente. Estés (1994) afirma que as deusas sujas eram “deusas selvagens arquetípicas da sexualidade sagrada e da fertilidade da vida-morte-vida” (p. 419). Além disso, têm relação com um encanto sexual/ sensual que traz emoções agradáveis e são sujas, pois vêm de baixo da terra e pertence à lama, ao estrume e à terra fértil. Na psique o sagrado e o sexual/ sensual estão próximos, pois eles despertam por meio de uma sensação de deslumbramento de uma vivência física no corpo e não por meio da racionalização. Por isso esse riso é de um lugar oculto da sexualidade feminina, é “físico, essencial, arrebatado, revitalizante e, portanto, excitante” (p. 426). O objetivo não é a excitação genital, mas sim o momento que desperta o corpo e as emoções, depois morre e revive de sua própria energia. Ele gera ondas de prazer e é o lugar em que o sagrado, o irreverente e o sexual estão juntos. Isso é Baubo.

## **4.2 A sexualidade feminina e o erotismo no processo de individuação**

A individuação é um conceito teórico junguiano que diz respeito ao processo do ser humano de se tornar um ser único, ou seja, é considerar as peculiaridades individuais e não as esquecer. Jung (1928/2018) escreve sobre ser “um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é” (p. 64). Para o ser se tornar único em suas peculiaridades é necessário passar pelo percurso entre o conflito das duas realidades anímicas fundamentais — o inconsciente e o consciente — e Jung (1951/2014) faz uma analogia ao jogo do martelo e da bigorna: “o ferro que padece entre ambos é forjado num todo indestrutível, isto é, num *individuum*” (p. 288).

Além disso, uma parte importante para melhor compreensão de tal processo é a sua simbologia; por meio dos símbolos que se dá a união dos conteúdos conscientes e inconscientes e o nome dessa união é chamada, por Jung, de função transcendente. Não existe receita para a harmonização entre a vida consciente e inconsciente, visto que é um processo irracional e se expressa em determinados símbolos (JUNG, 1951/2014).

Segundo Hillman (1981), a psicologia arquetípica leva em conta a ideia de Jung (1928/2018) de que o processo de individuação é se tornar o que se é, no sentido daquilo que lhe é único — a sua singularidade —; e considera a ideia de diferenciação das imagens arquetípicas interiores e de conhecê-las em suas multiplicidades. Além disso, Hillman (2011) faz uma analogia do processo de individuação como a rede de uma bacia hidrográfica, em que os processos inconscientes são:

Como arroios e regatos, formando a rede daquela bacia hidrográfica principal, o *processo de individuação*, fluindo através de cada ser humano e prospectivamente moldando-o em sua própria forma, na sua caminhada em direção ao mar (p.113).

Sobre o processo de individuação e a sexualidade, Cowan (2007) afirma que os temas sobre desejo erótico e prazer sexual não são muito abordados pelos junguianos. A autora escreve que se fala muito sobre os sofrimentos e os sacrifícios envolvidos, bem como a grande influência das imagens parentais sobre a psique individual, mas deixam de lado o desejo erótico e o prazer — que são movimentos da vida psíquica e, portanto, são parte do processo de individuação. O desejo e o prazer sexual são áreas em que ainda somos mais inconscientes, por não compreendermos e nem conseguirmos controlá-los.

Guggenbühl-Craig (1980) escreve sobre como a sexualidade tem algo de numinoso, que é estranho e ao mesmo tempo fascinante. O numinoso para Jung (1957/ 2013) confere caráter autônomo aos conteúdos simbólicos, que têm forças emocionais significativas. Os símbolos, portanto, são numinosos, parte da estrutura mental e fatores vitais da construção da sociedade, por isso não se pode erradicá-los sem perda. Quando se perde o numinoso, perde-se a razão de ser, o sentido da vida e até mesmo a organização social.

Neste sentido, compreender a sexualidade apenas com um enfoque na reprodução, no ato sexual em si e/ou no prazer (no tocante da satisfação de um instinto), pode levar à perda do numinoso, visto que essa visão não abrange o

fenômeno em sua totalidade e nem explica a variedade da vida sexual e das fantasias sexuais. Muitas fantasias sexuais são vividas independentemente do relacionamento humano *per se* e, neste sentido, talvez compreender a sexualidade como uma forma de individuação ajude a olhar para o fenômeno em sua complexidade (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980).

Ademais, as fantasias sexuais podem ser vistas como expressões simbólicas do processo de individuação e que se desenrolam no território dos deuses. A vida sexual e as fantasias eróticas, que são tão ricas e multifacetadas, possibilitam uma variedade de vida psicológica que pode ser experimentada por meio dos símbolos, além de poderem ser vistas como imagens do processo de individuação. Entretanto a sexualidade, e em especial o erótico, ainda são encarados como demoníacos e misteriosos e Guggenbühl-Craig (1980) pergunta: “que significa para a psicologia que a sexualidade sempre contenha algo sinistro, mesmo hoje, quando acreditamos já nos termos libertado dessa atitude?” (p.109); parece que o sinistro está relacionado com o impressionante e o ininteligível, portanto, numinoso, e quando essa força desconhecida aparece surgem sentimentos de medo, mas concomitantemente faz o processo de individuação — é o conflito com o inconsciente.

Outrossim, Boechat (2007) afirma que quando a sexualidade é integrada no processo de individuação, pode ser transformadora e criativa, caso contrário pode adquirir uma força destrutiva. Para Jung (1957/2013), quando os símbolos e o numinoso são reprimidos, suas energias se tornam inconscientes e “verdadeiros demônios” (p. 273).

Essa integração entre consciente e inconsciente envolve a vivência psicológica do sagrado e isso pode possibilitar a renovação, trazer vida, amor, paixão e fertilidade, assim como pode conectar com a vida instintiva e criativa que possibilitam a união entre a sexualidade e a sacralidade. Entretanto, ambos se desvincularam como se fossem opostos extremos e assim o sentimento de vazio difuso ou de falta de significado estão relacionados à perda do numinoso e à falta do divino e/ou sagrado na vida. Qualls-Corbett (1990) destacou a importância do símbolo da prostituta sagrada para o reestabelecimento do contato com o divino.

As prostitutas sagradas eram as sacerdotisas dos templos da deusa durante os períodos sumérios; nos cultos à deusa, o sexo era trazido como algo aberto, reverencial e era um lugar em que homens e mulheres encontravam vida, prazer sensual e deleite. Porém a deusa foi deixando de ser venerada com o surgimento do

monoteísmo e, conseqüentemente, do deus único e patriarcal. Logo, os aspectos físicos e espirituais do feminino foram declarados demoníacos e a mulher se tornou Eva — a encarnação da sedução sensual e razão da ruína do homem — e assim a natureza sexual e a sensualidade da mulher passaram a ser julgadas, rebaixadas e exploradas (QUALS-CORBETT, 1990).

Dessa forma, as qualidades que antes eram consideradas sagradas se tornaram degradadas e o amor passou a ser dissociado do corpo afim de alcançar a união espiritual com esse Deus único e supremo, com a negação da natureza humana e abstenção de tudo que fosse fonte de prazer. Com isso, perdeu-se a forma humana da deusa e a relação com a matéria, deixando um abismo entre corpo e espiritualidade. Os atributos positivos da deusa foram espiritualizados e harmonizados com a santa Virgem, enquanto a mulher mundana era encarada como destrutiva ou como bruxa. O feminino, então, era por um lado elevado às alturas celestes, mas por outro rebaixado como depravado e demoníaco (QUALS-CORBETT, 1990).

Essas crenças psicológicas e as religiões tradicionais ainda reverberam em nossas vidas, exercendo poderosa influência inconsciente — o que reverbera em nossa relação com nossos corpos, identidades sexuais e na relação com o divino. Apesar do avanço cultural, social e técnico do princípio masculino patriarcal, o retrocesso da natureza feminina instintiva deixou marcas na psique de todos. E é essa natureza que pode ser resgatada por meio da compreensão da imagem arquetípica da prostituta sagrada, essencial ao movimento em busca da plenitude em homens e mulheres, capacitando-os a respeitar tais qualidades dentro de si mesmos (QUALS-CORBETT, 1990).

A imagem arquetípica da prostituta sagrada revela aspectos psicológicos da mulher relacionados à faceta instintiva, erótica e dinâmica do feminino, assim como traz a beleza, a liberdade da ambivalência e a autoconsciência com relação à sua sexualidade; ela está relacionada ao amor, à alegria, ao prazer sensual e às dores e sofrimentos do amor. Ademais, Qualls-Corbett (1990) escreve que a deusa do amor representa o aspecto dinâmico e transformativo do feminino: é móvel, mutante, fértil, criativa e está relacionada à consciência integrada do corpo.

Outro aspecto da imagem da prostituta sagrada é a da virgindade no sentido de ser uma-em-si-mesma, o que significa não pertencer a nenhum homem e não depender ou agir conforme os padrões sociais esperados, mas sim de acordo com o que se quer. Qualls-Corbett (1990) escreve que ser esposa não altera os atributos de

liberdade e de espontaneidade da mulher. Para a mulher contemporânea, talvez o primeiro passo seja tomar consciência das atitudes que a reprimem e a ferem, para então passar a experimentar a importância da beleza de seu corpo e de sua sexualidade, o que favorece a ligação com o Si Mesmo no processo de individuação.

Ademais, o discernimento do princípio feminino e da prostituta sagrada como imagem arquetípica pode também possibilitar o processo de individuação por meio da intimidade na relação com o outro. Esse aspecto da individuação pode estar relacionado psicologicamente à visita do estranho ao templo da deusa — o qual era visto como um emissário dos deuses, alguém que não é aguardado, vem de um lugar de fora e instiga mudança — e pode representar literalmente um homem desconhecido na vida da mulher contemporânea. Mesmo sem ser um relacionamento estável, por meio do olhar desse estranho é possível despertar a imagem da prostituta sagrada, que está no interior da mulher e traz os aspectos dinâmicos e transformativos de sua vida. Por isso, constelar a prostituta sagrada pelo estranho pode trazer vida à mulher, fazê-la conhecer seu corpo, sua sexualidade e a libertar da culpa de agir conforme os padrões e convenções sociais (MOORE, 1999; QUALLS-CORBETT, 1990).

Para a psicologia junguiana clássica, isso pode ser simbolicamente visto como o *animus* que conduz a mulher para fora, para o mundo da criatividade, do discernimento e das ideias. E de acordo com Qualls-Corbett (1990), ele é uma imagem arquetípica encarregada da iniciação nos mistérios sexuais e conscientização da potência da mulher, que é capaz de tomar suas decisões e assumir o que quer, sem submissão ou sentimento de inferioridade.

Outro aspecto positivo de tornar consciente a imagem arquetípica da prostituta sagrada é o de possibilitar a expressão da dimensão erótica e estimulante da vida. Esta dimensão faz parte do princípio cósmico de Eros e revela o lado espiritual do erotismo (QUALLS-CORBETT, 1990). De acordo com Moore (1999), redescobrir o valor do erotismo é essencial para uma sexualidade profunda e repleta de alma, onde é preciso unir o corpo físico e mecânico ao corpo sutil, cheio de fantasias e de imaginação.

Sobre esta dimensão erótica, Cowan (2007) coloca Eros no centro do processo de individuação, levando em conta que a alma (Psiquê) busca-o e ele é um dos caminhos para o autoconhecimento. A autora afirma que “a tomada de consciência é um despertar para Eros por meio da beleza do mundo e da beleza da alma” (p. 192),

beleza esta que sustenta e dá prazer: a volúpia. A filha de Eros e Psiquê é imortal e eterna e um dos objetivos do processo de individuação é trazê-la à luz.

Essa ideia corrobora a de Imperatrice (2016), que destacou a imagem de Eros como representante do elo entre o ser humano e a alma — aquele que faz conexão entre o físico e o emocional, que permeia as experiências de prazer, inclusive o prazer sexual. A autora enfatiza a união corpo, psique e espírito e afirma que a atração sexual é vivida corpórea e psiquicamente, de maneira que o encontro com o outro apresenta também a possibilidade de encontrar a própria alma. Para esta autora, o ego tende a separar esses aspectos, o que resulta na impossibilidade de entrega completa ao outro.

Apesar dessa separação, o sexo pode ser entendido metaforicamente como um alimento para alma, nele se encerram experiências de prazer e fracasso, criatividade e destrutividade. A vivência do que é imaginativo, correspondente ao movimento da alma, é muitas vezes assustadora, pois exige um distanciamento da vida estática e objetiva e uma aproximação às emoções e paixões que são análogas ao instintivo e espontâneo. Para que essa aproximação seja possível é necessário Eros — imagem arquetípica que possibilita a união de alma e sexualidade ao prazer e encantamento (IMPERATRICE, 2016).

A união entre alma, sexo e divino foi também abordada por Moore (1999) em seu livro “A Alma do Sexo”. Nesta obra, o autor refere-se aos deuses Eros e Afrodite como elos entre a alma e o sexo e compreende-o como uma experiência do sagrado, de tal maneira que o sexo sem a alma torna-se uma experiência mecânica. Essa ideia corrobora a perspectiva de Imperatrice (2016) de que uma visão mecanicista orientada por pressupostos de eficiência e produtividade provoca ansiedade e se enraíza na vida, o que inclui a vida sexual e pode levar o prazer (se não vivido de forma balanceada) para a sombra.

A alma, portanto, parece estar intrinsecamente ligada à vida sexual e por isso, conforme Moore (1999), é preciso “de mais sexo, não menos, mas de sexo com alma” (p. 13). Uma relação sexual sem alma é sem os toques, as preparações e as preliminares, e logo é um sexo puramente mecânico e vazio. Essa ideia corrobora a de Simão (2017), que escreve sobre essa experiência mecânica no sexo e sugere que talvez o sexo sem compromisso possa representar uma tentativa de recuperar o lúdico nos relacionamentos como uma homenagem a Eros, Afrodite e Dioniso, opondo-se ao modelo cultural que preza pela eficiência e produtividade. Já Qualls-Corbett (1990)

ressalta que o esquecimento desses deuses, em especial Afrodite, pode trazer esterilidade aos encontros, deixar as relações artificiais e trazer a apatia e a falta de propósito.

Similarmente, Moore (1999) destaca que mesmo sem um vínculo estável, o sexo sem compromisso pode dar um lar a Eros e aos deuses do prazer e, assim, não é possível separá-lo das emoções. A atração sexual não é algo puramente físico, a alma está sempre em busca daquilo que deseja e o sexo com alma pode criar mundos — é algo criativo e profundo. Para essa profundidade de um sexo com alma ser possível, é preciso de imaginação, dedicação, respeito e presença plena.

Sobre o criar mundos e a sexualidade, Moore (1999) relaciona ambos com as novidades no sexo, seja de um novo parceiro ou uma nova posição sexual, e que podem ser satisfatórias não apenas ao nível físico, mas também ao nível das fantasias e imaginações — e, portanto, da alma. No sexo podemos descobrir muito sobre nós, nossos parceiros, nossos relacionamentos e sobre a vida. São nos prazeres e nas preferências sexuais que também é possível se descobrir, olhar para onde a alma leva e quais são os obstáculos e complexos de cada um.

Contudo, justamente este novo e estas descobertas podem levar ao medo do desconhecido. Moore (1999) justifica que talvez esse seja outro motivo pelo qual existe o temor ao erotismo e à sexualidade: pois eles alteram o equilíbrio. O erotismo, de acordo com Bataille (2017), está relacionado com a transgressão psicológica — que tem a ver com a sensação de liberdade que a plena realização do ato sexual exige. Entretanto essa transgressão muitas vezes é compreendida como algo moral (e não psicológico), o que pode provocar um medo do erotismo. Eros leva a novos mundos e isso pode levar a uma rejeição de antigos padrões, o que pode parecer, portanto, uma transgressão tão comumente confundida com a moralidade.

As questões eróticas, segundo Cowan (2007), são enquadradas numa oposição excludente entre corpo e alma ou corpo e espírito, em que uma exclui a outra e vem com julgamentos moralistas. É grande o temor a Eros e várias de suas dádivas foram transformadas em maldição, tais como: o prazer amoroso em satisfação egoísta, a sexualidade em pornografia e entre outras. Por isso a moralidade muitas vezes acaba por se separar do prazer sexual, o que torna difícil pensar em ambas (moralidade e prazer sexual) associadas.

Entretanto, Moore (1999) aponta para um caminho do meio em que a moralidade não é apenas instrumento de controle e inibição, mas tem também papel

criativo que pode ajudar na reconciliação com a culpa. O autor escreve sobre uma moralidade com alma, que é baseada em eros e, portanto, no amor. Eros é doce e amargo, e apenas aceitando as suas doçuras e amarguras é possível encontrar os prazeres que complementam a sensibilidade moral. Uma decisão moral com alma é vista como uma iniciação ou um rito de passagem, em que a antiga ingenuidade dá lugar à sabedoria da experiência e, neste sentido, uma decisão moral na área sexual pode aprofundar as vivências na sexualidade.

Aprofundar faz parte do processo de individuação e a alma busca aprofundamento em sua multiplicidade psíquica. Neste processo ocorre também o *hieros gamos* (casamento sagrado) ou *mysterium coniunctionis*, que é a união dos opostos, e conforme Guggenbühl-Craig (1980), essa aproximação é bem expressa na linguagem do erotismo. Esse matrimônio sagrado é trazido por Qualls-Corbett (1990) como análogo à experiência de “derreter juntos” (p. 109) nos orgasmos, ainda que por um breve momento. Além disso, a autora aborda o *hieros gamos* como voltado à integração da sexualidade e espiritualidade, que traz “terralização” (p. 102) ao espírito e espiritualização à terra. É prejudicial olhar para a sexualidade apenas de forma espiritual, visto que a individuação ocorre não apenas por meio de reflexões e pensamentos, mas também pela experiência no corpo.

Os esforços de busca de uma conscientização no mundo exterior — como por meio dos movimentos feministas — tem auxiliado a aproximar os aspectos separados e mais inconscientes da deusa do amor, da prostituta sagrada, de Eros e dos deuses sexuais em nossas vidas. Esse processo consiste na integração dessas imagens arquetípicas dentro de nós, assim como estar em contato com as forças criativas que essas imagens trazem, de modo a valorizar o prazer, a autoconfiança e a sensualidade de cada um (QUALLS-CORBETT, 1990). Então é possível que o sexo possa oferecer à mulher uma oportunidade de integrar à consciência o sagrado, como uma forma de aprender a se relacionar com aspectos reprimidos e/ou mais inconscientes de sua vida.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 Objetivo Geral**

Compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso por mulheres de 25 a 30 anos, heterossexuais e urbanas.

### **5.2 Objetivos Específicos**

Identificar as práticas subjacentes ao sexo sem compromisso de mulheres de 25 a 30 anos, heterossexuais e urbanas.

Investigar as experiências de prazer e desprazer no sexo sem compromisso de mulheres de 25 a 30 anos, heterossexuais e urbanas.

## **6 MÉTODO**

### **6.1 Características do estudo**

O presente estudo é uma pesquisa que utiliza uma metodologia qualitativa e de caráter exploratório, ancorando-se na abordagem da psicologia analítica. A aplicação dessa perspectiva à pesquisa científica parte do pressuposto de que mundo e ser humano são compreendidos através da dimensão simbólica. Esta dimensão compreende os aspectos biológicos, culturais, sócio-históricos e espirituais num contexto de totalidade integrada, com aspectos conscientes e inconscientes se inter-relacionando. Embora o inconsciente não seja passível de observação direta, é possível investigar e conhecer seus aspectos de maneira indireta por meio de manifestações arquetípicas, as quais são expressas pelos símbolos (PENNA, 2005).

Para que seja possível a investigação de elementos conscientes e inconscientes no discurso das participantes, é imprescindível que o pesquisador tenha capacidade de observar o outro e a si mesmo, com empatia e abertura para perceber o fenômeno investigado por meio das funções da consciência: o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição (FARIA, 2003).

### **6.2 Participantes**

A pesquisa teve como participantes 12 mulheres urbanas, na faixa etária de 25 a 30 anos. Espaços urbanos são caracterizados, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE (2017), como um local com um conjunto de atividades que ocorrem em uma mesma integração local, com a justaposição de casas e edifícios, atividades e práticas econômicas, sociais e culturais. São locais produzidos pela economia, com mais de 20 mil habitantes, onde ocorrem atividades secundárias e terciárias, vivenciados social e culturalmente. A escolha de participantes urbanas foi porque as mulheres urbanas estão numa “revolução silenciosa” (HIME, 2008, p. 187) no âmbito da afetividade e da sexualidade. Já a faixa etária de jovens adultas (25-30 anos) foi escolhida, visto que essa fase do ciclo de vida é caracterizada pela construção de uma identidade emocional e sexual mais sólida, quando se inicia uma maior maturidade e autonomia. Nesta faixa etária criam independência emocional e

econômica, o que as liberta para relações íntimas com pessoas fora do seu círculo familiar (MARCO *et al.*, 2012).

Os demais critérios de inclusão foram:

- Heterossexuais. Cogitou-se que adotar outras orientações sexuais acrescentaria especificidades ao fenômeno estudado e não seria possível abarcá-las nesta pesquisa;
- Sexualmente ativas. Considerou-se importante que as participantes vivessem e estivessem em contato com suas vidas sexuais para poderem falar sobre a temática na entrevista;
- Ter praticado o sexo sem compromisso no mínimo uma vez nos últimos cinco anos. Este critério foi usado na pesquisa de Simão (2017) sobre as motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres sobre o sexo sem compromisso, e por isso foi considerado o período mínimo de cinco anos como tempo suficiente para recordação das vivências de sexo casual e ser possível responder às perguntas da pesquisa.

Os critérios de exclusão foram qualquer limitação que impossibilitasse a comunicação, tais como: doença mental limitante, rebaixamento mental ou transtorno psiquiátrico severo.

O critério para estabelecer um número total de participantes foi a saturação de temas e informações, que consiste na observação do pesquisador por redundâncias e repetições nas respostas das entrevistas, com a consequente interrupção de captação de novos participantes (DENZIN; LINCOLN, 1994). Para determinar o ponto de saturação, a pesquisa empírica de Thiry-Cherques (2009) mostrou que a saturação ocorre em geral até a 12<sup>a</sup> entrevista, mas os elementos básicos dos temas aparecem até a 6<sup>a</sup> entrevista. Para confirmar a saturação são necessárias mais duas entrevistas, o que torna, portanto, oito o número mínimo de entrevistas. Com isso em conta, a presente pesquisa teve um total de 12 entrevistas.

## 6.3 Instrumentos

### 6.3.1 Questionário para caracterização de perfil das participantes

Questionário para caracterização de perfil (Apêndice A) elaborado pela pesquisadora com objetivo de conhecer o perfil das participantes segundo: idade; cidade onde reside; estado civil; escolaridade; profissão; religião; se no momento da entrevista estava num relacionamento estável; se ainda pratica ou já praticou sexo sem compromisso; quando começou; e se não praticava mais sexo sem compromisso, por quais motivos parou e quanto tempo durou a prática.

### 6.3.2 Entrevista semidirigida

A entrevista semidirigida foi escolhida como instrumento por ser frequentemente empregada em estudos de caráter qualitativo. Esse modelo de entrevista possibilita maior flexibilidade para a entrevistadora esclarecer alguma resposta (BRAUN; CLARKE, 2006), bem como proporciona espaço à imaginação da participante.

A fim de orientar a condução da entrevista, foi proposto um roteiro elaborado pela pesquisadora (Apêndice B) composto por duas etapas:

- a) aquecimento: com a finalidade de estimulação da imaginação e pensamento imagético, antes de dar início à entrevista a pesquisadora leu o poema autoral intitulado “Dedos, Dores e Deleites em ser Mulher” e fez duas perguntas que despertassem os sentimentos que o poema reverberava nas participantes. Em seguida, as participantes foram solicitadas a mencionar, caso tivessem, quaisquer associações feitas com o poema durante a entrevista;
- b) entrevista semidirigida propriamente dita: o roteiro da entrevista incluiu perguntas relativas ao sexo sem compromisso e às possibilidades de prazer e desprazer da mulher, a fim de responder aos objetivos da pesquisa. As perguntas permitiram às participantes aprofundarem na temática do estudo, o que garantiu a flexibilidade necessária para que pudessem expressar suas experiências e sentimentos, sem, contudo, sair do tema proposto.

### 6.3.3 Gravador

O gravador foi utilizado durante as entrevistas conforme a autorização foi concedida pelas participantes, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C). Foi explicado a cada participante que o material gravado seria de acesso exclusivo da pesquisadora, assegurando-as quanto à preservação de suas identidades. As gravações foram transcritas, mantendo-se apenas o material transcrito para análise.

## 6.4 Procedimentos

### 6.4.1 Procedimento de seleção de participantes

A seleção de participantes foi realizada pelo método bola de neve, que consiste na formação de uma amostra não probabilística por meio de cadeias de referências, isto é, cada participante contatada indica uma outra possível participante. Essa forma de seleção é útil para estudar grupos difíceis de serem acessados ou quando se abordam questões delicadas e de âmbito privado (VINUTO, 2014). Assim, esse método se adequa ao presente estudo, pois o tema da sexualidade pode ser considerado delicado por tratar de questões íntimas.

A pesquisadora entrou em contato, por telefone ou mensagem de texto, com mulheres próximas na faixa etária proposta do estudo. Estas indicaram novos contatos a partir de sua rede pessoal, que foram escolhidas conforme os critérios estabelecidos. Este mesmo procedimento foi seguido sucessivamente, até que a saturação foi alcançada com o total de 12 entrevistas.

### 6.4.2 Local da pesquisa

Devido à pandemia da COVID-19, a pesquisa foi realizada de forma online via Zoom e a pesquisadora, nos momentos das entrevistas, estava em seu consultório particular, local considerado ideal para garantir o sigilo, ter poucas interferências e condições físicas adequadas para aplicação dos instrumentos da pesquisa. Pediu-se

para as participantes que, se possível, estivessem também em local que considerassem seguro, sigiloso e com poucas interferências físicas.

#### 6.4.3 Procedimento de coleta de informações

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), foi iniciada a coleta de informações. A pesquisadora entrou em contato via WhatsApp com mulheres da faixa etária proposta e que poderiam ser possíveis participantes, garantindo que atendessem os critérios de inclusão e exclusão. No primeiro contato foi explicado o tema da pesquisa e feito o convite para a participação; quando aceito, a data e o horário da entrevista eram agendados.

Devido à pandemia da COVID-19, as entrevistas foram realizadas de forma online via plataforma Zoom. O período de coleta durou de 19 a 24 de julho de 2020, e o tempo de duração das entrevistas foi de aproximadamente 40 minutos. A modalidade online permitiu uma maior disponibilidade de tempo das participantes, o que resultou na realização de mais entrevistas em menos tempo.

Na data agendada da entrevista, inicialmente a pesquisadora se apresentava de forma breve e retomava a temática e objetivos da pesquisa; explicava o modo como a entrevista seria conduzida; abria espaço para as dúvidas das participantes e assegurava a possibilidade da retirada de sua participação a qualquer momento da pesquisa. Em seguida, o TCLE era compartilhado na tela do computador das participantes e os principais pontos eram lidos e os cuidados éticos ressaltados (Apêndice C). Assim que as dúvidas eram esclarecidas, o TCLE era encaminhado às entrevistadas via Whatsapp ou e-mail, a participação era consentida e logo se dava início à entrevista com o uso do gravador. Ao final de cada entrevista, as participantes enviavam o TCLE assinado à pesquisadora via WhatsApp ou e-mail.

#### 6.4.4 Procedimento de análise das informações

A análise das informações das entrevistas seguiu o modelo de análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), que busca identificar, organizar, analisar e descrever em detalhes temas emergentes das entrevistas. Trata-se de uma abordagem indutiva, sem codificação prévia das informações coletadas, de forma que

os temas surgem a partir da própria leitura e análise das informações. Este tipo de investigação permite a identificação de temas não previstos pela pesquisadora e é adequado para tratar de assuntos ainda pouco estudados, pois proporciona resultados complexos e minuciosos a respeito da experiência dos participantes. Para mais, a codificação dos temas foi derivada mais dos dados (*data-driven*), do que da teoria (*theory-driven*), ou seja, os temas partiram mais dos dados da entrevista do que de questões específicas que o pesquisador propõe anteriormente para orientar a codificação. Optou-se pelo *data-driven*, pois a meta era codificar todo o banco de dados de forma flexível e aprofundada.

Braun e Clarke (2006) dividem o processo de análise temática em seis etapas que foram seguidas neste estudo, a saber: (1) familiarização do pesquisador com as informações coletadas, (2) transcrição das entrevistas, (3) geração de códigos iniciais, (4) procura dos temas, (5) revisão dos temas, (6) definição dos temas e produção escrita da análise.

Na última etapa, os temas definidos foram descritos e apresentados por meio de trechos das entrevistas selecionados pela pesquisadora para melhor representá-los. Os resultados foram apresentados e compreendidos a partir do referencial da psicologia analítica e das pesquisas levantadas, procurando assinalar uma visão simbólica do conteúdo verbal. Foi utilizada a amplificação simbólica do material emergente, a partir da mitologia.

Vale ressaltar que a relação feita com os mitos não teve por objetivo categorizar de forma estereotipada a experiência da mulher no sexo sem compromisso, mas sim lançar uma reflexão psicológica sobre os mitemas que expressam relações entre os deuses e utilizá-los como ferramentas imagéticas capazes de representar aspectos emocionais profundos. O uso deste recurso assentou-se na perspectiva de que imagem é psique (BARCELLOS, 2012).

#### *6.4.4.1 Análise da etapa aquecimento da entrevista semidirigida*

A análise da etapa do aquecimento composto no roteiro da entrevista semidirigida seguiu o modelo de análise temática proposto por Braun e Clarke (2006) descrito no item acima. As respostas do aquecimento foram consideradas parte da temática do estudo e, portanto, foram analisadas em conjunto com a segunda etapa da entrevista semidirigida.

## 6.5 Cuidados Éticos

A pesquisa foi realizada de acordo com os procedimentos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos preconizados pela Resolução CONEP 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, pela Resolução CNS/MS 510/2016 e pelo Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP. Consta em apêndice o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C).

Somente após aprovação do projeto pelo CEP (aprovação nº 4.138.601) a pesquisa teve início (Apêndice D). Foi garantido às participantes o anonimato proporcionado pela confidencialidade e sigilo necessários para a preservação de suas identidades. Os objetivos da pesquisa e seus critérios de realização (gravação, transcrição das entrevistas e possibilidade de publicação posterior em meios científicos) foram esclarecidos às participantes antes das entrevistas, que tiveram início mediante a assinatura do TCLE, assegurando-lhes ainda a possibilidade de desistência da participação em qualquer momento no decorrer do estudo.

A pesquisa ofereceu risco mínimo às participantes e se houve algum incômodo ou desconforto emocional no decorrer das entrevistas, a pesquisadora colocou-se à disposição para oferecer informações, orientações, encaminhamento psicológico e dispôs-se ainda a realizar um novo encontro caso necessário — o que foi dispensável, visto que nenhuma participante reportou incômodo ou desconforto emocional após a pesquisa.

## 7 RESULTADOS E ANÁLISE

Este capítulo descreve os resultados desta pesquisa, assim como apresenta uma compreensão de cada tema obtido por meio da análise temática. A princípio será feita uma breve descrição de cada participante, levando em conta a preservação de suas identidades. Em seguida será apresentado e analisado cada tema e subtema obtido da análise temática, os quais emergiram da revisão da literatura e principalmente dos dados da pesquisa. As análises contemplarão a abordagem da psicologia analítica e arquetípica. Por último serão analisados os símbolos descritos pelas participantes na entrevista.

### 7.1 Descrição dos participantes

Foram entrevistadas 12 mulheres entre 25 e 30 anos, todas residentes em Curitiba, heterossexuais, solteiras e com formação superior completa ou em andamento. Para manter o sigilo das participantes foi feita uma breve apresentação de cada uma com nomes fictícios, dos quais sete foram escolhidos pela pesquisadora e os outros cinco foram os nomes dos símbolos trazidos ao final da entrevista para representar o tema. A razão dessa distinção no processo de escolha foi que sete delas trouxeram como simbologia do tema amigas com nomes semelhantes aos de outras participantes. Portanto, para manter o sigilo, apenas as que escolheram símbolos de personalidades da mídia ou personagens de filmes/ séries foram assim nomeadas, enquanto as outras foram apelidadas aleatoriamente pela pesquisadora.

Segue a resumida descrição de cada entrevistada:

**Malu**, 28 anos, psicóloga e se considera agnóstica. Atualmente está em um relacionamento estável, coabita com o namorado e por isso não pratica mais sexo sem compromisso. O período que praticou durou um ano e era uma frequência de quatro vezes por mês, sendo uma ou duas vezes por semana.

**Miriam**, 25 anos, psicóloga e afirmou ser católica. Atualmente está em um relacionamento estável e por isso não pratica mais sexo sem compromisso. O período que praticou durou três anos e ocorria mais ou menos a cada dois meses, mas podia ser mais.

**Samantha**, 26 anos, está cursando psicologia e trabalha num *petshop*, afirmou não ter religião, entretanto sua família é católica não praticante. Não está num relacionamento estável e começou a praticar sexo casual aos 17 anos, com o período total de nove anos e uma frequência média de uma vez por mês, mas disse ser “*na frequência que deus permite*” seguida de muitas risadas.

**Fay**, 25 anos, formada em engenharia de produção, trabalha como inspetora de qualidade e é católica. Não está num relacionamento estável e pratica sexo sem compromisso desde 2015, quando ficou solteira, com o período total de cinco anos e uma frequência média de uma ou duas vezes por mês.

**Lady Gaga**, 30 anos, médica e católica. Atualmente está em um relacionamento estável que não considera um namoro, todavia não pratica mais sexo sem compromisso. O período que praticou durou seis meses e a frequência era em média quatro vezes ao mês, sendo uma vez por semana.

**Hilda**, 26 anos, psicóloga e afirmou ser cristã. Atualmente está em um relacionamento estável, porém ainda pratica sexo sem compromisso. O período total que praticou foi de seis anos com uma frequência média de uma vez por mês.

**Bijou**, 25 anos, advogada e se declarou umbandista. Não está em um relacionamento estável e pratica sexo sem compromisso desde 2018; portanto, tem o período total de dois anos com uma frequência média de duas a três vezes por mês.

**Lilith**, 25 anos, psicóloga clínica e disse não ter religião, mas realiza práticas espirituais voltadas ao xamanismo e à umbanda. Atualmente está em um relacionamento estável e por isso não pratica mais sexo sem compromisso. O período que praticou durou dois anos e a frequência era mais ou menos duas a três vezes por mês.

**Elena**, 29 anos, formada em comércio exterior, no momento está desempregada e alegou não ter religião, contudo acredita num ser maior. Não está em um relacionamento estável e pratica sexo sem compromisso desde os seus 23

anos logo após quase noivar. O período total que pratica sexo casual é, portanto, de seis anos com uma frequência média de duas a três vezes por mês.

**Anitta**, 26 anos, psicóloga e declarou não ter religião, entretanto sua família é judia. Atualmente está em um relacionamento estável e por isso não pratica mais sexo sem compromisso. O período que praticou durou três anos e a frequência era em média de uma vez por mês.

**Anaís**, 26 anos, psicóloga e afirmou não ter religião. Atualmente está em um relacionamento estável e por isso não pratica mais sexo sem compromisso. O período que praticou durou seis anos e a frequência era de uma a duas vezes por mês.

**Maja**, 30 anos, médica e afirmou ser católica. Não está em um relacionamento estável e pratica sexo sem compromisso desde os 19 anos, com o período total de 11 anos e uma frequência média de quatro vezes por mês.

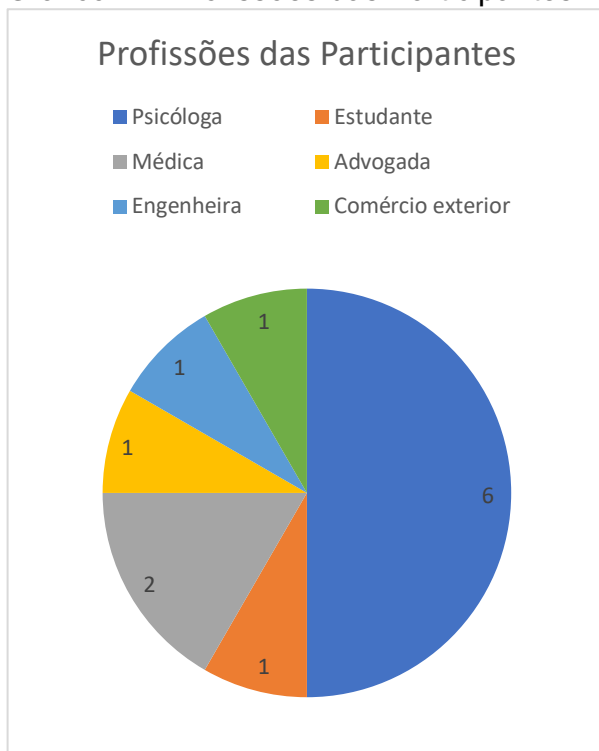
Visto que o total de participantes atingiu o número máximo previsto (12), optou-se por elaborar três gráficos com a descrição mais objetiva das características das entrevistadas, para que as semelhanças e diferenças entre elas fiquem expressas de forma mais clara. Já o Quadro 01 contém informações sobre: se atualmente pratica o sexo sem compromisso, por quanto tempo praticou sexo sem compromisso e qual é ou era a frequência que pratica(va).

Gráfico 1 – Idade das Participantes



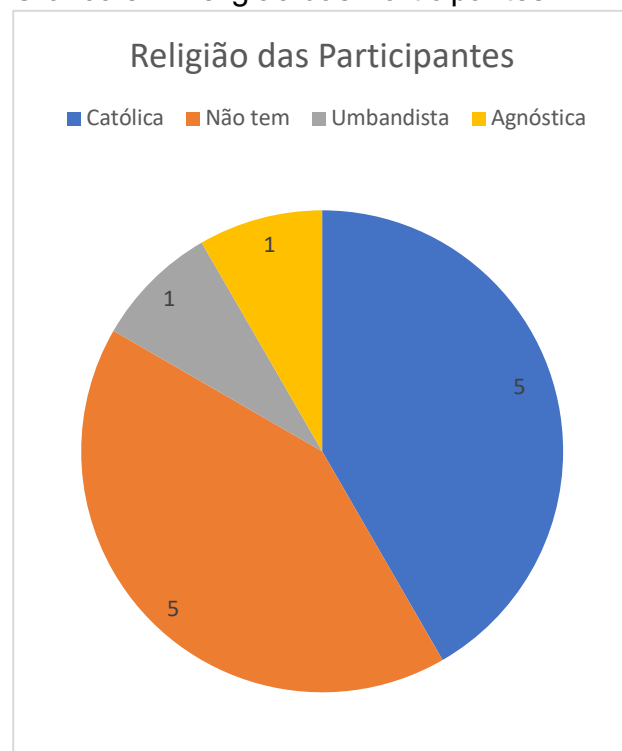
Fonte: A Autora, 2021.

Gráfico 2 – Profissões das Participantes



Fonte: A Autora, 2021.

Gráfico 3 – Religião das Participantes



Fonte: A Autora, 2021.

A idade das participantes, como pode ser visto no Gráfico 1, foi entre de 25 e 30 anos, sendo quatro entrevistadas de 25 anos, quatro de 26 anos, duas de 30 anos, uma de 28 anos e uma de 29 anos. Com relação à profissão (Gráfico 2) seis são psicólogas, uma é estudante de psicologia, duas são médicas, uma advogada, uma engenheira e uma é formada em comércio exterior. Já quanto à religião, conforme ilustrado no Gráfico 3, cinco são católicas, cinco afirmaram não ter religião, uma é umbandista e uma agnóstica.

Quadro 01 - Descrição das participantes

<b>Participante</b>	<b>Atualmente pratica SSC*?</b>	<b>Duração da prática de SSC</b>	<b>Frequência da prática de SSC</b>
<b>Malu</b>	Não	01 ano	04 vezes por mês
<b>Miriam</b>	Não	03 anos	A cada 02 meses
<b>Samantha</b>	Sim	09 anos	01 vez por mês
<b>Fay</b>	Sim	05 anos	01 a 02 vezes por mês
<b>Lady Gaga</b>	Sim	06 meses	04 vezes por mês
<b>Hilda</b>	Sim	06 anos	01 vez por mês
<b>Bijou</b>	Sim	02 anos	02 a 03 vezes por mês
<b>Lilith</b>	Não	02 anos	02 a 03 vezes por mês
<b>Elena</b>	Sim	06 anos	02 a 03 vezes por mês
<b>Anitta</b>	Não	03 anos	01 vez por mês
<b>Anais</b>	Não	06 anos	01 a 02 vezes por mês
<b>Maja</b>	Sim	11 anos	04 vezes por mês

\*SSC- *Sexo sem compromisso*

A respeito das práticas de sexo sem compromisso, sete atualmente têm relações sexuais casuais e cinco não; entretanto, é por estarem em um relacionamento estável. A participante Maja foi quem praticou sexo sem compromisso por mais tempo — um período de 11 anos — e Lady Gaga quem praticou por menos tempo: um período de seis meses. O restante das participantes praticou de um a nove anos. Sobre a frequência com que praticavam sexo sem compromisso, a maior foi de quatro vezes por mês (Malu, Maja e Lady Gaga) e a menor foi a cada dois meses (Miriam); as outras variaram de uma a três vezes ao mês.

#### 7.1.1 Breves considerações sobre a fase do aquecimento da entrevista

O objetivo do aquecimento foi o de estimular a imaginação das participantes e despertar seus sentimentos com relação ao tema do estudo por meio da leitura do poema “Dedos, dores e deleites em ser mulher”, para que o simbólico estivesse

presente durante a segunda etapa da entrevista. De modo geral, as entrevistadas se identificaram com o poema, sentiram-se representadas e que era uma forma de expressão de seus sentimentos com relação às suas sexualidades. Por essas razões, fez-se a análise do aquecimento junto com a da entrevista propriamente dita.

Porém o poema inesperadamente teve um papel para além do estímulo da imaginação e reverberou num lugar que aparentemente estava adormecido e/ou inconsciente nas participantes e as fez recordar desde lembranças do passado até vivências recentes relacionadas as suas vidas sexuais, o que permeou a etapa seguinte da entrevista semidirigida.

Antes de ser iniciado o aquecimento, algumas entrevistadas citaram estarem ansiosas, mas logo após a leitura do poema a maioria pareceu surpresa e admirada, o que abriu espaço às emoções. O aquecimento gerou um clima de descontração para as participantes e de proximidade com a pesquisadora, o que proporcionou um ambiente mais íntimo para a realização da pesquisa.

De forma geral, os sentimentos despertados foram desde a compaixão e se sentir compreendidas e acolhidas, até a lembrança dos julgamentos que enfrentaram em suas vidas. Por exemplo, a reação de Elena foi dizer “pesado, mas é real mesmo assim né”; já Anitta disse “é como se fosse quase que uma linha do tempo pra mim, de tipo já ter passado pelo momento do julgamento”; ou Hilda que se lembrou “de uma luta interna minha”; e Miriam que sentiu o poema como um lembrete de que “o sexo casual ou então sei lá, a sexualidade na mulher, que ela quer que se manifeste (...) de como isso é julgado”.

Vale ressaltar que muitas das respostas do aquecimento compuseram o tema intitulado “Dedos que apontam e julgam” — que é um dos resultados da pesquisa e é voltado aos julgamentos que a mulher vivencia, em especial sobre a sua sexualidade.

## **7.2 Análise temática**

Os temas englobam as informações recorrentes nas entrevistas, levando em conta os objetivos propostos no trabalho, a saber: (objetivo geral) compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso pela mulher jovem e urbana; (objetivos específicos) identificar práticas subjacentes ao sexo sem compromisso; e investigar a experiência de prazer e de desprazer no sexo sem compromisso. A partir das informações das entrevistas foram organizados cinco temas: (1) Descrição e

compreensão do sexo sem compromisso; (2) Dona de mim; (3) Conexão, troca e compartilhar; (4) Dedos que apontam e julgam; (5) Relações impessoais. Os temas derivaram subtemas apresentados no Quadro 02:

Quadro 02 - Temas e subtemas dos resultados

<p><b>Tema 01. Descrição e compreensão do sexo sem compromisso</b></p> <p>Subtema I - Como as participantes compreendem o sexo sem compromisso</p> <p>Subtema II - Descrição das práticas de sexo sem compromisso</p> <p>Subtema III - Ambiguidades de uma (não) busca por amor romântico</p> <p><b>Tema 02. Dona de mim</b> - as experiências de prazer com elas mesmas</p> <p>Subtema I - A liberdade</p> <p>Subtema II - A busca de prazer e satisfação sexual</p> <p>Subtema III - A aventura do novo</p> <p>Subtema IV - A exploração da sexualidade e se descobrir sedutora</p> <p><b>Tema 03. Conexão, troca e compartilhar</b> - as experiências de prazer na relação com o parceiro</p> <p>Subtema I - O compartilhar de um momento: uma troca e conversa com o parceiro</p> <p>Subtema II - A química e a conexão</p> <p>Subtema III - O respeito</p> <p>Subtema IV - Um vínculo sem cobranças</p> <p><b>Tema 04. Dedos que apontam e julgam</b> - as experiências de desprazer com elas mesmas</p> <p>Subtema I - O autojulgamento</p> <p>Subtema II - O julgamento da sociedade</p> <p>Subtema III - Influências da família</p> <p>Subtema IV - Uma desconstrução dos julgamentos: caminhos para o auto acolhimento</p> <p><b>Tema 05. Relações impessoais</b> - as experiências de desprazer na relação com o parceiro</p> <p>Subtema I - A performance e a artificialidade</p> <p>Subtema II - O desrespeito</p>
--

Subtema III - A falta de compromisso
--------------------------------------

Fonte: A Autora, 2021.

### 7.2.1 Tema 1 - Descrição e compreensão do sexo sem compromisso

Este tema versa sobre a percepção e caracterização das entrevistadas sobre as práticas do sexo sem compromisso em suas vidas. Os subtemas que compõem esse tema são: I - Como as participantes compreendem o sexo sem compromisso; II - Descrição das práticas de sexo sem compromisso; III - Ambiguidades de uma (não) busca por amor romântico.

#### 7.2.1.1 Subtema I - Como as participantes compreendem o sexo sem compromisso

Todas as participantes desta pesquisa descrevem o sexo sem compromisso como uma relação sem contratos de um compromisso definido, no sentido de vínculos estáveis, ou de uma exclusividade sexual com a parceria.

Sexo sem compromisso é quando não tem um contrato assim [...] não tem esse contrato pré-estabelecido de “ah eu vou só ficar com você, eu vou só transar com você, vou só me envolver com você”. Então eu acho que pra mim sexo sem compromisso é isso. Quando você não tem um contrato estabelecido assim, uma conversa que determine os limites da relação (Samantha).

Sexo sem compromisso pra mim é ter relações sexuais com uma pessoa, mas sem um contrato, vamos dizer assim, explícito ou implícito, de ter um compromisso de só ficar com ela ou de só ter sexo com ela (Malu).

Além da questão do não compromisso, Anaïs, Fay e Hilda também compreendem o sexo sem compromisso como uma entrega ao momento presente e com a finalidade de sentir prazer:

Sexo sem compromisso é quando você tá vivendo a vida e você simplesmente se entrega a um momento de prazer [...] então você se entrega ao novo e curte o momento do presente. Acho que é isso sexo sem compromisso (Anaïs).

[...] Eu tenho na minha cabeça que eu realmente não quero nada, compromisso digamos assim, ele também, então ambos já tão num consenso de que é legal ter uma relação sexual, é prazeroso e estamos ali só por prazer (Hilda).

[...] o sexo sem compromisso é você ter um prazer momentâneo com alguém que você se sentiu atraído [...] você satisfaz ali o seu prazer momentâneo e

é isso. Muitas vezes nem tem conversa, não tem nada, às vezes é só uma atração mesmo e que faz chegar ao sexo sem compromisso (Fay).

Já Samantha e Lady Gaga, ao serem questionadas sobre o que era sexo sem compromisso, relataram a questão de ser um sexo sem sentimento de um amor romântico, idealizado ou pensando na possibilidade de ser um futuro parceiro de vida:

[...] Acho que pode ter o envolvimento emocional no sexo sem compromisso, mas normalmente ele vem sem sentimento eu acho.

**Pesquisadora: E esse sentimento seria o que?**

Ah, seria um sentimento mais profundo, tipo amor [...] não tem esse amor, aquele amor que a gente idealiza; não tem ciúmes, não tem outros sentimentos negativos que vem junto assim. É mais livre (Samantha).

**Pesquisadora: O que é o sexo sem compromisso para você?**

Pra mim é sexo sem sentimento. Mais relacionado ao prazer, do que ao sentimento daquela pessoa. Não que eu não sinta algo por aquela pessoa, mas seria um sexo que eu sei que não vai trazer um relacionamento amoroso.

**Pesquisadora: E o sentimento que você diz, seria em que sentido?**

O sentimento seria, não o desejo, porque o desejo eu acho que tá muito mais relacionado ao prazer, mas seria o sentimento de gostar da pessoa, de querer ter, assim, de dividir momentos com ela, de dividir uma vida com ela. E pra mim, o sexo sem compromisso é uma pessoa que eu até posso compartilhar uma coisa ou outra, mas não é uma pessoa que vai ter futuro como meu parceiro de vida (Lady Gaga).

Por outro lado, Maja e Fay, ao relatarem suas compreensões do que era sexo sem compromisso em suas vidas, ambigualmente falaram de uma possibilidade dessa prática como uma busca de parceiros:

Seria no geral você efetuar o ato com alguém, sem ter o objetivo de ter uma coisa mais séria, um casamento ou um namoro né. Pra mim, o sexo sem compromisso, embora seja sem uma expectativa, sem essa certeza, é pelo menos tendo essa intenção.

**Pesquisadora: A intenção de?**

De ter algo a mais [...] mesmo eu sabendo que não vai ser um namoro, mas pelo menos tem a intenção de ser (Maja).

[...] você tentar conhecer a pessoa primeiro pelo sexo pra depois vê se consegue alguma coisa a mais ou se você vai se envolver [...] quando as duas pessoas já se comunicam e sabem que aquilo vai ser um sexo sem compromisso, ok. Mas, quando os dois se comunicam e já entra numa conexão e se veem de novo depois de um tempo, depois se vê de novo e depois se vê de novo, já é um laço ali que você já tá criando com a pessoa né, você já não tá só sexo sem compromisso (Fay).

#### *7.2.1.2 Subtema II - Descrição das práticas de sexo sem compromisso*

Este subtema aborda de forma mais descritiva os tipos de encontros de sexo sem compromisso e como conhecem os parceiros. Os tipos de encontro casual que

as participantes relataram praticar com maior frequência foram: *fuck buddy* (parceiro para transar) e *friends with benefits* (amigos coloridos). O *one night stand* (sexo de uma noite só) foi o tipo de encontro menos praticado e as que já praticaram afirmaram terem sido poucas vezes.

Eu tive muitos poucos casos de sexo sem compromisso que foi uma noite só, tipo conhecer a pessoa, transou uma noite e depois nunca mais assim. Acho que tô conseguindo lembrar de uma pessoa só que eu fiz isso. É eu acho que eu sempre fui mais de encontrar mais a pessoa sabe. Era tipo “ah, vamo sair todo mundo e daí no fim da noite a gente vai embora junto” (Anitta).

Então, já aconteceu de acho que nunca mais ver assim, mas foi minoria. A maioria foi pessoas que eu sei, ah, essa pessoa faz isso da vida e eu sigo ela no Instagram e ela tá nesse lugar. E muitas vezes teve sexos casuais que aconteceram e daí você nem... a pessoa virou tipo o *sex partner* né, e daí você só fala meio quando quer transar, quando vai acontecer. E você sabe que é só isso né (Anaís).

Teve pessoas que eu quis ver de novo depois, teve outras que não, teve algumas que eu vejo ainda com regularidade pra fazer sexo casual e com quem eu tenho, daí, relações de amizade mesmo fora do sexo né, e algumas pessoas eu realmente não quis ver de novo (Bijou).

As entrevistadas até transam na primeira noite que conhecem o parceiro, mas o intuito não é que seja de uma noite só. Elas parecem valorizar um conhecimento prévio dos parceiros e ter algum tipo de relação antes de praticar o sexo casual, sendo talvez esse o motivo de encontros de uma noite só ocorrerem com menor frequência:

[...] só que assim, tipo o intuito não era assim de uma noite só, conhecia esse cara e vou ver no que vai dar assim, não era uma coisa planejada sabe [...] Só que todos que eu acabava mesmo depois que eu tinha conhecido na balada e tals, e que eu encontrava mais vezes, é porque tinha esse fator da conexão (Lilith).

[...] não é tipo, ah conheci agora na balada e vou lá, isso pra mim nem acontece na minha vida, é tipo pessoas que eu cultivo algum tipo de conversa, de relação e aí em algum momento acontece [...]. Acho que tem isso de ter um papo antes e de se conversar bastante antes, por Instagram e tals, e aí se ver, acontecer a noite, ficar a noite com a pessoa, dormir junto e etc. E depois alguns eu com certeza já vi de novo, já vi algumas vezes depois. Permanece a amizade assim, vamos se falando algumas vezes por Instagram, online e WhatsApp, mas também não é, tipo alguns é amigo mesmo de você conversar sobre várias coisas, mas outros é mais específico assim sabe, tipo ah vamos conversar quando for pra marcar da gente de se ver de novo, eu não fico conversando ali no dia-a-dia tipo “oi como você tá hoje? O que você fez hoje?” não, daí tem uns que isso não acontece, é só na semana que a gente vai se ver dá uma conversada e tals pra daí marcar e de novo (Samantha).

É, geralmente é assim: ah eu conheci e daí eu acabei saindo com a pessoa mais de uma vez, e daí eu acabei ficando, ou eu já tive também amigos que “ah, tamo sem fazer nada”, sabe, foi assim. Mas nunca é tipo, ah eu conheci uma pessoa num role no dia e sai com ela naquele mesmo dia e nunca mais vi sabe, tipo, geralmente eu mantenho certo contato por um certo tempo, não

muito grande, mas também já teve alguns que foram sexo casuais e fiquei quase um ano saindo com a pessoa, então é muito de pessoa pra pessoa sabe (Elena).

Sobre a forma que as participantes conhecem os parceiros, variou entre à noite em festas/bares/baladas; online em aplicativos como o Tinder ou em mídias sociais como o Instagram; e por meio de amigos de amigos:

[...] eu descrevia muito como, ah, aconteceu em diversos lugares assim, de você tá numa balada e você encontrar alguém e você vai pra casa dessa pessoa, ou né, não tem como fugir disso, acho que é o que mais acontece, você tá falando com a pessoa por Instagram ou Whatsapp e começa a falar e daí você já sai a primeira vez e já acontece esse sexo sem compromisso (Anaís).

[...] acho que todas as pessoas eram pessoas que eu conhecia alguém pelo menos, então era do meio de amigos assim, círculo de amigos. Então conhecia, encontrava em algum lugar e tals, se conhecia, ficava e daí as vezes no mesmo dia já tinha relação ou as vezes começava a conversar e daí saía. Acho que uma pessoa que eu conheci pelo aplicativo, pelo Tinder, mas tinha uma amiga minha bem próxima que tinha estudado com ele (Miriam).

[...] teve pessoas que eu conhecia no dia, no bar e ficava, mas em geral eu conhecia por internet, aí eu penso puxa me expus a riscos algumas vezes assim, mas eu conhecia pela internet (Malu).

[Conheço] geralmente por aplicativo, pelo próprio Instagram ali ou Tinder, que é o que tem hoje em dia pra conhecer as pessoas. Ou quando tem algum amigo em comum (Fay).

Eu descreveria, sei lá, a maior parte aconteceu depois de churrasco, amigo de amigo que a gente não se conhecia e começa a conversar e tal (Hilda).

Além disso, percebeu-se durante a entrevista de cinco participantes a descrição da prática de sexo sem compromisso com o início logo após um longo relacionamento ou um relacionamento abusivo e veio como uma libertação e um momento de descoberta (essa temática será abordada mais profundamente no tema “Dona de Mim”):

[...] antes de viver esse período [do sexo sem compromisso] eu tava num relacionamento onde eu era muito presa sexualmente, inclusive eu tinha muita dificuldade de sentir prazer e tals, foi meu primeiro relacionamento sério assim né, eu tinha ali entre meus 17 e 21 anos mais ou menos (Lilith).

Como eu tive esse relacionamento que eu fui muito reprimida, pra mim o sexo sem compromisso veio como um grito de liberdade mesmo, eu me senti podendo fazer o que eu quisesse com quem eu quisesse e não tinha problema, eu não era menos por causa disso (Anitta).

[...] praticamente a minha adolescência e juventude foi namorando, então assim, tinha tido sexo com duas pessoas na vida, que eram esses dois meninos. Então ano passado foi um ano de muita descoberta, porque a hora que eu acabei com o relacionamento e depois que eu consegui me reorganizar [...] depois assim foi muita descoberta, de descobrir o poder da

mulher, da liberdade, do poder de sedução, de você poder sair e fazer o que você tiver com vontade, de conhecer quem você quiser, se quiser fazer sexo na primeira noite ou se não quiser fazer, o desejo é seu, a escolha é sua (Lady Gaga).

### 7.2.1.3 Subtema III - Ambiguidades de uma (não) busca por amor romântico

Como o próprio título do presente subtema já mostra, existe uma ambiguidade com relação à busca (ou não) de um amor romântico na prática de sexo sem compromisso. Das 12 participantes, quatro explicitamente buscavam um parceiro para uma relação estável:

Por isso que eu acho que no fim das contas eu só tava procurando um relacionamento, só que é meio estranho pensar que eu tava procurando em pessoas que eu sabia que não ia dar certo, então é meio contraditório assim né (Anitta).

Acho que [o sexo sem compromisso] ocupava um lugar de me sentir desejada [...] de busca de um amor, acho que principalmente isso, porque no fundo era mais isso, você queria tipo um amor né (Anaís).

Então eu busco assim, me envolver, mas com cautela, quem sabe chegar a namorar [...] então, assim, eu não crio expectativas de querer um namoro, mas eu já busco alguém que já tenha alguns gostos parecidos com os meus, porque se caso for de continuar ficando não tem muita barreira nisso (Fay).

Já sete participantes relataram que um amor romântico seria uma possibilidade ou uma possível consequência de um encontro de sexo sem compromisso, mas que não era o intuito desta prática sexual:

**Pesquisadora: E tinha por acaso alguma espera de um namoro? Ou você não esperava isso?**

Acho que talvez isso como se eu gostasse de alguém, talvez eu pudesse pensar nisso, mas não era assim o objetivo, não era o que eu procurava. Talvez como consequência, mas eu não buscava isso (Miriam).

**Pesquisadora: O que você espera dos encontros de sexo sem compromisso?**

Que seja legal, que seja bom pros dois, que tenha uma conversa. Mas eu não espero muita coisa, tipo, "aí, eu vou conhecer alguém e vou namorar", eu só espero que seja legal, que esteja bom pros dois, que isso me pesa bastante assim.

**Pesquisadora: Não tem essa busca por um amor romântico?**

Não! Se acontecer, ótimo, mas senão também paciência. Acontece. São pessoas e pessoas (Elena).

Então eu normalmente quando eu sei que é assim só casual eu tenho parece que assim uma mentalidade, que eu encontro num modo tipo vou curtir aqui e agora, vou cultivar uma amizade, espero que eu cultive uma amizade, mas não vou esperar nada, tipo não vou esperar uma ligação amanhã, não vou esperar nada. E eu também não vou fazer nada disso, tipo vamos deixar rolar e quando eu tiver vontade a gente se fala, se for amanhã de novo beleza,

vamos conversar e vamos ver, mas sem expectativas assim de uma forma geral (Samantha).

E Lady Gaga expressou em uma frase a ambiguidade em (não) querer um namoro: “parece que eu ficava no meio termo assim, que eu queria encontrar alguém pra dividir as coisas e ao mesmo tempo tava bom fazendo sexo sem compromisso”.

#### *7.2.1.4 Análise geral do tema*

A análise geral dos temas objetiva levantar elementos importantes a serem reconhecidos e destacados, com uma breve análise da relação com a parte teórica apresentada nos capítulos 02, 03 e 04. O tema “Descrições e compreensões do sexo sem compromisso” abarcou as percepções descritivas e as compreensões das entrevistadas acerca do sexo sem compromisso em suas vidas.

De uma forma geral, todas as participantes compreenderam o sexo sem compromisso como um vínculo instável e sem um contrato de exclusividade sexual. Além disso, três entrevistadas entenderam esta prática como sendo um momento de total entrega e com a finalidade de sentir prazer. Essas compreensões de sexo sem compromisso corroboram as definições abordadas na revisão de pesquisas nos estudos de Wentland e Reissing (2014) e Claxton e Van Dulmen (2013), tanto sobre o não comprometimento e exclusividade sexual de uma relação estável, assim como a busca pelo prazer sexual.

Entretanto, o entendimento do sexo casual como um momento de entrega não foi encontrado em nenhuma pesquisa científica. Mesmo que essa compreensão tenha sido mencionada por três participantes, talvez seja importante olhar para o fenômeno da entrega no sexo sem compromisso como uma característica pertencente ao reino de Afrodite. A deusa revela o aspecto aquático da sexualidade, em que as tensões e defesas se dissolvem e desmancham as rigidezes, além de inundarem a experiência erótica com desejo e prazer sexual (PARIS, 1994). A entrega no sexo sem compromisso pode estar ligada à essa dissolução em busca do prazer, que envolve os terrenos de Afrodite sobre a evocação do desejo, atração, gozo e prazer.

Outra compreensão citada por algumas participantes foi sobre o sexo sem compromisso ser sem sentimento (no sentido de um amor romântico ou idealizado para um futuro relacionamento amoroso) e revelaram como expectativas dos encontros casuais sentir prazer, assim como acreditavam que encontrar um parceiro

para um relacionamento estável poderia ser uma consequência, mas não o motivo pelo qual praticavam o sexo sem compromisso. A busca de prazer da mulher corrobora os achados de Möller e Andrade (2011) e Vieira *et al.* (2016) que mostraram a priorização da mulher jovem adulta e solteira pelo seu prazer no sexo.

Entretanto, paradoxalmente, quatro entrevistadas tinham como expectativas dos encontros uma explícita busca por parceiros ou por um amor romântico, o que revela um aspecto ambíguo das vivências de sexo casual. Essa ambiguidade também foi resultado dos estudos científicos abordados no capítulo 02 (FARVID; BRAUN; ROWNEY, 2017; JOTA, 2008; PEDERSON; TUTENGES; SANDBERG, 2017; SIMÃO, 2017; TEJADA *et al.*, 2018; WEAVER; MACKEIGNAN; MACDONALD, 2011), os quais discutem a questão do duplo padrão sexual como influência dos sentimentos de ambiguidade presentes no sexo casual. Por conta de as normas sociais ainda determinarem as práticas de comportamentos sexuais conforme o gênero, algumas mulheres podem viver implícita ou explicitamente — onde este último foi o caso de quatro participantes desta pesquisa — o sexo sem compromisso de forma prazerosa e sem expectativa de vínculos e ao mesmo tempo esperarem um amor romântico desses encontros casuais.

Hime (2008) discorreu sobre a “revolução silenciosa” (p.187) das mulheres urbanas, um movimento complexo de transformação, nas áreas da afetividade e sexualidade, que pode promover ambiguidades em suas vivências por conta das concepções tradicionais de ser mulher ainda intrínsecas. Neste sentido, a ambiguidade e o duplo padrão sexual podem estar relacionados ao julgamento da mulher e à liberdade sexual vista como um lugar difícil de ocupar (FARVID; BRAUN; ROWNEY, 2017) — esta temática será abordada no item 7.2.4.5 - análise geral do tema “Dedos que apontam e julgam”.

Sobre as descrições do sexo sem compromisso, as participantes relataram praticar com maior frequência os encontros de *fuck buddy* e *friends with benefits*, pois preferem ter um conhecimento prévio dos parceiros e este é talvez o motivo pelo qual os encontros de *one night stand* ocorrerem com menor frequência. A preferência por conhecer melhor o parceiro antes de ter um encontro de sexo casual também foi resultado de Wentland e Reising (2014) e Farvid, Braun e Rowney (2017). Talvez este resultado esteja relacionado à questão da importância do sexo com conexão e a falta de familiaridade pode ser vista como algo incômodo. Por isso, as mulheres podem preferir ter relações sexuais sem compromisso com parceiros com quem têm um

conhecimento prévio. A questão do sexo com conexão será aprofundada no item 7.2.3.5 - análise geral do tema “Conexão troca e compartilhar”

Ademais, outra possibilidade discutida no estudo de Farvid, Braun e Roney (2017) seja a da mononormatividade ainda presente nas relações contemporâneas: quanto maior o envolvimento emocional, maior o status da relação e, portanto, relações estáveis e monogâmicas são vistas como superiores e as relações de *one night stand* e *booty call* são consideradas inferiores. Neste sentido, o sexo sem compromisso fica como passageiro e temporário entre uma relação estável e outra, e não como uma experiência sexual completa.

Além disso, talvez outro motivo da preferência pelo conhecimento prévio dos parceiros e a questão do duplo padrão sexual nas experiências de sexo sem compromisso podem estar relacionadas aos códigos sociais descritos por Farvid, Braun e Roney (2017). Parece que existe uma forma considerada correta das mulheres praticarem sexo sem compromisso, a saber: ocorrer ocasionalmente e ser exigente na escolha do parceiro. As mulheres que fazem sexo casual frequentemente, com homens desconhecidos, ou que não são exigentes na escolha do parceiro podem ser julgadas e consideradas promíscuas — o que mostra a existência do duplo padrão sexual sobre o comportamento da mulher.

Levando em conta a questão da mononormatividade, dos julgamentos e do duplo padrão sexual, parece que as ideias de amor confluyente e de sexualidade plástica<sup>9</sup> de Giddens (1992) não estejam no cerne das experiências de sexo casual de algumas participantes desta pesquisa, em especial as que explicitamente buscam um amor romântico. A sexualidade plástica pode ser uma forma de libertar o sexo das amarras tradicionais, mas que parecem ainda estarem sutilmente presentes nas vivências das entrevistadas por meio dos julgamentos e do duplo padrão sexual.

Outra descrição das práticas de sexo sem compromisso foi sobre como as entrevistadas conhecem seus parceiros: pelas mídias sociais (*Instagram*) e aplicativos de relacionamento (*Tinder*); na noite em festas/bares/baladas; e por amigos de amigos. A revolução tecnológica possibilitou à mulher a sua imersão no ciberespaço como uma forma de desmistificar o amor romântico e admitir novas formas de relações

---

<sup>9</sup> Amor confluyente e sexualidade plástica são ideias opostas ao amor romântico e ao “para sempre” e “único” (GIDDENS, 1992, p.72). O amor confluyente é ativo, contingente e o foco está na relação especial e não na pessoa especial, além de estar estruturado na diferença e nas peculiaridades do outro, não sendo uma relação necessariamente monogâmica.

amorosas, em que o amor e a sexualidade que podem ser vividos juntos ou não (PAULINO, 2008) e parece que as participantes desta pesquisa estão inseridas nesse contexto com características similares às das *Tinderelas*<sup>10</sup> (FIGUEIREDO, 2016) em especial na forma de uso recreativo dos aplicativos (*Tinder* e *Instagram*) que levam a uma relação mais lúdica, agenciada e empoderada sobre suas sexualidades.

Outrossim, mais uma descrição trazida por cinco participantes foi sobre entenderem o sexo sem compromisso como momentos de descoberta e de liberdade vividos depois de um namoro longo ou abusivo. Os sentimentos de liberdade experienciados no sexo casual também foram descritos em outras pesquisas sobre o tema (FARVID; BRAUN, 2017; SIMÃO, 2017; TEJADA et. al., 2018; WEAVER; MACKEIGNAN; MACDONALD, 2011). Talvez a compreensão desta prática sexual como um momento de liberdade e descoberta, em especial após um relacionamento abusivo, esteja relacionada à descoberta e exploração da mulher sobre seu próprio corpo e seus desejos sexuais — os quais poderiam estar esquecidos no decorrer das relações amorosas que viveram anteriormente. Esta temática será abordada e aprofundada no item 7.2.2.5 - Análise geral do tema “Dona de mim”.

## 7.2.2 Tema 2 - Dona de mim: as experiências de prazer com elas mesmas

Este tema versa sobre as possibilidades de prazer que o sexo sem compromisso possibilita às entrevistadas nas experiências voltadas consigo próprias, tanto no que diz respeito à busca de prazer sexual próprio quanto um sentimento de liberdade, de aventura e exploração da sexualidade que pode promover autoconhecimento. Os relatos aqui apresentados representam as vivências de se sentirem donas de si que a prática do sexo sem compromisso enseja. Quatro subtemas compõem este tema: I - A liberdade; II - A busca de prazer e satisfação sexual; III - A aventura do novo; e IV - A exploração da sexualidade e se descobrir sedutora.

---

<sup>10</sup> *Tinderelas* são mulheres contemporâneas que lutam contra preconceitos sociais, estereótipos de gênero e seus dilemas internos; elas buscam descobrir sobre o mundo e sobre si mesmas, além de reinventarem o universo dos encontros amorosos com o uso de aplicativos de *smartphones* (FIGUEIREDO, 2016).

### 7.2.2.1 Subtema I - A liberdade

O sentimento de liberdade que o sexo sem compromisso pode proporcionar foi relatado por todas as participantes. Essa liberdade é sobre sentir que elas podem se envolver com quem quiserem e quando quiserem e é visto como uma libertação.

**Pesquisadora: Qual o lugar que o sexo sem compromisso ocupa em sua vida como mulher?**

Como mulher eu acho que, como eu tive esse relacionamento que eu fui muito reprimida, pra mim o sexo sem compromisso veio como um grito de liberdade mesmo, eu me senti podendo fazer o que eu quisesse com quem eu quisesse e não tinha problema, eu não era menos por causa disso (Anitta).

O sexo sem compromisso, assim como mulher, é me sentir confortável em transar sem compromisso [...] é uma libertação. É uma libertação. E eu me sinto inclusive confortável pra dizer pra todo mundo que eu faço isso, sem problema nenhum, quem me conhece sabe, no meu trabalho as pessoas sabem, onde eu estudo as pessoas sabem e eu faço questão assim que as pessoas saibam. Não é de sair assim sempre gritando aos quatro ventos, mas eu faço questão de não me esconder, porque a gente tem que ter, como mulher, liberdade pra fazer o que a gente quer (Bijou).

Além disso, essa liberdade é vista como uma possibilidade de autonomia sobre si mesma e de poder viver a própria sexualidade da forma que desejar, experimentando coisas novas como algo construtivo em suas vidas.

Acho que o sexo sem compromisso trouxe pra mim assim uma autonomia: autonomia de prazer, autonomia de empoderamento mesmo, de eu tomar minhas decisões, de eu ficar com quem eu quero e ter essa liberdade de querer ou não querer algo sério, de querer ou não querer de novo, de conhecer meu corpo, de experimentar coisas novas (Samantha).

[...] eu fiz muita terapia pra chegar no prazer que eu tenho hoje, na liberdade que eu tenho hoje com o meu corpo e isso devido a questões do passado. Hoje eu tenho a mentalidade de que a mulher ela tem que se conhecer muito bem né, saber de si, da sua sexualidade e o sexo sem compromisso seria isso, você viver aquilo com liberdade, liberdade de expressão, liberdade sexual como uma vitória, como algo construtivo pra sua vida (Hilda).

Outro aspecto dessa liberdade é relatado por Bijou como uma libertação interna no sentido de uma independência sexual, financeira e emocional em relação aos homens, assim como não se sentir na obrigação de dar prazer ao parceiro.

E o outro aspecto seria uma própria libertação interna, de pensar assim: eu não preciso desse homem que eu estou transando, eu estou transando com ele porque eu quero agora nesse momento, mas depois eu vou embora e eu não preciso dele, nem do dinheiro dele, nem porque eu dependo emocionalmente de homem nenhum, nem porque eu preciso do dinheiro de homem nenhum, nem porque eu preciso satisfazer sexualmente, emocionalmente ou de qualquer forma homem nenhum. Eu tô fazendo isso aqui pra tá com a pessoa, pra curtir a pessoa, tudo bem tem que ter respeito, mas eu tô fazendo isso aqui pra mim, porque eu gosto de fazer sexo, porque

eu sinto falta, porque eu me sinto bem quando eu faço e eu não preciso satisfazer ninguém e depois ninguém pode me cobrar nada (Bijou).

### 7.2.2.2 Subtema II - A busca de prazer e satisfação sexual

Este subtema é sobre os relatos da importância da busca de prazer e satisfação sexual no sexo sem compromisso que todas as entrevistadas mencionaram. O prazer sexual para elas diz respeito não apenas ao ato sexual em si, mas também à descoberta de novas áreas do corpo que dão prazer.

**Pesquisadora: Qual o lugar que o sexo sem compromisso ocupa em sua vida como mulher?**

[...] de também sentir o prazer, de descobrir o corpo — o meu e do outro, de praticar as diferentes performances que você pode ter ali no beijo, na chupada, na trepada (Anaïs).

[...] e tem tanta coisa, e a gente se bitola que o prazer é de uma forma, são essas áreas e tem que fazer tais coisas, e tem meu, nosso corpo tá cheio de áreas sensível pra ser explorada e se libertar disso e se permitir sentir (Samantha).

[...] a parte física seria digamos assim aquela coisa que você tá esperando, você tá desejando e daí vocês se tocam finalmente assim e finalmente acontece (Miriam).

As participantes Hilda e Malu relataram como a descoberta sobre si mesmas as ajudaram a valorizar o próprio prazer, e que antes isso não era uma prioridade:

[...] eu acho que o meu prazer, ele sempre esteve muito ligado ao prazer do outro também, isso foi algo que eu trabalhei em terapia, então talvez eu colocasse o prazer do outro em primeiro lugar muitas vezes, até me conhecer e saber que não, que eu posso também (Hilda).

[...] eu acho que eu achava normal eu não ter tanto prazer e fiquei muito tempo sem ter orgasmo na relação sexual, tendo prazer ali durante o ato, mas sem o orgasmo. E eu achava que era aquilo mesmo [...] e daí depois, que eu vi que poderia ter mais prazer com o sexo, acho que o sexo adquiriu mais importância; não que o resto perdeu importância, também tinha, mas acho que o sexo começou e eu meio que descobri né nossa, pode ser melhor ainda, pode ser mais gostoso ainda (Malu).

Valorizar o próprio prazer sexual corrobora a fala da participante Lilith, que ressignificou as formas de sentir prazer no sexo por meio das experiências de sexo sem compromisso: estar ativa durante o ato sexual se tornou mais prazeroso.

E aí depois desse período que eu fiquei solteira eu ressignifiquei total essa experiência de sexo, então eu acho que foi bem essa descoberta do prazer mesmo, da volúpia né, e não do prazer pela dor. E inclusive isso teve impactos físicos no meu corpo né, tipo posições que antes eu não sentia prazer e que eu passei a ter prazer né, e inclusive é bem simbólica essa questão das posições, porque antes eu sentia prazer com posições onde eu

estava numa posição muito passiva assim sabe, e depois desse período assim do sexo sem compromisso, atualmente as posições que eu mais sinto prazer é onde eu tô muito ativa ali na posição (Lilith).

### 7.2.2.3 Subtema III - A aventura do novo

Este subtema versa sobre as vivências de aventura e da novidade, descrito por quatro entrevistadas como intenso e instável e considerado uma possibilidade de prazer nas experiências de sexo sem compromisso.

Ah, é prazeroso no sexo sem compromisso essa intensidade de você tipo encontrar uma nova língua, um novo beijo e essa intensidade daquela penetração que é tipo a primeira vez que vem e você sente a pele, né [...] o sexo sem compromisso, você perguntou o que é bom dele, o que é prazeroso e isso é prazeroso: a intensidade do novo que você tá conhecendo (Anaïs).

[...] e eu acho que o que eu gosto do sexo casual é de poder às vezes se aprofundar numa pessoa e ser intensa com uma pessoa (Samantha).

Lilith e Miriam veem essa aventura e intensidade de uma experiência nova também atrelada à conquista e sedução na relação com os parceiros de sexo casual.

**Pesquisadora: O que é prazeroso para você no sexo sem compromisso?**

Eu acho que justamente a instabilidade né [risos]. Sei lá, porque tipo dentro desse contexto, não sei, pra mim pelo menos eu vivia muito, como se fosse uma aventura assim né, você não ter certeza do que tá acontecendo e tem essa coisa do você pode se apaixonar, como não né, então é um espaço que eu vejo muito ali pros joguinhos amorosos assim, viver esses nossos lados assim Afrodite, Lilith né (Lilith).

**Pesquisadora: O que é prazeroso para você no sexo sem compromisso?**

Acho que era talvez a conquista assim, de você conhecer alguém, ser algo novo e você querer talvez seduzir a pessoa e se sentir seduzida e acho que é a conquista que vai se construindo até chegar no sexo (Miriam).

A aventura sexual é vista pelas participantes como uma experiência inusitada e de entrega ao momento. Duas entrevistadas trouxeram exemplos de encontros marcantes que foram para elas uma aventura.

[...] teve vários que foram marcantes e incríveis assim. Me veio dois na cabeça. Um que eu tava na praia e daí era um, não sei o que ele tava trabalhando lá, era um homem muito mais velho que tava trabalhando na praia [...] foi muito bom e ele era muito gato. E, tipo, total né se entregar pra aventura né, que é perigosa e engloba total prazer (Anaïs).

Ah eu vou te falar um assim que eu acho que foi uma experiência de bem sexo sem compromisso mesmo, porque eu fui assim no meu horário de almoço, tava com vontade de tá com a pessoa e pessoa tava com vontade de tá comigo [...]. E esse dia assim, foi uma coisa que eu me senti bem assim numa aventura sexual, porque a gente foi num motel no meio do dia [...] foi uma coisa bem diferente assim, foi uma sensação diferente que eu tive né.

Cheguei lá, e eu assim tinha conversado com ele pouquíssimas vezes pessoalmente né, nós combinamos, nós já nos conhecíamos pessoalmente, mas assim conversamos pouco e combinamos tudo pelo celular e eu cheguei lá e fluiu super bem, foi bem tranquilo assim e depois eu voltei a trabalhar. Mas foi assim, foi uma experiência diferente, porque foi bem casual mesmo assim, no meio do dia, todo mundo se respeitou muito, mas foi uma experiência assim bem casual mesmo. Não tinha nem bebido pra me soltar nem nada, foi assim foi bem legal (Bijou).

#### *7.2.2.4 Subtema IV - A exploração da sexualidade e se descobrir sedutora*

Descobrir-se sedutora e explorar a sexualidade é vista por oito participantes como uma forma de autoconhecimento que as relações de sexo sem compromisso podem proporcionar. Tais descobertas podem ser voltadas aos aspectos mais relacionados ao corpo, como explorar novas partes do corpo que dão prazer ou descobrir novas posições no ato sexual que gostam ou não.

[...] eu acho que tirando o estigma assim, se as pessoas se permitissem viver mais o sexo casual, talvez elas se conhecessem melhor sexualmente, em outros aspectos também e isso às vezes diminuiria muitas frustrações assim, porque eu acho que muitas mulheres não gozam né, a quantidade de mulheres que nunca gozaram é uma coisa muito preocupante assim e então eu acho que o sexo casual me ajudou nisso, a me descobrir sexualmente e a ter prazer e a saber o que eu gosto, então eu acho que seria legal todo mundo experimentar um pouquinho (Samantha).

E acho que [o sexo sem compromisso] proporcionou que eu pudesse me conhecer mais, até de ver que algumas coisas não cabiam pra mim, outras coisas que eu não imaginava que cabiam. De eu me descobrir sexualmente, do que eu gosto no sexo, o que me dá prazer (Miriam).

Sobre as descobertas sexuais, Malu contou que não sabia o que gostava no sexo até um dos parceiros de sexo sem compromisso perguntar a ela sobre suas preferências sexuais. E Hilda também relatou um encontro marcante de sexo casual em que, por meio do parceiro, ela descobriu novas partes do seu corpo que lhe davam prazer.

[...] acho que ele foi um dos primeiros homens que eu realmente senti que ele tinha uma preocupação muito forte em me dar prazer, não só com o prazer dele sabe. Eu achei até aquilo estranho, eu fiquei assim, que? [risos] tipo, ele querendo me dar prazer assim, saber o que eu gostava e o que eu não gostava e tal; e eu achei até estranho, porque eu não tava acostumada muito com isso, talvez porque eu já tivesse transado muitas vezes, mas nunca tivesse explorado muito a minha sexualidade nesse sentido de tipo assim, ele me perguntava "mas como que você gosta disso aqui?" e eu nem sabia o que falar, o que eu gostava (Malu).

Eu lembro de uns três assim na minha vida terem sido muito marcantes onde foi proposto assim, foi por aplicativo de relacionamento, então eu saí pra conhecer a pessoa e no dia mesmo a gente já teve esse envolvimento do

sexo sem compromisso e eu percebia a proposta do momento de que ele não queria nada e ele tinha gostado disso e eu também gostei muito, porque ele me fez me conhecer muito no sexo. Ele me respeitou e ele me fez me conhecer sabe, ele me provocou coisas que eu nunca tinha sentido, então a gente continuou isso e foi muito bom. Acho que esse foi o mais marcante pra mim, essa pessoa sabe. E ele foi mais marcante pra mim justamente por isso, porque ele me fez conhecer vários pontos do meu corpo onde eu não tinha noção de que eu poderia sentir prazer e tal. Então, esse foi o ponto positivo assim do sexo sem compromisso que eu pude me conhecer (Hilda).

Além disso, a participante Lilith relatou ter descoberto mais seu corpo também com a masturbação, que começou a praticar com maior frequência no período das experiências de sexo sem compromisso logo após um relacionamento abusivo.

E outra coisa que eu acho talvez interessante comentar é que foi um período também que eu me descobri até eu comigo mesma, a questão da masturbação e tudo mais. Foi um momento que eu me libertei até pra isso também, que é algo que eu fazia na adolescência, mas daí por conta daquela experiência que eu tive daqueles dedos que julgavam eu reprimi muito isso, daí logo em seguida eu já entrei dentro desse relacionamento onde tinha muita essa questão da repressão e tudo mais. Nesse período eu não vivia muito essa coisa da masturbação né, até eu comigo mesma, eu não tinha aquela atividade. Olha como tava bem reprimidão né, e aí nesse período do sexo sem compromisso foi quando eu descobri de novo a masturbação e toda a amplitude dela e do meu próprio corpo (Lilith).

Outrossim, essas descobertas também podem ser mais voltadas às características subjetivas de si mesmas, tais como se perceberem como mulheres sedutoras, descobrir forças interiores e aspectos de suas personalidades que gostam ou não.

E também dessa questão de conhecer sobre o sexo em si, de conhecer vários tipos de comportamento, de posições, de coisas que você gosta ou não gosta né, acho que é também um autoconhecimento assim. Enfim, essa coisa da conquista, da sedução, é um brincar com isso também, de você às vezes, por exemplo, estar ali mais por você do que pela pessoa né, então é essa coisa de você se colocar ali e você se descobrir, você descobrir essas forças que tem dentro de você né, Afrodite e a Lilith, essas coisas da sedução fatal assim né, que vem e você se descobre ali naquilo (Lilith).

Então esse lugar de autoconhecimento também, porque eu acho que quando você tá em contato com outras pessoas, outras pessoas vão chegando na sua vida e você vai entrando em contato com outros aspectos seus que talvez outras pessoas não trouxeram isso pra mim né, então acho que cada pessoa que entra, de sexo casual pra mim, traz alguma coisa e mostra uma faceta minha, mostra uma característica minha, e aí eu percebo coisas que eu preciso melhorar ou aspectos que eu gosto e enfim, me fazem perceber quem eu sou também (Samantha).

Parece que o sexo sem compromisso pode ser uma forma delas se descobrirem donas de si.

Então, ano passado foi um ano de muita descoberta, porque a hora que eu acabei com o relacionamento e depois que eu consegui me reorganizar [...] depois assim foi muita descoberta, de descobrir o poder da mulher, da liberdade, do poder de sedução, de você poder sair e fazer o que você tiver com vontade, de conhecer quem você quiser, se quiser fazer sexo na primeira noite ou se não quiser fazer, o desejo é seu, a escolha é sua. E questão assim, de me conhecer melhor como mulher [...] então descobrir o meu corpo também, descobrir o que eu gostava, sexo com pessoas diferentes assim né, homens diferentes. Eu acho que foi assim uma evolução tremenda, esse período foi muito, muito de descoberta. Acho que o sexo sem compromisso foi uma das partes de descoberta, porque eu não tinha ideia de que isso seria possível (Lady Gaga).

[...] tô pensando nisso primeira vez na vida, mas de poder também controlar um pouco, até de coisas tipo fiz isso e não deu certo, tá então tudo bem, foi escolha minha; ou então, eu que queria isso e não aconteceu. Acho que tinha a ver com eu poder me sentir dona de mim mesma também (Miriam).

#### 7.2.2.5 Análise geral do tema

Por meio da entrevista, buscou-se investigar as experiências consideradas prazerosas pelas participantes e o tema “Dona de Mim” abarcou tais vivências mais voltadas para si mesmas. Parece que as entrevistadas se sentem donas de si quando experimentam a liberdade de estarem com quem quiserem e quando desejarem, o que proporciona independência e autonomia sexual e permite uma busca pelo prazer próprio no sexo sem compromisso. Esse resultado corroborou as pesquisas científicas que mostraram a liberdade e a autonomia sexual como uma vivência prazerosa do sexo casual (FARVID; BRAUN, 2017; SIMÃO, 2017; TEJADA et. al., 2018; WEAVER; MACKEIGNAN; MACDONALD, 2011), assim como a busca da mulher jovem adulta e solteira pelo seu próprio prazer no sexo (MÖLLER; ANDRADE, 2011; VIEIRA et al., 2016).

Parece que as entrevistadas donas de si são descritas no subcapítulo 3.3 desta dissertação: “A mulher do século XXI”. Elas escolhem não trair a si próprias, tentam ser fiéis aos seus desejos e questionam padrões patriarcais (COLOMBO et. al., 2008), são mulheres camaleões (PAULINO, 2008), Tinderelas (FIGUEIREDO, 2016), Penélopes (MORAES, 2015) e heroínas (RIOS; WAHBA, 2016), as quais estão: num contínuo processo de ressignificação de si mesmas e desmistificação do velho amor romântico; buscam descobrir sobre o mundo e sobre si mesmas ao reinventar o universo dos encontros amorosos; e estão dispostas a viver seus sentimentos, ir em busca de realização individual e permanecem entre o ideal de amor romântico e o ficar (os *Hookups*, que incluem o sexo sem compromisso).

Sobre a busca das participantes pelos seus prazeres no sexo sem compromisso, a psicologia analítica e arquetípica pode revelar a entrada no reino de Afrodite — a evocação do desejo, a provocação da atração e a invocação do prazer e dos instantes eternos de gozo (HILLMAN, 2007), assim como o desejo ardente e a camada brilhante que atrai e fascina e faz gozar: o deleite dos prazeres sensoriais (BARCELLOS, 2019).

A busca pelo próprio prazer das entrevistadas apontou para a possibilidade de um conhecimento sexual de si mesmas, no sentido de descobrir o que gostam ou não no sexo, e uma exploração de suas próprias sexualidades — o que auxilia na valorização de seus prazeres e a fazê-las se sentirem donas de si. A exploração da sexualidade foi considerada um autoconhecimento sobre o corpo e a subjetividade das participantes, como por exemplo, respectivamente: elas relataram descobrir novas partes do corpo prazerosas e novas posições no ato sexual; se descobriram mulheres sedutoras; e aprenderam sobre a conquista e as suas forças interiores voltadas à sexualidade. Mesmo que a mulher perceba seu corpo como complicado e por isso possa ter dificuldade em sentir prazer e saber o que a faz senti-lo (SALIARES *et. al.*, 2017) ou até mesmo não perceba quando sente excitação até mesmo na masturbação (PATERSON *et. al.*, 2017), conforme apontou Fahs (2014) o orgasmo tem potencial de proporcionar experiências transformadoras na vida sexual da mulher, o que a leva a um novo entendimento sobre seu corpo e prazer sexual.

Para a psicologia analítica, a sexualidade pode ser uma forma de conhecimento da mulher sobre si mesma (PARIS, 1994) e ser vista como parte do processo de individuação (COWAN, 2007). A individuação é um conceito junguiano sobre o processo do ser humano de se tornar único em suas peculiaridades e singularidades (JUNG, 1928/ 2018), e a sexualidade da mulher, o desejo erótico e o prazer sexual fazem parte deste processo. Parece que estes aspectos (desejo e prazer sexual), segundo Cowan (2007), são áreas em que ainda somos mais inconscientes por não compreendermos e nem conseguirmos controlar, porém sua integração é necessária ao processo de individuação para que haja transformação e criação, mas caso contrário pode vir a ser uma força destrutiva.

Esses aspectos transformadores, criativos, férteis e dinâmicos da sexualidade estão relacionados à imagem arquetípica da prostituta sagrada, a qual pode revelar a faceta instintiva e erótica da mulher, trazer uma consciência integrada sobre sua sexualidade e seu corpo e conscientizá-la de sua potência interna. Além disso, é uma

imagem que traz a virgindade do feminino, no sentido de ser uma-em-si-mesma que significa não pertencer a nenhum homem e agir de acordo com seus desejos, tomar suas decisões sem submissão ou sentimentos de inferioridade. Talvez, para a mulher contemporânea, experimentar a importância do seu corpo e sua sexualidade favoreça a conexão com o processo de individuação (QUALLS-CORBETT, 1990), e neste sentido o sexo sem compromisso pode vir a ser uma possibilidade de contato da mulher com esse aspecto do processo.

A individuação pode ser também pensada em relação ao caminho de Afrodite de expressão da beleza de um modo original, audacioso e singular (PARIS, 1994). A beleza da deusa do amor é no sentido de estar desperto e não anestesiado à vida, e todo despertar pode ser violento como Ares. O deus da guerra, que é impulsivo e agressivo no iniciar de algo novo, traz também a coragem para o estímulo dos sentidos e em dar início ao novo (BARCELLOS, 2019). E talvez esse despertar e novos inícios sejam parte do processo de individuação das mulheres donas de si participantes desta pesquisa.

Ademais, outros aspectos considerados prazerosos pelas entrevistadas no sexo sem compromisso, seriam a intensidade de algo novo, as aventuras sexuais e a espontaneidade, relacionados à questão da sedução e da conquista. Na psicologia arquetípica, o tema das aventuras, do novo, do espontâneo e da entrada no desconhecido podem ser olhados por meio das relações entre o par mítico Afrodite e Hermes. O deus psicopompo é aquele que penetra no mundo desconhecido em busca de libertação (BRANDÃO, 2012) e a sua ligação com a deusa mostra formas de viver relações aventureiras e desafios novos, por meio do cômico, do riso e do espontâneo como jeitos de escapar das repressões e dominações. Além disso, o amor desse par mítico apresenta ligações e vínculos não duradouros (PARIS, 1994). Essa díade — Afrodite e Hermes — pode mostrar sobre a liberdade que o sexo casual desperta nas participantes, que adentram em mundos desconhecidos por meio da aventura, do novo e do espontâneo.

Além disso, as entrevistadas consideraram como inusitadas e de entrega ao momento presente as experiências prazerosas de sexo sem compromisso e parece que o sexo casual é um fenômeno que possibilitou uma libertação e um autoconhecimento pessoal e sexual sobre si mesmas e seus corpos — o que as faz se sentirem donas de si.

Sobre a relação da mulher com seu corpo e sexualidade no sexo sem compromisso, talvez seja possível pensar essa temática a partir do entrelaçamento do par Afrodite e Dioniso. O deus do vinho e da transformação vivia à margem da cidade, com seus rituais de orgias e desregramentos que colocavam em risco os valores da pólis. O êxtase dionisíaco está ligado à liberdade e espontaneidade, o que inclui a libertação de interditos e tabus e representa, portanto, a ruptura das repressões (BRANDÃO, 2012).

A relação de Dioniso com Afrodite aponta para uma união sexual paradoxalmente selvagem e civilizada, convergindo para a espontaneidade do corpo e da sexualidade. A presença da deusa neste entrelaçamento apresenta uma vivência integrada da sexualidade como não apenas instintual, mas também divina (PARIS, 1994). López-Pedraza (2016) escreve sobre a comunhão desse par mítico abarcar duas forças na área da sexualidade: o desfrutar de um prazer momentâneo (Afrodite) num corpo instintivo e cheio de emoções (Dioniso) que se expressa por meio da imaginação erótica.

Neste sentido, é possível pensar a experiência do sexo sem compromisso para a mulher contemporânea como um caminho para a libertação dos tabus e contato com seus corpos, por meio do instinto e da imaginação. Moore (1999) afirma que no sexo é possível descobrir sobre si mesmo, sobre os parceiros e sobre a vida e é por meio dos prazeres e das preferências sexuais que se pode olhar para onde a alma leva e quais os obstáculos que cada um possui. Essas descobertas podem estimular a imaginação e as novidades no sexo, tais como uma nova posição sexual ou uma fantasia.

Ainda sobre a questão do autoconhecimento pessoal e sexual que o sexo casual parece proporcionar às entrevistadas, pode-se refletir sobre o entrelaçamento da tríade Afrodite, Perséfone e Baubo. Esse trio pode entregar a relação sobre o despertar do corpo, aprofundamento e sacralidade da sexualidade — e por meio disso a mulher pode conhecer suas potências internas. Um dos sobrenomes de Afrodite é Persefessa, que significa a do mundo subterrâneo ou deusa da morte e isso mostra que ela pode ser considerada Perséfone (KERÉNYI, 2015). O mito de Perséfone é um dos símbolos da sexualidade, do desejo e da vulva; o rapto e a descida da deusa ao submundo podem ser olhados como uma forma de liberar o desejo reprimido e buscar a verdade sobre si mesma (BRANDÃO, 2012).

No mito, Deméter vai em busca da filha e uma das figuras míticas que consegue consolar a desolada mãe e fazê-la rir é Baubo — a personificação da vagina — ela é a que abre as pernas, mostra a vulva e faz o outro rir. Vale ressaltar a correlação que Kerényi (2015) apresentou entre Baubo e Dioniso: quando ela abre as pernas e mostra a vulva à Deméter, uma versão conta que tinha o menino Iaco (um dos sobrenomes do deus) entre suas pernas e ele era a criança divina filha de Perséfone nos Mistérios de Eleusis. O deus do vinho e seu entrelaçamento com Afrodite também foram mostrados anteriormente como relacionados ao contato da mulher com seu corpo e sexualidade por meio do sexo sem compromisso.

Mas voltando ao mito de Baubo, é com a boca de vulva que ela consegue tirar uma gargalhada e ativar o fogo do interesse da mulher pela vida, sendo que essa risada sexual atinge o fundo da psique. Baubo pode ser considerada uma deusa suja, por vir debaixo da terra e pertencer à lama, ao estrume e à fertilidade, assim como é vista como uma obscenidade sagrada e representa, portanto, uma imagem arquetípica da sexualidade sagrada e o riso despertado por ela vem de um lugar oculto da sexualidade feminina que une o sagrado e o sexual. A deusa suja reverbera nas vivências físicas do corpo, não necessariamente com o objetivo de excitação genital, mas como um despertar do corpo e das emoções (ESTÉS, 1994).

Talvez o sexo sem compromisso possa ser uma oportunidade de a mulher integrar à consciência o sagrado, como forma de aprender a se relacionar com os aspectos reprimidos e/ou mais inconscientes de sua vida e dar lugar, por meio do processo de individuação, às imagens arquetípicas voltadas a Afrodite, Ares, Hermes, Dioniso, Perséfone, Baubo e a prostituta sagrada.

### 7.2.3 Tema 3 - Conexão, troca e compartilhar: as experiências de prazer na relação com o parceiro

Este tema versa sobre as experiências consideradas prazerosas pelas entrevistadas, no que diz respeito à relação com o parceiro de sexo sem compromisso. Essas vivências são sobre a atração, a química e a conexão que podem sentir um pelo outro, assim como o partilhar um momento juntos no aqui e agora, além do respeito e de um vínculo sem cobranças que acreditam ser imprescindível. Este tema é composto por quatro subtemas: I - O compartilhar de um momento: uma troca

e conversa com o parceiro; II - A química e a conexão; III - Um vínculo sem cobranças; e IV - O Respeito.

### *7.2.3.1 Subtema I - O compartilhar de um momento: uma troca e conversa com o parceiro*

Este subtema versa sobre um momento de partilha com o parceiro de sexo sem compromisso além do ato sexual em si, que envolve a troca e a conversa, considerado prazeroso por oito participantes.

[...] espero um bom momento juntos, um bom momento pra partilhar, tomar um vinho, ficar tranquila assim, conhecer uma nova pessoa, acho que é isso que eu espero (Samantha).

**Pesquisadora: O que é prazeroso para você no sexo sem compromisso?**

[...] o fato de estar com alguém também, acho que o fato de ter alguém, de compartilhar o momento com alguém. Acho que o prazer físico e um pouco do emocional também, saber que você tá compartilhando uma coisa com alguém que combina com você de alguma forma (Maja).

Esse compartilhar de um momento é visto por Elena como uma forma de carinho, mas não no sentido de um amor romântico, e sim como talvez uma consideração pela pessoa que está ali. O ato sexual em si é considerado importante, mas o aproveitar daquele momento presente também é essencial.

[...] quando você tá com aquela pessoa, você sente um carinho por ela entendeu. Pode não ser um amor que você sentiria por um namorado ou alguma coisa assim, mas é um carinho, é alguém que você quer estar perto, é alguém que você querendo ou não, compartilha algumas horas e você quer saber se essa pessoa tá bem, se não tá bem, o que ela tá fazendo. Então, mesmo que não seja algo fixo digamos né, um namoro, é algo que, querendo ou não você tá compartilhando um pouco da tua vida, você tá compartilhando a tua energia também com aquela pessoa (Elena).

Então eu espero que seja assim, um momento muito bom pra mim e pra ele de se satisfazer sexualmente e também de ter uma troca de conversa, de relação né, não é só o sexo, é também um momento de conversar mesmo, de distração, de tá ali só nós dois, de curtir assim. Que os dois possam aproveitar, eu espero isso [...] não é uma coisa que é pra ser impessoal, tem que ser as duas pessoas juntas né. Se não mais depois, mas naquele momento sim né (Bijou).

Além disso, a comunicação é vista como essencial, não apenas no sentido de contar os sentimentos como disse a participante Hilda, mas também um diálogo que conecta ambos, como citaram Fay e Miriam. A participante Elena falou sobre a conversa como uma forma de perceber se a energia do parceiro conecta com a dela.

Uma coisa que eu estou prezando e aprendendo muito até com uma amiga minha, é muita clareza e muita fala né, você tem que expor o que você tá sentindo; claro que se cuidando né, não se expondo completamente, mas com cuidado ali e tal, mas tem que falar pra pessoa tomar conhecimento daquilo (Hilda).

**Pesquisadora: O que você espera dos encontros de sexo sem compromisso?**

Primeiro assim a comunicação com a pessoa, porque eu gosto de sabe, não só o corpo comunicar, mas a cabeça, o jeito da pessoa também espero que assim, primeiro que o jeito dela seja parecido com o meu nos quesitos de conversar, da comunicação mesmo sabe. Não gosto de simplesmente ficar com uma pessoa que não fala nada, que é muito séria, porque eu sou mais extrovertida e eu gosto de uma pessoa que seja assim também sabe. Então acho que é isso, que é mais a comunicação, mais o jeito da pessoa se expressar (Fay).

Acho que [o encontro de sexo sem compromisso] me marcou porque não era só uma relação física, era uma relação mais pessoal também, da gente se conhecer, da gente conversar muito, ficar bem próximos e falar várias coisas (Miriam).

[...] eu vejo que sexo é a energia, então assim, também não é qualquer energia que eu quero no meu corpo, entendeu. Então, eu acho que é isso assim, o mínimo de conversa eu acho que tem que ter pra você entender se aquela energia bate com a sua (Elena).

### 7.2.3.2 Subtema II - A química e a conexão

A temática da química e da conexão se mostra nos relatos de oito entrevistadas como uma troca de energia que envolve a atração entre os parceiros para além do ato sexual em si. Está relacionado com o envolvimento daquele momento presente do aqui e agora, que conecta os parceiros, mas não com um intuito de amor romântico e isso deixa o sexo sem compromisso mais prazeroso.

[...] então sexo sem compromisso é se entregar pro presente com o seu corpo e com essa tentativa dessa conexão entre duas pessoas (Anaïs).

E acho que as pessoas que eu saio assim no geral, eu sinto essa energia sabe, tipo tem alguma coisa em mim que eu prendo nelas e elas prendem em mim e que faz com que a gente tenha essa vontade de se conectar dessa forma.

**Pesquisadora: Uma conexão?**

É uma conexão, não necessariamente, ah vamos viver juntos e vamos casar, mas uma conexão assim, se demo bem mesmo e quando bate um santo, bate a energia ali você consegue ver que flui pra pessoa sabe (Samantha).

A fala de Samantha sobre a conexão ser do momento presente e não atrelada ao amor romântico também apareceu nas falas de Lilith e Bijou, como uma conexão do aqui e agora. Além disso, Bijou ressaltou como foi um processo conseguir ter

carinho pelo parceiro, o que a permitiu ter maior envolvimento e conexão nas relações de sexo casual.

Eu tive uma fase de fazer muito sexo casual, assim enxergando os homens como máquinas de sexo assim, então eu não conseguia, por exemplo, ter carinho nenhum, eu queria só realmente assim transar e ir embora. E depois eu acho que eu evoluí um pouco sabe, agora eu consigo fazer o sexo casual assim com muito mais envolvimento naquela hora, envolvimento não depois, mas naquela hora, e mais conexão assim com a pessoa sabe (Bijou).

[...] quando tinha [conexão] eu procurava manter aquilo né, de alguma forma, não com intuito de um relacionamento sério né, mas pela conexão ali pra me relacionar com a pessoa né (Lilith).

Samantha trouxe como exemplo de encontro marcante de sexo sem compromisso um em que teve uma sintonia e conexão (literalmente) mágicos. É algo que parece ser difícil de racionalmente explicar.

Teve um que foi bem marcante que foi lá no P. [um festival], quando eu conheci ele, a gente se conheceu dando um role na festa e ele apareceu e fez uma brincadeira com a luzinha pra mim assim, ele tava fantasiado e tals e ele fez uma mágica [...] E aí foi bem marcante assim, porque foi esse encontro mágico assim, mágico literalmente porque teve a mágica e de ter essa sintonia, de ter essa energia, foi bem impactante pra mim (Samantha).

Outro aspecto ressaltado pelas participantes foi a questão da atração que envolve a conexão entre os parceiros. Sentir-se atraída pelo parceiro é uma forma de se conectar com ele e, assim, conhecer alguém novo. Mesmo que não seja um conhecer para um relacionamento estável, é visto como uma oportunidade de se relacionar com a pessoa que está ali compartilhando aquele momento de intimidade no sexo sem compromisso e que pode ter novidades para acrescentar na vida das participantes.

[...] que seja prazeroso não só fisicamente, mas prazeroso de estar ali com aquela pessoa e poder conversar algo diferente né, aprender algo novo, porque sempre pessoas novas tem coisas a agregar (Lady Gaga).

E eu vou lá, eu encontro as pessoas, não é, mesmo que seja casual, eu encontro sempre pessoas que eu julgo interessantes, que eu julgo atraentes, que eu gosto assim, como pessoa né (Bijou).

Eu acho que o que eu gosto do sexo casual é de poder às vezes se aprofundar numa pessoa e ser intensa com uma pessoa, sem cobranças, tipo você conseguir entrar e conhecer um ser humano e suas intimidades, sem necessariamente trancafiar a pessoa ou tirar a liberdade, então tem uma coisa mais leve assim, e mesmo assim conseguir ser intenso e verdadeiro (Samantha).

Essa atração e conhecer o parceiro de sexo sem compromisso, para Hilda envolve também outros aspectos como o respeito, temática do subtema a seguir.

Então pra mim o gozar e o sentir prazer está muito ligado também à afetividade que você mantém numa relação com a pessoa né, que seria o respeito, a conquista, você descobrir mais sobre a pessoa, aquele mistério e tal, então pra mim tá muito ligado à personalidade também que você vai conhecendo sabe (Hilda).

### 7.2.3.3 Subtema III - O respeito

Este subtema versa sobre a importância do respeito nas relações de sexo sem compromisso, em especial do parceiro para com as entrevistadas. Quatro participantes citaram o respeito como uma das expectativas do sexo sem compromisso.

[...] eu esperava que fosse uma experiência agradável, que a pessoa fosse respeitosa comigo e fosse uma noite interessante assim, independente da duração assim (Lilith).

Eu espero que primeiro de tudo tenha respeito, porque independente de qualquer coisa as pessoas têm que se respeitar (Lady Gaga).

Mas claro, isso tem que existir também, tem que existir muito respeito e consideração pela pessoa né, isso eu acho que tem que existir [...] as pessoas com quem eu escolhi fazer isso [sexo casual] eram pessoas de quem eu sentia respeito comigo, sabe, mesmo que o nosso sexo ali fosse casual e que a pessoa sabia disso e eu também, sempre foram pessoas que me respeitavam já né, [...] foram pessoas selecionadas porque me respeitavam já como mulher (Bijou).

Ademais, Hilda citou como uma expectativa do sexo sem compromisso além do prazer: a questão do consenso entre os parceiros e a comunicação como uma forma de respeitar um ao outro e sem cobranças posteriores.

Então eu acho que eu espero que seja os dois sentindo prazer juntos, se respeitando e não tendo a cobrança de algo depois, tem que ser sempre em consenso, sempre conversado né (Hilda).

### 7.2.3.4 Subtema IV - Um vínculo sem cobranças

A temática deste subtema versa sobre a não cobrança nas relações de sexo sem compromisso. Cinco participantes ressaltaram que é prazeroso ter relações sexuais sem compromisso e depois não precisar dar satisfação sobre suas vidas à parceria, e associam essa não cobrança com leveza e espontaneidade.

**Pesquisadora: O que é prazeroso para você no sexo sem compromisso?**

A liberdade. É algo que eu prezo muito e por isso eu acho que eu fico meio travada pra namoros. Liberdade tipo não precisar dar satisfação, se eu quiser convidar a pessoa eu convido, eu não preciso convidar por obrigação sabe [...] é porque eu sou muito assim, se começa a me pesar, me sufocar, eu já falo olha, não tá tão legal, então pra mim é algo leve, é algo espontâneo (Elena).

[... sexo sem compromisso] é você sair, conhecer uma pessoa e se permitir transar sem ter que ligar, sem ter que dar satisfação, sem falar nada (Hilda).

Eu acho que o que eu gosto do sexo casual é de poder às vezes se aprofundar numa pessoa e ser intensa com uma pessoa, sem cobranças (Samantha).

Ademais, outro aspecto prazeroso de não se sentirem cobradas pelo parceiro de sexo casual a dar satisfação sobre suas vidas é poderem voltar para suas vidas e não precisar investir numa relação amorosa.

[...] isso que eu falei é prazeroso, você sentir que depois que aquilo ali acabar eu posso ir embora e voltar pra minha vida sabe, voltar pra minhas coisa né, não vai ter uma pessoa que vai entrar na minha vida e eu vou ter que lidar com essa entrada dela na minha vida e nas minha relações e eu vou ter que investir, gastar tempo, que tem que dar atenção [...] Assim, foi legal, aproveitamos juntos, mas agora eu tô voltando pra minha vida e você não está na minha vida. Ou você está se for um amigo ou se for um conhecido ou se for um colega, mas você está na condição de amigo, na condição de colega né, você não está na condição na minha vida de ser o meu amor (Bijou).

Acho que a falta de cobrança, acho que a falta de não ter uma coisa certa, é quando ambos estão com vontade e “ah, vamos se encontrar hoje? Vamo”, e se encontra e conversa e pode fazer o sexo e pronto. E depois cada um vai pra sua vida, sabe como? (Lady Gaga).

### *7.2.3.5 Análise geral do tema*

Este tema apresentou as experiências consideradas prazerosas pelas entrevistadas no que tange às suas relações com os parceiros de sexo sem compromisso. Para que essa relação seja prazerosa, foi possível perceber a importância de ser um momento compartilhado com o parceiro, com trocas e conversas em que existe um carinho pelo outro, mas não como um amor romântico e sim como uma presença no encontro que vai para além do ato sexual. Para tanto, a comunicação foi vista como essencial e uma forma de se conectar com a parceria. Além disso, essa conexão está ligada à química entre ambos no sentido de se sentirem atraídos um pelo outro e poder conhecer essa pessoa com quem se está compartilhando aquele momento. A conexão foi vista também como uma troca de

energia, em que é necessária a presença plena — viver o aqui e agora — e que proporciona intimidade, mesmo que de forma efêmera.

A importância e o prazer do sexo com conexão nos encontros casuais também foram resultado da pesquisa de Farvid e Braun (2017), onde ressaltaram que uma experiência sexual completa deveria envolver honestidade, intimidade emocional e comunicação. Entretanto, os 30 participantes (15 homens e 15 mulheres) deste estudo neozelandês apontaram que a prática de sexo sem compromisso muitas vezes não proporciona tais prazeres voltados ao sexo com conexão; e na presente pesquisa, pelo contrário, as participantes referiram que já experienciaram relações sexuais casuais com conexão, troca e compartilhar.

Outro ponto a ser ressaltado é a questão da mononormatividade que pode estar relacionada à intimidade emocional nos encontros sexuais heterossexuais. Neste sentido, ao partir do pressuposto de que as relações monogâmicas são as mais almeçadas e consideradas superiores, as relações de sexo sem compromisso são vistas como inferiores e algo passageiro/ temporário entre uma relação estável e outra, e não como uma experiência sexual completa (FARVID; BRAUN, 2013). Isso pode reforçar uma monogamia compulsória dentro da heterossexualidade e manter um conceito rígido sobre a intimidade emocional relacionada à exclusividade sexual. Com isso, surge a pergunta: será que os relacionamentos de sexo sem compromisso podem entregar novas formas de intimidade emocional, não ligadas à monogamia? Talvez sim, ao considerar que as entrevistadas desta pesquisa colocaram o prazer da intimidade e da conexão com os parceiros sexuais casuais como algo em si mesmo e/ou uma presença no encontro, e não com a finalidade de um amor romântico e estável.

Essa perspectiva sobre as transformações da intimidade na contemporaneidade vai de encontro com a teoria de Giddens (1992), que aborda os conceitos de relacionamento puro, amor confluyente e sexualidade plástica. O primeiro conceito diz respeito ao se relacionar com o outro com a finalidade da própria relação e que se mantém com a satisfação de ambos os parceiros. Já o segundo abarca uma ideia oposta ao amor romântico, em que a importância está na relação especial e não na pessoa especial, presume igualdade em emocionalmente dar e receber, assim como possibilita um lugar que todos possam estar sexualmente realizados. Por último, o terceiro conceito é sobre uma sexualidade independente de objetivos reprodutivos e pode proporcionar encontros sexuais episódicos como forma de exploração da

sexualidade, em que esses contatos, mesmo que passageiros, podem libertar das amarras tradicionais e promover novas formas de intimidade além daquelas ligadas à exclusividade sexual.

Nessas relações contemporâneas, o erótico e o prazer sexual são centrais e considerados maneiras de manter ou dissolver as relações. O amor confluyente não é necessariamente monogâmico e está estruturado nas diferenças e peculiaridades dos parceiros. Por isso a importância da comunicação para conhecer a parceria, onde este aspecto é a chave na transformação da intimidade e essencial ao erotismo (GIDDENS, 1992). Talvez a passagem das relações contemporâneas ao amor confluyente possibilite que o sexo sem compromisso seja uma alternativa de estilo de vida e experiência sexual completa, e não algo temporário entre uma relação estável e outra. Por essas razões, parece que as participantes desta pesquisa estão nesse período de mudanças e transições da intimidade emocional.

Outrossim, o respeito é outro elemento chave na teoria de Giddens (1992) sobre o amor confluyente, o qual possibilita mutualidade e qualidade das relações. Esse aspecto corrobora outro resultado da presente pesquisa, apontado como prazeroso pelas entrevistadas, a saber: o respeito do parceiro e o sexo sem compromisso ser um vínculo sem cobranças. O primeiro diz respeito à uma consideração pelo outro e a um consenso sobre o ato sexual por meio da comunicação. O segundo é sobre as participantes não se sentirem cobradas a dar satisfação e depois do encontro de sexo casual poderem voltar às suas vidas — e isso é visto como algo leve e espontâneo e por isso traz sentimentos de prazer.

A busca da mulher contemporânea vai para além do prazer nas relações, mas almeja o respeito às diferenças, o enriquecimento pessoal, relacional e a harmonização das diversidades. O exercício prazeroso da sexualidade possibilita experiências mutuamente negociadas, seguras e igualitárias, o que promove relações democráticas, bem como um Feminino mais livre (HIME, 2008). Possivelmente as entrevistadas desta pesquisa desejam o respeito, visando relações mútuas e igualitárias para que se sintam mais livres e inclusive no sentido de não se sentirem cobradas nos encontros de sexo sem compromisso.

Sobre a análise do presente tema — Conexão, troca e compartilhar — na perspectiva da psicologia arquetípica é possível pensar os resultados por meio dos entrelaçamentos da díade Afrodite e Ares e da tríade Afrodite, Eros e Psiquê.

A atração e a química citados como prazerosos pelas participantes, podem estar atrelados ao par Afrodite e Ares. Eles são os deuses possivelmente mais reprimidos pela cultura judaico-cristã, pois falam sobre a sexualidade e a agressividade, tal como estão voltados ao corpo a corpo. O par está no amor, na sensualidade e nas atrações, revela as loucuras das paixões e seus impulsos e, portanto, são deuses de temperamento quente envolvidos por energias de arrebatamento. A deusa do amor é a paixão e o desejo, já o deus da guerra é a coragem de agir; e ambos dividem a loucura, a intimidade e a submissão às paixões, excessos e transgressões (BARCELLOS, 2019). Além disso, Afrodite e Ares podem apresentar o encontro sexual como um lugar de combate e por isso existe o medo (Fobos) e o terror (Deimos) das paixões e do amor, bem como a possibilidade de harmonia entre essas forças arrebatadoras — que são os três filhos do casal: Fobos, Deimos e Harmonia (PARIS, 1994). Talvez, por meio das atrações e da química as participantes podem viver essas experiências arrebatadoras que as conectam aos parceiros nos encontros casuais e assim podem experimentar esse lugar de impulso, coragem para agir, paixão, desejo e sensualidade.

Evidentemente esses encontros casuais são efêmeros em suas finitudes, mas não são necessariamente vazios e sem alma. A conexão e a intimidade citados pelas entrevistadas como prazerosos podem ser refletidos a partir do entrelaçamento da tríade Afrodite, Eros e Psiquê. De acordo com Barcellos (2019), esse trio pode entregar as questões de aprofundamento das relações e o despertar da alma em busca de Eros. O entrelaçamento entre Afrodite e Psiquê revela duas formas de beleza (no sentido grego de *aiesthesis* que significa despertar): a deusa do amor é a beleza física, sensorial e imediata que desperta e ilumina; já a donzela é a beleza psíquica que entorpece, é sombria, noturna e profunda.

A migração de Eros entre essas duas formas de beleza mostra sobre a iniciação do erótico que se move do dia para a noite ou da superfície para o profundo, ou seja, o amor sai do apenas sensual e exteriorizado para um amor profundo da psique ou da alma. Vale ressaltar que esse amor psíquico não elimina o sexual e sensual, mas a sua busca é por vivências com alma; portanto, a tríade envolve aspectos da alma, do profundo e da beleza. Além disso, Eros e Psiquê têm uma filha, a Volúpia, e isso pode mostrar que a iniciação da alma no amor ou do amor na alma geram o desejo incandescente pelas coisas e envolvem o prazer, o deleite e a alegria. Então a Volúpia, filha de um viver psíquico erótico, pode entregar sobre uma vida

vivida com prazer (BARCELLOS, 2019). Uma sexualidade e encontro com o outro com conexão e intimidade podem estar voltados às dinâmicas psíquicas arquetípicas de Eros, Psiquê e Afrodite. Neste sentido, o sexo sem compromisso poderia ser um encontro sexual vivido com alma, profundidade e voluptuosidade, mesmo em sua findável duração. E isso pode levar ao despertar psíquico tanto da mulher, quanto do parceiro de sexo casual para uma vida vivida com prazer.

Esse despertar está relacionado também ao processo de individuação e Cowan (2007) coloca Eros no centro do processo, onde a alma (Psiquê) busca o amor e ele é um dos caminhos para o autoconhecimento. Ainda, Eros pode ser visto como o elo entre a alma e o ser humano e que conecta o físico e o emocional, permeando as experiências de prazer — inclusive o prazer sexual. Neste sentido, o sexo pode ser visto metaforicamente como um alimento para a alma, sendo Eros uma imagem arquetípica que possibilita a união de alma e sexualidade ao prazer e encantamento (IMPERATRICE, 2016).

Essa ideia corrobora a de Moore (1999), que coloca a alma e a vida sexual como intrínsecos e por essas razões o autor afirma que não é preciso de menos sexo, mas sim de mais, porém com a ressalva de ser com alma. Um sexo com alma está ligado aos toques, às preparações e preliminares, e proporciona a profundidade por meio da imaginação, dedicação, respeito e presença plena. Ao considerar uma relação sexual com alma, o sexo sem compromisso pode dar um lar a Eros e aos deuses do prazer sem separar o corpo físico das emoções. Talvez essa seja a conexão a que as participantes deste estudo se referiam, uma relação sexual com alma seria a presença plena, as trocas, o compartilhar e o respeito — aspectos prazerosos que dão profundidade às experiências sexuais casuais.

#### 7.2.4 Tema 4 - Dedos que apontam e julgam: as experiências de desprazer com elas mesmas

Este tema aborda as questões de julgamento que ainda fazem parte das experiências de sexo sem compromisso nas vidas das participantes, mas considerado por elas algo desprazeroso. Apesar de serem formas de julgamento mais sutis, tanto delas com elas mesmas ou vindo do outro (como a sociedade ou a família), ainda influenciam suas percepções acerca das relações de sexo sem compromisso em suas vidas. Ainda assim, existe uma busca pela desconstrução desses julgamentos e pelo

auto acolhimento. Vale ressaltar que esta temática foi suscitada durante as perguntas da entrevista mais relacionadas ao momento do aquecimento, em que foi lido o poema “Dedos, Dores e Deleites em Ser Mulher” e as participantes fizeram associações ao julgamento da mulher que é livre, dona de si e que pratica o sexo sem compromisso.

Este tema é composto por quatro subtemas: I - O autojulgamento; II - O julgamento da sociedade; III - Influências da família; e IV - Uma desconstrução dos julgamentos: caminhos para o auto acolhimento.

#### *7.2.4.1 Subtema I - O autojulgamento*

Este subtema abarca algumas narrativas voltadas ao julgamento que as participantes relataram ter sobre si mesmas na forma de viverem suas sexualidades e que as afeta de forma negativa por meio de repressões ou conflitos internos entre fazer o que desejam, mas ao mesmo tempo se preocuparem com o que os outros irão pensar a respeito delas. Essas vivências vêm com sentimentos de culpa, de vergonha ou inferioridade.

[...] e eu acredito que até dentro de mim mesma tinha também sabe, tinha certas repressões, eu me julgava quando eu me comparava com a forma que, tipo sabendo de como meus pais viam isso né e qual a forma que as amigas que eu estava ali envolvida, algumas delas e não todas, viam dessa maneira também. Então eu acho que tinha vezes que eu concordava sabe com esses dedos que julgavam e talvez por isso que eu vivi esse conflito tão grande dentro de mim assim (Lilith).

Me fez lembrar de uma luta interna minha, travada a muitos anos que é exatamente isso, entre os dedos que apontam e a vontade que eu tenho de curtir sem pudores mesmo e não me julgar a todo momento né. Então eu sempre pendí mais pro lado de julgamento dos outros, mas eu nunca ao mesmo tempo deixei de fazer. Então, conseqüentemente eu fazia muitas coisas que eu mesma julgava errado, não deixava de fazer, só que me martirizava depois (...) antes passava muito assim: ah eu fiz isso, isso e isso, nossa é muito errado e todo mundo vê dessa forma né, eu fui vagabunda por muitas vezes e tal (Hilda).

Confesso que acho que a primeira metade ali que pegou forte no sentido assim do sentimento de julgamento assim, do julgamento de quando a gente faz coisas que estão fora do padrão né, até porque, por exemplo, essa questão de sexo sem compromisso, a questão às vezes de sair com homens, muitas vezes eu saí sem contar pra ninguém assim, como se fosse escondida, por vergonha [...] acabou também naquela época pegando esse caráter de julgamento, de se sentir inferior por isso, ou se sentir, sei lá, suja (Malu).

Outro aspecto dessa luta interna no autojulgamento versa sobre a polaridade entre a santa e a prostituta, ou seja, a ideia de que existem mulheres para casar e

mulheres para transar e o quanto esses pensamentos ainda parecem estar enraizados nas experiências sexuais das participantes.

Me lembrei muito da minha adolescência assim, bem nesse momento da descoberta da sexualidade e dos conflitos que se tinha em relação a isso né, bem essa coisa desse desejo né que era proibido e de viver isso intensamente né e ser julgada de puta e vadia (Lilith).

**Pesquisadora: Ao escutar o poema, você se lembrou de algum aspecto de sua vida? Se sim, quais?**

É eu acho que seria mais o aspecto de ser julgada né, pela promiscuidade digamos assim, como se fosse uma promiscuidade e de sempre pensar que os homens, eles não dariam valor se eu tivesse atitudes assim, ou seja, não seria digna de namorar ou de casar. Então, eu estaria tendo aquele momento com a pessoa, ok, foi ótimo, mas sempre passada pra trás né, eles viveriam aquele momento comigo e ponto, porque a pessoa pra namorar e casar ela não deveria agir dessa forma. Eu lembro desse aspecto, desse pensamento sempre comigo sabe, nessas ações (Hilda).

E também [o poema] me passa os extremos, porque ou é a santa boa menina ou você tá ali na dança do vinho [...] essa polaridade assim de você não gostar do cara te tratar meio como puta, mas você quer isso, porque você gosta né. Mas ao mesmo tempo você não quer, porque você quer que ele te trate como uma princesa que vai namorar com ele, mas ao mesmo tempo você quer ser essa puta que tá ali, você não quer e quer.

**Pesquisadora: Você quer ser a puta e a princesa?**

Sim, que é o que hoje em dia eu consigo com meu namoro (Anaïs).

Anaïs revelou uma ambiguidade em querer ser as duas possibilidades (a santa e a prostituta) e que ela consegue tê-las em seu atual namoro. Além disso, Hilda contou o quanto esses julgamentos desvalidam as mulheres e as fazem se perder de si mesmas:

Esses pensamentos eles desvalidam muito da nossa personalidade, a gente acaba esquecendo quem a gente é e no meio de todos esses julgamentos você realmente começa a acreditar não, será que eu devo fazer isso? (Hilda).

#### *7.2.4.2 Subtema II - O julgamento da sociedade*

Os dedos que apontam e julgam também foram relatados pelas entrevistadas como vindos de crenças sociais que ainda influenciam suas experiências no sexo sem compromisso de forma negativa. Esses julgamentos podem vir de forma explícita, como falas que já escutaram de outras pessoas em geral ou até mesmo dos próprios parceiros de sexo sem compromisso.

A sociedade diz que não pode isso e não pode aquilo, mas pra mim ficou mais assim com vivências específicas que eu tive de pessoas falando “não faça isso, não faça aquilo”, “não olhe desse jeito”, “não se vista desse jeito”,

ou falando de outras pessoas “olha o que ela tá fazendo”, “olha como ela é”, “olhe como você não deve ser” (Anitta).

[...] o menino que eu tinha ficado durante o acampamento do curso, eu tava com uma blusa levemente decotada assim, ele olhou pra mim e falou assim, ele tava meio bêbado já, ele olhou pra mim, apontou por meu decote e falou assim “Ahá, esse daí eu já vi” [...] acho que fica muito nítido pra mim aquela parte que fala do poema, que não foi à toa que eu lembrei desse menino que apontou com o dedo também, porque eu acredito que assim, esse julgamento e essa cultura têm um efeito muito forte mesmo (Malu).

Ou, também, o julgamento pode ser de forma mais implícita como um pensamento da sociedade que reprime a mulher, vê o sexo sem compromisso como um pecado e as faz se sentirem julgadas por ter relações sexuais com vários homens.

[...] acho que, não dentro da família, mas a própria convenção social de tipo a mulher boa é aquela que transou com poucos homens, e a que transou com muitos é puta — isso eu senti na minha vida. Essa é puta [...] e o social também, ele coloca muito na nossa cabeça né, ah, você não pode transar com vários, senão você não vai ser aquela menina que os caras vão querer. Eu sentia isso (Anaïs).

[...] tem muita gente que julga as mulheres solteiras, porque a gente cresceu numa cultura de que a gente tem que ter um parceiro, alguém que esteja do nosso lado sempre, um marido né. E julgam muito as mulheres que não são assim, as mulheres que são solteiras, as mulheres que saem com vários homens, que não têm um parceiro fixo né. E, ao invés de dar força a essas mulheres, não, as pessoas apontam os dedos e julgam elas; julgam mulher que sai com roupa curta, que sai pra balada, que bebe. Então as pessoas julgam muito esse tipo de mulher que é dona de si (Fay).

**Pesquisadora: O que esse poema faz você sentir?**

Acho que talvez uma das coisas que eu tenha pensado, é que é como se eu fosse lembrada de como o sexo casual ou então, sei lá, a sexualidade na mulher, que ela quer que se manifeste, que ela quer que apareça, de como isso é julgado; senti que o poema era um lembrete assim disso (Miriam).

Outra questão levantada foi a respeito do patriarcado: o quanto existem influências de julgamentos patriarcais nas experiências das entrevistadas e a raiva que isso suscita nelas. Ademais, esses julgamentos também foram vistos como um feminino que foi reprimido pela sociedade e o quanto isso reverberou sobre um controle do corpo da mulher e as impediu de serem livres.

**Pesquisadora: Então (o poema) te vem como uma coisa de um feminino deixado de lado, seria isso?**

É, nesse sentido. Não só o feminino, mas tudo que tá em volta disso né, o corpo, o sexo, o feminino, essa coisa meio o contraste do Sumo Bono, tipo o mal, pecado, o sexo sem compromisso como um pecado por exemplo né. Então todo esse universo na verdade, que foi negligenciado e, querendo ou não, o feminino vira um grande símbolo pra representar tudo isso, por isso eu acho que tem todo esse controle também em cima do corpo da mulher né, que nossa ele é um símbolo perfeito né, por isso que a gente decidiu reprimir (Lilith).

**Pesquisadora: O que esse poema faz você sentir?**

Acho que um pouco de raiva do patriarcado e como as mulheres são julgadas por simplesmente serem, às vezes mulheres livres que não se preocupam com o que os outros acham, acho que é o que mais me pega assim, tipo ter crescido ouvindo essas coisas sabe [...] então acho que esse poema me traz bastante isso assim, coisas que ainda perduram até hoje né. E no dia a dia consigo exemplos práticos de não poder sair na rua ou pegar um ônibus, ou pegar um uber com uma roupa que eu quero, porque eu vou me sentir exposta, traz muito essa falta de liberdade de ser, de ter um corpo feminino e de poder mostrar ele sem ter medo de sofrer alguma consequência, só por ser mulher (Samantha).

**7.2.4.3 Subtema III - Influências da família**

Este subtema versa sobre as influências familiares e a criação tradicional das entrevistadas, sobre as formas de viverem suas sexualidades atualmente. Criações tradicionais e conservadoras fez algumas participantes descobrirem suas sexualidades de forma escondida ou as viverem de forma reprimida e o quanto isso as prejudicou.

[...] meus pais eles nunca foram muito de me reprimir assim, mas eu acho que também eu nunca mostrei muito esse meu lado pra eles né, naquela época assim, acho que já por saber dessas tradições católicas cristãs dos meus pais eu nunca mostrei esse lado pra eles, sempre vivi escondido mesmo (Lilith).

[...] minha mãe é muito, é exatamente igual o poema mostra e sempre foi muito assim lá em casa, então a gente foi tendo que se descobrir sozinha mesmo. Minha mãe é muito tradicional e todas essas coisas que o poema fala, com certeza ela já me falou um dia, essas do início do poema “senta direito, se arruma”, enfim, “não pode ser arroz de festa” e essas coisas todas, e ela fala até hoje. Mas, enfim, então me remeteu muito a minha educação, a minha educação foi exatamente essa [...] até, na verdade, a minha irmã é um pouco mais pra frente que eu, sabe, eu sempre acatei, ou 8 ou 80 o que a minha mãe falou e isso me prejudicou muito por um tempo (Maja).

[...] não que não seja possível a gente mudar, transformar isso na gente [os julgamentos], mas tem um efeito muito grande e eu cresci com uma mãe que falava coisas assim de “ai, mulher que usa batom vermelho é vagabunda, tá querendo se oferecer”, eu cresci com uma mãe assim, com um feminino totalmente reprimido assim (Malu).

Além disso, o machismo também foi citado por Fay como algo vindo de sua família paterna em que a mulher é vista para estar ao lado do homem e não aceitam a ideia de uma mulher solteira.

[...] na família do meu pai, que eles têm um aspecto bem machista na família e eu lembrei que o homem tá ali pra sustentar a mulher e a mulher tem que tá ali do lado do homem, ter um marido, um marido bom e tudo mais, então esse conceito machista assim tá bem inserido dentro da família do meu pai que eles são assim machistas e realmente esse conceito de mulher solteira

eles não aceitam sabe? Sempre tão ali julgando alguém, por exemplo uma prima minha que se separou, eles julgam ela, porque agora ela vive a vida de outro estilo, não é aquela vida de casada. Então o pessoal julga ela que ela sai com roupa curta pros lugares, ou vai pra praia assim com outro estilo de biquíni agora que tá solteira, o pessoal julga esse lado sabe (Fay).

A criação familiar tradicional em que foram educadas para serem certinhas, casar e ter filhos parece reverberar até hoje nas vivências das participantes. Entretanto, elas refletem sobre essa educação e questionam de forma crítica tais crenças, de forma a buscar desconstruir isso dentro delas e ser cada vez mais aquilo que desejarem.

[...] acho que é o que mais me pega assim, tipo ter crescido ouvindo essas coisas sabe, tipo adolescente criando ainda a cabeça e ouvindo tanto dos meus pais que a roupa era curta, era decotada, até hoje em dia aqui no trabalho a minha mãe fala “ah, não vai trabalhar assim sem sutiã ou com esse short curto, os clientes olham, as mulheres não gostam” e isso me faz refletir né, sabe o que tá errado na minha roupa? Qual o problema? Então acho que esse poema me traz bastante isso assim, coisas que ainda perduram até hoje né (Samantha).

Muitas coisas que a gente ouviu quando era criança, que eu ouvi da minha vó, que não pode isso, que não pode aquilo, mas depois assim, que a minha vida foi passando eu fui desconstruindo né, então às vezes, se isso aparece lá no fundo, eu tomo o cuidado de não deixar isso prevalecer (Bijou).

[...] é uma coisa que eu lembro de quando criança de o tempo todo tá sendo corrigida, de “senta direito/ fecha as pernas/ essa saia tá muito curta/ não pode usar esse decote/ ah pra ir na missa tem que ter uma roupa mais fechada”, coisas assim [...] a nossa criação eu acho, a gente é criada pra ser certinha, pra se vestir de uma forma e pra casar, engravidar e ter filhos. E se não for esse caminho que eu vou seguir sabe? E se eu quiser ter outra vida? (Lady Gaga)

#### *7.2.4.4 Subtema IV - Uma desconstrução dos julgamentos: caminhos para o auto acolhimento*

Mesmo considerando todos os julgamentos presentes nas vivências de sexo sem compromisso e da sexualidade como um todo para a mulher, este subtema abarca as narrativas acerca da sua desconstrução e um auto acolhimento no sentido de ser e viver cada vez mais da forma que desejarem. Esse acolher tem a ver com o se descobrir, um trabalho da mulher com ela mesma, pensar mais em si própria, no seu prazer e cada vez menos deixar de fazer algo pelo que os outros podem achar ou pensar delas.

**Pesquisadora: O que esse poema faz você sentir?**

É como se fosse tipo um, quase que uma linha do tempo pra mim, de tipo já ter passado pelo momento do julgamento, não só de fora, mas também muito de dentro. E agora ser muito mais acolhedora comigo mesma, com quem eu sou independente do que se diz certo ou não [...] é engraçado assim, porque acho que tipo o começo do poema que fala muito mais sobre a repressão, eu coloquei muito mais como pessoas de fora fazendo comigo, e aí no final que aparece muito mais o lado de acolhimento, do ser mulher, do se descobrir, eu coloquei muito mais um trabalho meu comigo assim, não como se alguém de fora tivesse me acolhendo agora, mas como se eu tivesse com essa condição (Anitta).

[...] acho que todo mundo já passou por essa fase de meu deus vão me julgar e daí depois você olha e fala aí, foda-se, é minha vida [...] eu morava em cidade pequena né, em 2010 eu voltei pra Curitiba, eu nasci aqui, fui pra lá e voltei pra cá. E lá, por ser pequena, é muito dessa de namorar vários anos; eu tenho muitas amigas que o primeiro namorado, primeiro homem já casaram, dez anos depois, mas casaram com a mesma pessoa. Então muito disso, de sexualidade reprimida sabe [...] eu ainda tinha muito esse pensamento de sabe ah eu preciso namorar, eu preciso tá com alguém, tipo eu só vou ser feliz assim sabe, muito esse pensamento fechado de interior que geralmente tem. E nisso eu conheci esse grupo de amigas [...] que me abriu muito mais, do tipo, cara, eu não preciso de ninguém, posso tá comigo e se eu quiser tá com alguém eu posso ser, posso tá com quem eu quiser, tá com homem, tá com mulher sabe, eu não preciso me travar, porque alguém espera de mim alguma coisa. Então, eu posso ser egoísta um pouco e pensar em mim, no meu prazer, na minha felicidade, do tipo assim, ah eu quero só sexo e então é isso que eu vou buscar entendeu, é só isso que eu vou procurar; e se eu quiser algo mais, também tá ótimo, mas tipo, não precisar me travar ou me esconder ou não fazer por outras pessoas, sabe, pelo que elas vão falar ou pelo o que elas vão pensar (Elena).

[... o poema] também traz essa sensação de liberdade, de escolha, de carinho com o que brota no coração, independente do que falam pra você (Anaís).

Outrossim, o tabu é outro aspecto citado por algumas participantes, que prezam por uma sexualidade cada vez mais falada, aproveitada e menos escondida. Além disso, elas colocam que essa abertura em falar sobre a sexualidade e não esconderem que praticam sexo sem compromisso pode encorajar e ajudar outras mulheres a se descobrirem e se desenvolverem sexualmente.

E a sexualidade tem que ser mais falada mesmo né, porque esse tabu, gente, não tem necessidade mais de ser assim né [...] e o problema de ficar reprimido é a gente se impossibilitar de aproveitar essa vida que é tão curta (Maja).

Então o sexo sem compromisso pra mulher não tem que ser um tabu, uma coisa que ela tem que esconder. E assim, quem não gostar, quem achar que eu tenho menos valor porque eu faço isso, quem achar que eu tô rodada, eu não quero nem que esteja perto sabe. Se o homem vai perder o interesse em mim porque ele acha que eu fiquei com muita gente, porque ele acha que eu transo sem compromisso, porque ele acha que eu não ligo, que eu sou fácil, então assim ó, eu não quero nem saber. Esse tipo de pessoa, se faz esse tipo de julgamento, não me interessa pra transar, não me interessa pra ser meu amigo, não me interessa pra ficar perto de mim. Então eu não escondo

né, faz parte da minha identidade, do meu jeito e eu acho que quanto mais a gente não transforma num tabu, não tenta esconder e não tenta se fazer de santa e de padrão assim, a gente contribui né, pra que as mulheres possam desenvolver a sua sexualidade (Bijou).

E, também, além de ajudar outras mulheres a desconstruírem esses tabus e julgamentos, Hilda traz a questão da importância de também atingir os homens nessas discussões.

[...] parece algo que é muito natural, tá muito naturalizado as mulheres se julgarem, então eu acho que a gente tem que desconstruir isso e debater mais sobre esses assuntos com homens também [...] a gente pode até tá forte com isso, segura e tal, mas tem muitas e muitas mulheres que não, então se a gente conseguir atingir os homens também né com relação a isso, de pouquinho em pouquinho a mentalidade vai mudando (Hilda).

#### *7.2.4.5 Análise geral do tema*

O julgamento foi a temática abarcada pelas participantes como uma vivência desprazerosa no sexo sem compromisso, que mesmo com influências externas sociais, culturais e familiares, foi vista como um conflito interno pelas entrevistadas. O autojulgamento foi um dos aspectos citados, em que elas relataram muitas vezes sentirem vergonha, culpa e inferioridade por praticarem sexo casual, o que corrobora o resultado da pesquisa de Claxton e Van Dulmen (2013) sobre as mulheres se sentirem culpadas, usadas, com raiva e envergonhadas após os encontros de sexo sem compromisso.

O conflito interno relatado pelas entrevistadas desta pesquisa estava relacionado ao dilema entre fazer o que desejam e se preocuparem com o julgamento dos outros — e isso suscita a ideia de que existem mulheres para casar e mulheres para ter relações sexuais. Este dilema foi abordado no capítulo 3.1 - “As compreensões sobre a mulher e a sexualidade na história”, em que ao longo da história, desde os períodos de caça às bruxas no século XV, existia o ideal da mulher submissa, passiva, obediente e casta e aquelas libertinas, promíscuas e prostitutas eram vistas como diabólicas (FEDERICI, 2017). Com a reforma católica, a vagina passou a ser um espaço destinado à maternidade, o prazer não era permitido e se destituiu o corpo da mulher do seu valor erótico nos séculos XII a XVIII. Passou-se a distinguir dois tipos de mulheres: a prostituta para ter relações sexuais e as respeitáveis para casar (DEL PRIORE, 2014) e essas crenças dicotomizadas

moldaram o entendimento sobre a sexualidade, patologizando o que fosse fora da finalidade de reprodução (GUGGENBÜL-CRAIG, 1980).

Essas crenças parecem ainda ser intrínsecas nas experiências de sexo sem compromisso das participantes e reverberam nas imagens dicotomizadas da santa (a mulher para casar) e da prostituta (a mulher para ter relações sexuais). Para a psicologia analítica, os aspectos psicológicos da imagem de Eva — a encarnação sensual e razão da ruína do homem — foram demonizados e logo toda a natureza sexual e sensualidade da mulher passaram a ser julgadas. Nesse caminho se perde o numinoso e a imagem arquetípica da prostituta sagrada, que poderiam reestabelecer o contato com o divino da sexualidade. Aparentemente essas crenças antigas ainda repercutem na vida da mulher contemporânea e influenciam em suas relações com seus corpos, com suas identidades sexuais e com o sagrado (QUALLS-CORBETT, 1990).

Além disso, outro resultado do presente tema destacou as influências da família e do julgamento da sociedade sobre as entrevistadas. Algumas delas relataram terem sido criadas em famílias tradicionais e conservadoras e perceberam isso como uma potencialização dos julgamentos em suas vidas, o que as levou a se descobrirem sexualmente de forma escondida. Elas compreendem essas vivências como algo prejudicial para o desenvolvimento e exploração de suas sexualidades. Parece que as crenças sociais que reprimem a sexualidade da mulher aparecem tanto de forma explícita (como em falas de amigos, familiares e parceiros de sexo sem compromisso), bem como implícita (por exemplo, sentirem-se julgadas por terem relações sexuais com vários homens). Ademais, algumas entrevistadas relacionaram os julgamentos que sofrem em suas experiências de sexo casual com uma estrutura social e cultural do patriarcado. Neste sentido, elas expressaram sentimentos de raiva e consideraram o quanto isso refletiu sobre um controle do corpo da mulher, impedindo-as de serem livres.

Na revisão de pesquisas, a questão do julgamento da mulher foi relacionada ao duplo padrão sexual — referente às normas sociais que determinam práticas de comportamentos sexuais de acordo com o gênero — e esse foi um resultado que apareceu predominantemente nos estudos com as participantes do sexo feminino (FARVID; BRAUN, 2018; FARVID; BRAUN; ROWNEY, 2017; WEAVER, MACKEIGNAN; MACDONALD, 2011). Na pesquisa de Farvid, Braun e Roney (2017), o medo da má reputação, do julgamento dos outros e de ser taxada como *slut*

ainda é presente nas experiências das mulheres que praticam o sexo sem compromisso, assim como existem códigos sociais dentro desta prática sexual: uma mulher é negativamente vista quando faz sexo casual frequentemente, com estranhos e não é exigente em sua escolha dos parceiros; já a forma julgada como correta é aquela em que a mulher pratica o sexo sem compromisso ocasionalmente e é exigente na escolha dos parceiros.

Similarmente, Hime (2008) discorre sobre o duplo padrão sexual como um produto da desigualdade de gênero que ainda persiste na contemporaneidade. O corpo da mulher parece ainda estar imerso em ideais culturalmente estabelecidos e controlado por uma sociedade patriarcal, não apenas a respeito da reprodução, mas também sobre a atratividade: o corpo é desfrutável e considerado um bem para a própria mulher e para o outro. Neste sentido, pode-se refletir sobre a mulher contemporânea Cinderela que também luta contra preconceitos sociais, estereótipos de gênero e seus dilemas internos (FIGUEIREDO, 2016) — assim como também fazem as participantes da presente pesquisa.

Para a psicologia arquetípica, a questão dos julgamentos pode ser refletida a partir da tríade Afrodite, Príapo e o toque de Hera. A deusa do casamento com seus dedos que tocam de forma malfazeja a barriga grávida de Afrodite levam à deformidade de seu filho ilegítimo Príapo. O deus do falo agigantado tem sua capa ligeiramente levantada que exhibe sua ereção e revela o paradoxo do coberto para ser mostrado, além de ele ser também a imaginação pornográfica e lasciva, o jardineiro e o excesso. O entrelaçamento dessas três figuras míticas pode entregar sobre a penetração torta da sexualidade no âmbito doméstico e a deformidade de uma imaginação erótica que se torna uma vergonha sexual por não pertencer a uma comunidade dita normal. A tríade mostra sobre o que é estar à margem, em que valores priápicos e afrodíticos — curtição, prazer, choque, curiosidade e iniciação — são julgados como inferiores e censurados pelo malfazejo toque de Hera. Na enormidade de Príapo existem muitos outros deuses que também são deixados à margem, tais como Dioniso, Afrodite, Hermes, entre outros, e é o toque de Hera que os deixa grosseiros e vulgares. Entretanto, quando eles não são afundados em vergonhas sexuais, o imaginário sexual e a luxúria podem fertilizar a criatividade e a imaginação erótica (BARCELLOS, 2019; HILLMAN, 2007).

Nesta perspectiva, é possível pensar o sexo sem compromisso e os julgamentos e conflitos internos relatados pelas entrevistadas como um malfazejo

toque de Hera que deixa grosseiro e vulgar não apenas o sexo fora do casamento, mas talvez também um imaginar sexual e lascivo da mulher em se permitir sentir prazer, entregar-se e gozar os encontros casuais e que acaba se tornando uma vergonha sexual. Os conflitos internos das participantes podem ter relação com a sensação de estar à margem e, portanto, a sexualidade penetra de forma torta o âmbito do doméstico. Isso tudo pode ser um entrave à imaginação erótica e à criatividade da mulher.

Outro aspecto a ser abordado é o paradoxo do coberto para ser mostrado de Príapo, em que existe uma ambiguidade entre cobrir e expor que revela ou tudo escondido ou tudo exposto, sem uma contraluz para camuflar. Nesses excessos, parece faltar Eros com seus aspectos da sedução, de entorpecer a psique de desejo e de voluptuosidade à alma. O deus é o amante invisível de Psiquê que a atormenta com sua presença e ausência simultâneas, como se fosse um amante desconhecido e nesse lugar existe espaço para as doçuras lascivas e de tentação transgressora. Com isso, sacraliza-se o sexo com o charme do novo desconhecido (HILLMAN, 2007). Entretanto, muitas vezes o novo e o desconhecido dão medo, motivo este para o temor à sexualidade e ao erotismo (MOORE, 1999).

De acordo com Bataille (2017), o erotismo está ligado à transgressão psicológica, mas que é muitas vezes confundida com a transgressão moral. A primeira é sobre a sensação de liberdade que o ato sexual exige e pode levar a uma rejeição de antigos padrões — e é isso que leva à confusão com a moralidade. Para Cowan (2007), os julgamentos moralistas do erotismo são por conta do enquadramento de uma polaridade excludente entre corpo e alma ou corpo e espírito e por essas razões é difícil pensar prazer sexual e moralidade associados. Porém, Moore (1999) sugere uma alternativa como caminho do meio, que seria uma moralidade com alma: ela é baseada em Eros e por isso é doce e amarga, sendo possível encontrar os prazeres que complementam a sensibilidade moral. Uma decisão moral com alma é como um rito de passagem em que se dá espaço à sabedoria da experiência e na área da sexualidade se pode aprofundar suas vivências sexuais.

Talvez, no fenômeno do sexo sem compromisso, falte esse mistério camuflado em contraluz de Eros, que entorpece a psique de desejo e traz sacralidade ao novo desconhecido. Parece existir sentimentos de medo do não conhecido e, logo, da sexualidade e do erotismo, assim como algumas vezes a transgressão psicológica é confundida com a moral e por isso os relatos de julgamento das entrevistadas. Ainda

assim, é possível pensar uma moralidade com alma no sexo sem compromisso, que aprofunde as vivências da mulher sobre sua vida sexual e dê espaço à sabedoria de suas experiências.

Nesta perspectiva de decisões morais com alma, as participantes parecem caminhar para um lugar de desconstrução desses julgamentos e de um auto acolhimento, no sentido de pensarem mais em si mesmas, em seus prazeres e desejos, sem se preocuparem com o que os outros irão pensar delas. Nesse caminho de desconstrução, parece ser importante uma sexualidade mais falada, aproveitada e menos escondida. As entrevistadas apontaram que conversar sobre a sexualidade da mulher e suas experiências de sexo sem compromisso pode abrir espaço para vivências mais livres e até mesmo encorajar outras mulheres a se descobrirem sexualmente.

O começo para esse o auto acolhimento relatado talvez seja o que Qualls-Corbett (1990) abordou sobre a tomada de consciência da mulher contemporânea a respeito das atitudes que a reprimem e ferem, e passa a experimentar a essencialidade da beleza de seu corpo e sua sexualidade — o que favorece o processo de individuação. Do mesmo modo, Hime (2008) escreve o quanto o modelo internalizado dos julgamentos não condiz com o ideal da mulher contemporânea e em como é complexo o movimento de estar aberta às transformações e ao mesmo tempo estável na continuidade das vivências de ser. Ainda, Faria (2016) discorre sobre esse momento ser uma fase em que padrões antigos e contemporâneos se mesclam, com a consagração da era da diversidade como uma meta. Então possivelmente as participantes desta pesquisa estão vivendo esse período de tomada de consciência e indo em busca da consagração da era da diversidade, estando abertas às transformações mesmo com a mescla dos padrões antigos e contemporâneos.

#### 7.2.5 Tema 5 - Relações impessoais: as experiências de desprazer na relação com o parceiro

Este tema é sobre as formas de se relacionar com os parceiros de sexo sem compromisso consideradas desprazerosas pelas participantes: são dinâmicas de relações caracterizadas como impessoais no sentido de artificiais, rasas, focadas apenas na performance sexual. Essas formas de relação envolvem o desrespeito, a falta de conexão, intimidade e comunicação. E, também, dentro das dinâmicas de

relações impessoais, a falta de um compromisso estável foi visto como uma possibilidade de desprazer.

Este tema é composto por três subtemas: I - A performance e a artificialidade; II - O desrespeito; e III - A falta de compromisso.

#### *7.2.5.1 Subtema I - A performance e a artificialidade*

O presente subtema versa sobre quando as relações de sexo sem compromisso são impessoais, no sentido de artificiais e superficiais, focadas na performance sexual e sem um olhar sobre o outro que está compartilhando aquele momento. Cinco entrevistadas consideraram desprazerosas as relações casuais mecânicas e sem profundidade.

[...] e eu acho que o que eu não gostava nisso do sexo sem compromisso é quando você acaba a performance e você fica meio tipo eu comigo mesma, ele com ele mesmo e nós com quem somos de verdade e não tem uma relação de verdade, não tem uma intimidade ali (Miriam).

[...] eu acho que isso falta muito ainda na questão de as pessoas entenderem que são duas pessoas sabe, que mesmo que seja algo casual [...] tipo assim, não é uma qualquer coisa sabe (Elena).

Eu acho que não é prazeroso quando a pessoa faz o sexo assim e já faz e vai embora, sabe? Não fala nada mais com você, não se interessa em saber algo a mais sobre você, alguma coisa ali rápida de entender como é o seu jeito e tudo mais, simplesmente só faz o ato mesmo e vai embora [...] uma coisa muito racional e...

**Pesquisadora: Pá Pum?**

É! E acontece e tchau (Fay).

Outro aspecto dessa superficialidade também está relacionado com a performance sexual que acaba por mecanizar o ato sexual, no sentido de algo não natural. Além disso, a falta das preliminares e da dança como metáfora para o encontro sexual — chamado por Samantha — é considerado desprazeroso.

Quando era uma coisa muito ah, faz isso e faz aquilo ou ele também tentava fazer umas coisas que eu ficava tipo não [risos] e que eu percebia que não era natural sabe, acho que era bem isso, quando eu percebia que não era natural, porque sim, às vezes a gente faz uma posições meio né, mas é natural, e naquele momento não era, era uma coisa muito de uma performance mesmo assim. Então isso me incomodava e eu não achava prazeroso. E também quando eu percebia, geralmente eram nessas pessoas também olha só que curioso, quando era uma coisa muito assim, ah era muito essa coisa da performance em tudo até no jeito de falar, da conquista assim, sabe da pessoa não valorizar assim o encontro, de ser algo superficial, sabe (Lilith).

Daí óbvio né, se o cara não sabe fazer algo direito, ou não faz oral, essas coisas, as preliminares, porque eu acho que tipo é como se fosse uma dança assim sabe, tipo você vai num chamego ali e daí vai evoluindo as coisas ali e se for pra ir lá pá pum também não me interessa, não é prazeroso pra mim daí (Samantha).

Ademais, a falta de conexão, intimidade e conversa entre os parceiros também caracteriza a dinâmica de superficialidade e impessoalidade nas relações sexuais casuais.

Quando ficava muito impessoal e eu percebia que eu tava sendo um objeto ali, acho que era bem isso, essa sensação de ser um objeto, e aí eu não gostava. Faltava a conexão daquele momento ali, parecia mais que pra essas pessoas que não tinha essa conexão, era como se eu tivesse ali assistindo sabe, como se eu fosse uma espectadora do showzinho que eles tão fazendo sabe. E em vários sentidos, tanto na conversa, tipo eu percebia que eles estavam me usando assim como um objeto sabe, alguém pra assistir ali e eles não estavam interessados em mim, não estavam assim no meu prazer também, era muito performance (Lilith).

[...] mas então pra mim não ter essa intimidade, não conhecer a pessoa, não saber o que ela gosta, isso pra mim já não gosto muito, não é o que eu procuro.

**Pesquisadora: Parece que é quando é uma coisa impessoal, que não te dá prazer?**

Isso, até porque a pessoa nem vai saber o que eu gosto, a gente nunca vai ter conversado, às vezes falta energia assim sabe, que eu chamo de intimidade, mas que é uma energia ali, uma energia que combina ali. E quando falta isso, aí eu não gosto (Samantha).

A fala de Samantha sobre ser um desprazer quando um não sabe o que o outro gosta, chamado por ela de intimidade, também apareceu na fala de Bijou, que relatou o quanto isso pode ser um entrave durante o ato sexual.

**Pesquisadora: E essa coisa que você falou da intimidade, você diz isso em que sentido?**

É que assim, quando você já conhece a pessoa melhor ou quando você já transou com ela ou já ficou com ela em outros momentos, você já sabe do que ela gosta e ela já sabe do que você gosta. Quando você tá ali numa primeira vez com aquela pessoa e eu tive muitas experiências assim de realmente nunca ter nem ficado com a pessoa, de ter ido direto transar, direto pro motel ou direto pra casa da pessoa na primeira vez né, e aí a pessoa ainda não sabe do que eu gosto e eu ainda não sei do que ela gosta. E isso as vezes deixa as coisas um pouco mais travadas (Bijou).

Além disso, sobre a falta de conversa entre os parceiros, Elena ressalta que ainda falta muita comunicação entre os parceiros de sexo casual, pois mesmo sem o compromisso são duas pessoas se relacionando e deve existir responsabilidade e respeito.

Então essas coisas assim que as pessoas seriam muito mais fáceis e mais felizes se elas conversassem sobre isso sabe, mas acho que a galera fica meio assim, cheia de não me toques, e não fala esses pontos.

**Pesquisadora: E o que seria essa conversa?**

Ter uma conversa direta sabe. Eu acho que as pessoas acham que por ser algo casual, elas não têm responsabilidade alguma assim sabe, tipo, às vezes você conversa e você quer conversar pra você entender os termos, digamos assim, mas acho que as pessoas ainda não entendem que o casual não quer dizer que é “a deus dará” sabe, tipo, mesmo que você sinta carinho por uma pessoa, você pode conversar com ela assim... ah, não é porque é só sexo que a gente não precisa conversar sabe (Elena).

### 7.2.5.2 Subtema II - O desrespeito

Este subtema aborda a questão do desrespeito em algumas relações de sexo casual de acordo com as narrativas de cinco entrevistadas. O desrespeito no sentido de uma não consideração do parceiro para com elas, como se elas não fossem uma pessoa ali naquele encontro, mas sim um objeto; e isso pode trazer sentimentos de vulnerabilidade, exposição e não se sentirem seguras.

**Pesquisadora: O que não é prazeroso para você no sexo sem compromisso?**

Acho que talvez a falta de intimidade e de consideração com o outro assim, consideração que eu quero dizer é você tá ali considerando o outro e não só a relação em si sabe. Então as vezes de você se sentir que seja um espaço, acho que a falta de consideração faz com que você não se sinta tão segura assim pra tá ali [...] então teve algumas vezes de eu ter relação com alguém e não gostar, não me sentir respeitada (Miriam).

E já aconteceu nesse caso comigo de ter sexo sem compromisso com uma pessoa, por algum tempo que teve momento que eu me senti meio que um objeto ou que a pessoa não tava sabendo respeitar também, momentos que eu não queria ou que eu não tava disposta pra aquilo quase como se fosse uma espécie de assédio assim (Malu).

O assédio citado por Malu também apareceu na narrativa de Hilda, em que o parceiro a força a ter relação sexual quando ela decide não querer mais.

[..] ah se eu não quisesse ou se por um acaso cheguei lá com o objetivo de transar, porque eu estava com tesão, mas do nada me recusar a dar e o cara forçar, isso também seria um motivo de desprazer ali no sexo sem compromisso (Hilda).

Outrossim, os encontros marcantes que Anitta e Malu trouxeram durante a entrevista foram aqueles desagradáveis, em que o parceiro não as respeitaram como pessoas e o quanto isso as machucou. Vale ressaltar que o relato de Anitta revela também uma ambiguidade no sentido de não querer que o parceiro de sexo casual ficasse com outras pessoas em sua frente — o que pode apontar por um desejo de

compromisso — mas ainda assim mostra um sentimento de se sentir desrespeitada por ele.

[...] ele foi marcante no sentido negativo, porque foi um menino com quem eu passei três noites num acampamento, foi muito legal, muito gostoso aquelas três noites, mas esse foi o menino que apontou o dedo pro meu decote depois, e isso ficou muito mais marcante do que as próprias três noites prazerosas que eu passei com ele sabe. Então, o quanto assim, eu me senti muito machucada com isso na época (Malu).

[...] e eu fico pensando assim no meu intercâmbio que eu vivi um sexo sem compromisso com um cara e tipo ele cagava pra mim num nível assim até desrespeitoso assim sabe, sei lá, de ficar com outras pessoas na minha frente sabendo que eu gostava dele e eu tava disposta a perdoar tudo sabe (Anitta).

### 7.2.5.3 Subtema III - A falta de compromisso

Este subtema versa sobre a falta de compromisso nas relações de sexo casual, em que duas participantes consideraram ser um desprazer justamente não ter o compromisso de uma relação estável. Por mais que apenas duas de doze entrevistadas citaram essa questão, é importante trazer essa temática dada a sua importância: a ambiguidade explicitamente presente no fenômeno de sexo sem compromisso, em que o desprazer é não ter o comprometimento de uma relação estável.

Lady Gaga trouxe a questão de o desprazer ser relacionado à finitude da relação, em que ambos se aproveitam daquilo e depois a relação acaba.

**Pesquisadora: O que não é prazeroso para você no sexo sem compromisso?**

Não manter uma relação com essa pessoa. É como se, se ambas as partes estivessem não abusando, mas meio que se aproveitando daquilo e depois acaba (Lady Gaga).

Por sua vez Anitta citou o desprazer como relacionado à angústia de não ter um compromisso com o parceiro e, portanto, não saber como agir, como por exemplo quando chamar para sair ou mandar mensagem de texto, e que isso é vivido por ela de forma solitária. Acaba por ser, segundo ela, como se fosse uma montanha russa angustiante e vivida solitariamente. Ademais, é possível perceber em sua fala a ambiguidade quando diz que o não compromisso do sexo casual é vivenciado por ela como excitante e bom, mas simultaneamente é angustiante e ruim.

O que tem de bom também é o que tem de ruim, porque o que me angustiava muito era justamente o não compromisso [...] ao mesmo tempo que isso te

liberta, ou não liberta, mas que isso te excita e te angustia, porque daí é tipo “ah então se é sem compromisso, então eu posso mandar mensagem essa hora?”, tipo eu mandei uma duas horas e ele não respondeu, posso mandar outra? Não vai parecer que eu tô muito em cima? Então eu acho que é essa montanha russa assim de você não saber muito bem o que tá por vir e altos e baixos e viver muito sozinha isso tudo [...] E no sexo sem compromisso eu sinto que não tem muito isso de dividir, acaba sendo muito viver as angústias sozinha assim, então acho que uma coisa que me angustiava muito é isso, de me sentir muito sozinha [...] acho que hoje olhando pra trás, porque também já passou, dá pra olhar com outros olhos, eu vejo que na real se virasse um compromisso, acho que eu ficaria muito feliz na época sabe (Anitta).

#### *7.2.5.4 Análise geral do tema*

O tema “Relações Impessoais” abrangeu as experiências das entrevistadas vistas como desprazerosas na relação com os parceiros de sexo sem compromisso. Esse desprazer parece retratar uma lógica mecanicista que envolve a performance sexual e um envolvimento sem conexão, comunicação e intimidade. É tido como algo superficial, artificial e sem profundidade.

Nesses encontros impessoais parece que os parceiros não conseguem ter um olhar para a mulher durante o encontro e estarem ali presentes, se preocupam apenas com suas performances sexuais e frequentemente faltam com as preliminares na relação sexual. Esse desprazer parece estar nos encontros de sexo casual sem profundidade, que acabam por ser um ato sexual impessoal. Esse resultado corrobora o de Farvid e Braun (2017), que em seu estudo obtiveram o sexo mecânico como algo também considerado desprazeroso, deficiente e vazio, em que falta a familiaridade e a conexão emocional com o parceiro.

Outro aspecto citado pelas entrevistadas desta pesquisa é a questão do desrespeito e talvez isso ocorra, segundo elas, por conta do olhar do parceiro para o corpo da mulher como um objeto. Algumas participantes revelaram sentimentos despertados pelo desrespeito em alguns encontros, a saber: vulnerabilidade, exposição e insegurança; e duas participantes relataram encontros em que ocorreu coerção sexual: sentiram-se forçadas a ter relação sexual com determinados parceiros. Conforme Farvid e Braun (2018), as mulheres consideram um risco a sua segurança atrelado à prática de sexo casual no sentido de poderem ser vítimas sexuais e estarem em situações perigosas. Logo, sentir-se vulnerável, exposta e insegura está relacionado à coerção sexual (ser pressionada a ter uma relação sexual), outro risco citado pelas participantes da pesquisa das referidas autoras. As

mulheres estão na posição de vulnerabilidade e priorizam a sua segurança física, ao passo que os homens valorizam suas performances sexuais — e isso ressalta os discursos dominantes de gênero ainda permeando a prática de sexo sem compromisso no que tange aos riscos vistos por mulheres e homens.

Sobre a performance sexual e a superficialidade das relações, o filósofo Byung-Chul Han (2017) discorre a respeito de uma lógica de desempenho da sociedade em que os verbos do poder (possuir, apreender e reconhecer) dominam e não dão espaço a eros (o amor). Na falta de eros, o sexo se tornou mecânico e o corpo um valor expositivo ou de mercadoria, em que o possuímos e não há, portanto, abertura para a relação e o encontro com o outro. Nessa sociedade do desempenho e do consumo tenta-se igualar tudo e todos, sem assimetrias e diferenças o que leva a um inferno do igual, onde não existe lugar para a experiência erótica — que pressupõe justamente a assimetria e a exterioridade do outro. Eros é a força que tira o sujeito de si e do inferno do igual e o direciona para o outro e promove a experiência erótica e a alteridade.

E nesse olhar para o outro aparecem os sofrimentos e as vulnerabilidades, que não são tolerados na sociedade da positividade — outra ideia de Han (2017). Nessa perspectiva não há lugar para a negatividade e o sexo se tornou uma “rapidinha” (p.40) oportunista e um mero objeto para consumo, sem dores e sofrimentos. Essa crescente positivação fez com que se perdesse a transformação e a vulnerabilidade que eros possibilita. É um desaparecimento do outro numa sociedade de iguais, em que falta o toque, o mistério e o encontro das relações; essa é a agonia do eros na contemporaneidade. Ademais, as relações de consumo também são discutidas por Bauman (2004), que fala sobre as relações líquidas, sem entrega no sentido de estar vulnerável e, portanto, sem aderência entre os pares, o que leva a uma concepção de que o outro é descartável. Isso torna o amor banal e a finalidade vira o prazer instantâneo, sem paixão e entrega. Neste sentido, na sexualidade se esquece da sedução, do êxtase e do mistério e enfoca apenas na performance sexual.

Aparentemente as participantes desta pesquisa, nos seus relatos sobre as experiências de encontros sexuais descritos como impessoais ou artificiais, podem estar atreladas às ideias de Han (2017) e Bauman (2004), em que não se enxerga o outro na relação, são vínculos descartáveis e de consumo e por essas razões falta o toque, as preliminares e a conexão. Assim, muitas vezes o desrespeito e a coerção sexual surgem talvez pelo fato de que o parceiro não as enxergue como uma pessoa

naquele encontro, mas sim uma mercadoria para consumo e prazer instantâneo e por isso acreditam que podem possuir seus corpos. Nesta lógica, Hime (2008) discorre sobre como o corpo feminino ainda é controlado pela sociedade patriarcal não apenas sobre a reprodução, mas também sobre a atratividade, em que é considerado um bem ou objeto sexual a ser desfrutável. Enfim, nessas formas de relação não há entrega e lugar para vulnerabilidades, aspectos esses que poderiam possibilitar o encontro com o outro, olhar as diferenças e talvez tornar as relações menos artificiais/ impessoais e mais profundas/ íntimas.

Para a psicologia arquetípica, essas relações rasas e efêmeras podem ser pensadas a partir do par mítico Afrodite e Adônis. Ele era dividido entre Perséfone e Afrodite e, portanto, passava um terço do ano com cada uma delas e um terço sozinho; por isso, todo ano ele morria para ir ao encontro de Perséfone e a deusa do amor lamentava sua morte, revelando seus traços passageiros e a aceitação da tristeza. O jovem é símbolo do efêmero, do inconsequente e do que é sem raízes; esses aspectos entregam sobre os romances de verão, os amores ilícitos e as relações que não se aprofundam (PARIS, 1994).

Sobre o sexo sem compromisso, a figura de Adônis em seu lado destrutivo pode estar relacionada com a busca cega do prazer sexual infundável, uma entrega sexual sem limites e sem vínculo emocional. Apesar de sua característica fugaz, essa imagem arquetípica tem um lugar de alegria da existência sexual em sua relação com Afrodite, e isso aponta para uma beleza que pode ser renovada por meio do cuidado, mesmo efêmero (MOORE, 1999). Possivelmente, o desprazer dos encontros de sexo casual impessoal revele essa busca sexual sem limites e superficial da figura de Adônis, em que talvez falte a relação com a deusa — que é a sedução, o desejo e o mistério — e por isso se torna artificial, com o foco na performance sexual.

Essa falta de relação com a deusa, na perspectiva da psicologia junguiana, está ligada à separação entre a sexualidade e a sacralidade e, conseqüentemente, à perda do numinoso ou falta do divino e sagrado na vida. Isso pode levar a sentimentos de vazio difuso ou falta de significado (QUALLS- CORBETT, 1990). A sexualidade tem algo de numinoso, que é estranho e fascinante e por isso se deve olhar para o fenômeno em sua totalidade, e considerar não apenas aspectos físicos e literais da reprodução, como também aspectos da imaginação e fantasias sexuais (GUGGENBÜL-CRAIG, 1980). É possível refletir essa falta de numinoso no sexo como uma experiência sem alma, que se torna mecânica; uma relação sexual sem

alma é sem toques, sem presença plena, sem imaginação e sem preliminares (MOORE, 1999), o que leva à esterilidade e artificialidade dos encontros (QUALLS-CORBETT, 1990).

Essas vivências sexuais sem alma estão associadas a pressupostos mecanicistas de produtividade (IMPERATRICE, 2016) e talvez por esse motivo o sexo sem compromisso, segundo Simão (2017), seja uma forma de oposição aos modelos culturais que prezam a eficiência para poder recuperar o lúdico nos relacionamentos, como uma homenagem aos deuses Eros, Afrodite, Dioniso, entre outros, ou seja, reestabelecer o contato com o sagrado dessas divindades mais reprimidas na sociedade. Entretanto, conforme revelaram as participantes desta pesquisa, nem sempre o sexo casual recupera o lúdico e pode se enquadrar na lógica mecanicista, sem experiências com alma. Conseqüentemente, o sexo casual leva ao desprazer desses encontros impessoais, focados na performance sexual, com a possibilidade de ser até mesmo desrespeitosos e sexualmente coercitivos.

Para mais, outro desprazer na relação com os parceiros mencionado por duas participantes foi o não compromisso do sexo casual: uma delas citou não gostar da finitude da relação; e a outra destacou não apreciar os sentimentos de solidão, como se fosse uma montanha russa de sentimentos, pois percebe essa prática sexual como excitante e boa, mas ao mesmo tempo ruim e angustiante justamente a falta de compromisso da relação. Esta questão é importante, pois revela uma ambigüidade explícita: considerar um desprazer o não comprometimento de uma prática sexual em que a premissa é o não compromisso de uma relação estável e buscar um amor romântico nesses contextos. Esse resultado corrobora com os estudos científicos que ressaltaram que o duplo padrão sexual é o que gera esses sentimentos de ambigüidade, em que as mulheres buscam por parceiros ou esperam futuros vínculos por meio da prática do sexo sem compromisso, ao mesmo tempo em que se sentem sexualmente livres (FARVID; BRAUN; ROWNEY, 2017; JOTA, 2008; PEDERSEN; TUTENGES; SANDBERG, 2017; SIMÃO, 2017; TEJADA *et al.*, 2018).

Outra possibilidade para refletir sobre esses sentimentos de ambigüidade no sexo casual poderia ser a questão da mononormatividade destacada por Farvid e Braun (2013). As autoras concluíram que quanto maior o envolvimento emocional ou o compromisso numa relação heterossexual, maior o status. Essa hierarquia das relações sexuais prioriza do superior para o inferior: encontrar o *the one* (o amor da sua vida); relações monogâmicas; encontros de sexo sem compromisso com maior

envolvimento emocional (como o *friends with benefits*); e por último relações casuais mais curtas (como o *one night stand*). Nesta perspectiva, o sexo casual não é visto como uma prática sexual completa, mas sim como algo passageiro entre uma relação estável e outra que acaba por reforçar a monogamia compulsória na heterossexualidade. Talvez as experiências de algumas entrevistadas da presente pesquisa estejam intrínsecas a essa mononormatividade, o que pode justificar os sentimentos ambíguos sobre o sexo casual.

Para a psicologia arquetípica, essa ambiguidade poderia ser pensada a partir da tríade Afrodite, Príapo e o toque de Hera. A deusa do casamento não suportou o filho ilegítimo da deusa do amor e por ciúmes deu um toque malfazejo em sua barriga grávida, o que levou ao nascimento de Príapo — o grotesco deus do jardim com o falo agigantado. Isso revela uma penetração torta da sexualidade no casamento e mais ainda fora dele (como por exemplo o sexo casual), o que leva à margem o que não está na norma da comunidade dita normal. Torna-se vulgar, obsceno e grosseiro toda penetração que não tem finalidades maritais e estão fora dos valores familiares das “pessoas decentes” (p. 15): os puteiros e lojas pornô (HILLMAN, 2007).

Neste sentido, poderia se acrescentar o sexo sem compromisso como fora dos valores familiares justamente por não ter a finalidade marital. E talvez por essas razões o status do sexo casual, em especial os de duração mais curta como o *one night stand*, sejam vistos como inferiores quando comparados a uma vida sexual dentro de uma relação estável — assim como os valores priápicos e afrodíticos de curtição e prazer são julgados como inferiores (HILLMAN, 2007). Possivelmente o toque de Hera como imagem arquetípica ainda reverbera nas experiências de sexo sem compromisso das mulheres contemporâneas, levando a sentimentos de ambiguidade sobre (não) querer uma vida sexual para além da monogamia.

### **7.3 Símbolos — análise dos símbolos trazidos pelas participantes na entrevista**

Ao final de cada entrevista, pediu-se às participantes para refletirem sobre o tema da pesquisa e o que falaram durante a entrevista; e em seguida, foi proposto que elas pensassem numa pessoa que representasse tudo aquilo para elas, a primeira que lhes viesse à mente. Depois, cada uma delas contou sobre o que refletiram e o porquê da escolha daquela pessoa.

As pessoas escolhidas para representar o tema do sexo sem compromisso e as possibilidades de (des)prazer da mulher variaram entre personagens da mídia (cantoras ou protagonistas de séries), amigas e parceiros sexuais.

Para **Lady Gaga**, o símbolo escolhido foi da cantora estadunidense Lady Gaga a qual representa uma mulher criativa, sedutora e doida — no sentido de agir sem se importar com o que os outros pensam dela. Para a participante, a relação da cantora com o tema é fazer aquilo que ela quer e tem prazer, independente da opinião do outro.

Para **Anitta**, a escolha foi da cantora brasileira Anitta, pois ela é uma mulher que representa a liberdade do corpo e a independência feminina e isso é símbolo do tema desta pesquisa. Para a participante, Anitta não se preocupa com as opiniões dos outros sobre si, sobre como se veste ou com quem se relaciona e que ela nunca foi associada a nenhum homem em relação à sua fama: “uma pessoa que nunca teve essa associação assim, ela tá onde ela tá porque ela namora tal cara ou porque ela é casada com tal cara, porque conhece tal cara, porque ela é filha de tal cara. Ela é só ela assim”.

Para **Samantha**, a pessoa que lhe veio à mente foi uma personagem da série Sex And The City chamada Samantha. Para a participante, ela representa uma mulher livre, empoderada e foi a primeira figura feminina num papel que era geralmente representado por homens: Samantha era a mulher que “transava com todos, que ficava sem compromisso e que enrolava os caras, que ela tinha essa autonomia e ela não queria compromisso e ela só queria transar e sentir prazer”.

Para **Lilith**, lhe veio a imagem do nascimento da mulher e nisso a figura do nascimento de Afrodite do mar ou de Lilith das chamas do inferno quando se liberta ou do nascimento da Volúpia. Para a participante, essas imagens são símbolos da liberdade e libertação da mulher ou o nascimento da liberdade da mulher, em que ela pode se permitir sentir prazer, fazer sexo casual, ter fantasias sexuais ou um encontro com o outro — e isso tudo representa o tema desta pesquisa. Ela associou essa libertação também à parte final do poema lido durante o aquecimento da entrevista:

E até você falou que se viesse o poema na minha mente, me veio agora né, essa coisa mais ali da parte do final do poema que é a mesma, tipo das proibições né que escondem na verdade toda nessa esfera né, que tem um desejo muito grande de ser vivida né, de ser realizada, de ser explorada. Então, eu acho que me vem muito essa, foi um período que eu me libertei daquele julgamento da adolescência e realmente consegui me relacionar com a minha mulher, sem eu mesma até julgar ela né.

**Pesquisadora: Então essa libertação e nascimento, da mulher talvez?**

Acho que o nascimento da liberdade dela, de ela tipo chega e deixa eu viver aqui né.

**Pesquisadora: Sim, e essa vida vivida com prazer, na volúpia.**

Isso, exatamente! Bem esse nascimento da volúpia talvez, se for pensar num nascimento né. Muitos nascimentos e muitas descobertas [risos]. É de um libertar-se, de um permitir-se ao prazer, ao sexo em si, às fantasias sexuais, ao encontro com o outro.

Para **Malu**, por primeiro veio o seu namorado em mente, mas logo disse que não tinha a ver com o tema e por isso escolhia a personagem Malu da série da Netflix chamada Coisa Mais Linda. Para a participante, Malu é uma mulher espontânea, corajosa, que se posiciona ou se coloca nas situações e “peita os homens e desafia as coisas, direitos e enfim, gosto muito dela nesse sentido assim”.

Logo em seguida, a pesquisadora associou a fala dela sobre Malu com a possibilidade de ela vivenciar algo parecido na relação com o seu namorado, no sentido de ser mulher de si, independentemente de ser uma relação com compromisso, mas que talvez ela viva a espontaneidade e o prazer; a participante afirmou fazer todo sentido e relatou o quanto essa relação para ela foi um divisor de águas, em que na relação com ele ela consegue unir a santa e a prostituta dentro dela.

**Pesquisadora: E eu fiquei pensando também, como o seu namorado que foi essa pessoa que te veio na cabeça por primeiro também, e agora que você falou da Malu essa personagem da série. Será que talvez ele não te faça sentir assim? Nessa relação de vocês dois, você ser mulher de si. Porque a gente não precisa se sentir assim só no sexo sem compromisso né, a gente pode tá com alguém que a gente se relaciona com compromisso e sentir todo esse poder, espontaneidade, enfim, essa vida vivida com prazer. Acho que não é só no sexo sem compromisso.**

Nossa, faz todo sentido! Até porque eu acho que o meu namorado foi muito divisor de águas nesse sentido, porque assim, acho que antes dele os meus relacionamentos tinham sido, sabe aquela coisa que a gente ouve, que geralmente sobre a mulher, que o homem separa a coisa da puta da mãe né, e eu acho que eu fazia essa separação. Eu acho que eu me relacionava com pais, pessoas que eu buscava aprovação assim, e deixava o sexo sem compromisso pra me relacionar como mulher, com os homens. E eu acho hoje que o meu namorado uniu as coisas [risos] (Malu).

Para **Anais**, a primeira pessoa que lhe veio à mente foi um parceiro de sexo sem compromisso que para ela representa alguém que ela sabe que não quer um compromisso de um namoro, pois eles têm valores muito diferentes, mas que ao mesmo tempo sentem muito prazer um com outro, têm muita química e intimidade entre ambos. Para a participante, esse parceiro representa o sexo sem compromisso e as possibilidades de prazer.

**Miriam** também associou ao tema um parceiro de sexo sem compromisso, que foi o primeiro logo após o término de um relacionamento abusivo. Para a participante, foi por meio da relação com esse parceiro que ela percebeu sua força interna como mulher e que poderia ter relações férteis, envolvimento amoroso e enxergou que as pessoas podiam se interessar ou a desejar por quem ela é.

Acho que era uma coisa minha assim que acho que teve ele, mas foi eu descobrir que, ah isso não tava, a sensualidade, o amor, a fertilidade, o interesse, não tá vinculado a uma pessoa com quem eu me relaciono, isso vem de dentro de mim e que pode dar muito certo com outra pessoa (Miriam).

Para **Elena**, uma amiga lhe veio à mente ao refletir sobre o tema, pois ela abriu sua mente quando se mudou para Curitiba de uma cidade pequena. Essa cidade, segundo a participante, tinha a mentalidade de que a mulher deveria buscar um parceiro para casar e a sexualidade era reprimida; e quando ela foi morar na capital do Paraná, essa amiga a ajudou a ser mulher de si e a pensar em seu prazer.

[...] cara, eu não preciso de ninguém, posso tá comigo e se eu quiser tá com alguém eu posso ser, posso tá com quem eu quiser, tá com homem, tá com mulher sabe, eu não preciso me travar, porque alguém espera de mim alguma coisa. Então, eu posso ser egoísta um pouco e pensar em mim, no meu prazer, na minha felicidade, do tipo assim, ah eu quero só sexo e então é isso que eu vou buscar entendeu, é só isso que eu vou procurar; e se eu quiser algo mais, também tá ótimo, mas tipo, não precisar me travar ou me esconder ou não fazer por outras pessoas, sabe, pelo que elas vão falar ou pelo o que elas vão pensar (Elena).

**Bijou** também trouxe como símbolo do sexo sem compromisso uma amiga que, segundo a participante, sempre realizou essa prática sexual com tranquilidade e liberdade. Essa amiga é vista como uma mulher independente e que respeita o outro.

Igualmente, **Fay**, **Hilda** e **Maja** escolheram como símbolo do tema uma amiga. A primeira descreveu-a como uma mulher que gosta de sair à noite, se divertir, aproveitar o momento do encontro e buscar prazer sexual próprio: “*E aí ela é bem assim sexo sem compromisso mesmo*”. A segunda disse ver a amiga como alguém que sempre lidou muito bem com sexo casual e com seu prazer sexual, além de não se importar com o julgamento dos outros e ser para a participante uma referência de liberdade e de mulher livre. A terceira lembrou-se da amiga que representa uma mulher que vive o sexo sem compromisso de forma maravilhosa, leve, super bem resolvida e esclarecida.

### 7.3.1 Breves considerações sobre os símbolos

As breves considerações sobre símbolos do sexo casual trazidos pelas participantes não visam um aprofundamento, visto que esse não é o escopo deste trabalho. Entretanto, será feita uma análise geral para auxiliar na amplificação simbólica do fenômeno estudado e fica a cargo do leitor o passeio pelos símbolos que descrevem a relação das entrevistadas com o sexo sem compromisso e os seus (des)prazeres.

Vale ressaltar que, mesmo com as experiências desprazerosas contadas ao longo das entrevistas, todos os símbolos escolhidos pelas participantes vieram de suas vivências prazerosas. Por exemplo, as cantoras Lady Gaga e Anitta<sup>11</sup> foram retratadas como mulheres independentes, autênticas, que não se preocupam com a opinião dos outros e são símbolos da liberdade sexual feminina. Já as personagens protagonistas de séries — Malu e Samantha — foram vistas como imagens de mulheres livres, espontâneas, corajosas e empoderadas.

Figura 1 – Lady Gaga



Fonte: Koons, 2013.

<sup>11</sup> Não foram incluídas imagens de todas as artistas e personagens a fim respeitar o *copyright* e respectivos direitos de imagens. As imagens usadas neste trabalho ou estão em domínio público, ou permitiam o *Fair Use* com fins educacionais.

Ademais, as participantes **Elena, Bijou, Fay, Hilda e Maja** escolheram amigas para simbolizar a temática do estudo. As características dessas amigas foram abordadas como: mulheres que as ajudaram a serem cada vez mais donas de si; praticam o sexo casual com naturalidade e tranquilidade; e não se preocupam com os julgamentos dos outros. Essas amigas parecem representar a liberdade da mulher e a sua busca por prazer.

Esses símbolos remetem às características da imagem de Afrodite, tais como: a evocação do desejo, a invocação do prazer e a provocação da atração (HILLMAN, 2007); ela dissolve rigidezes — o que revela seu aspecto aquático da *solutio* que lava e derrete as tensões, além de representar a fuga do comum e o transgredir das normas (PARIS, 1994); ela é a deusa alquímica da transformação (transforma algo do cotidiano em ouro pelo olhar apaixonado e criador), valoriza a independência emocional com os outros, o processo criativo e a receptividade às mudanças, bem como motiva a intensidade nos relacionamentos (BOLEN, 2016).

O caminho de Afrodite é sobre expressar sua beleza de modo original, audacioso e singular (PARIS, 1994) e o belo é no sentido de estar desperto e não anestesiado frente à vida (BARCELLOS, 2019). Parece que os símbolos trazidos pelas participantes sobre o sexo sem compromisso revelam aspectos da deusa do amor e da beleza, em que a imagem é de uma mulher que preza pelo seu prazer, é autêntica, independente e livre: ela é dona de si. Essa busca por prazer e a entrada no reino de Afrodite pode ser o que dissolve as tensões e auxilia as mulheres a fugirem do comum, do hétero e mononormativo, sem se preocuparem com os julgamentos dos outros.

Outra imagem despertada pela participante **Lilith** foi a do nascimento das figuras míticas de Lilith, Afrodite e Volúpia. Esses símbolos foram relacionados ao nascimento da mulher — seja vindo das chamas do inferno, das águas do mar ou da alma (Psiquê) —, são sobre descobertas e libertações, ou são sobre o nascimento dessa liberdade da mulher: permitir-se sentir prazer, ter fantasias sexuais e estar no encontro com o outro no sexo casual. Esses aspectos de libertação e descoberta sobre o nascimento dessa imagem de mulher livre, para a psicologia arquetípica podem estar atrelados aos pares míticos Afrodite/ Hermes e Afrodite/ Dioniso e à tríade Afrodite/ Perséfone e Baubo.

Figura 2 – O Nascimento de Vênus



Fonte: Botticelli, 1483/1485.

A dupla Hermes e Afrodite revela sobre as aventuras, a espontaneidade e a entrada em lugares desconhecidos em busca de libertação. Eles são o riso e o cômico na sexualidade como formas de escapar das repressões e dominações (PARIS, 1994). O riso na sexualidade tem também relação com Baubo — a figura mítica da personificação da vagina — aquela que levantou a sua saia, mostrou as genitálias e fez Deméter rir, e isso deu-lhe forças para continuar em busca de sua filha raptada. Essas gargalhadas ativam a libido da mulher e acendem o fogo do interesse pela vida, chegam longe e fundo na psique. Baubo revela sobre uma obscenidade sagrada, uma sabedoria sexual bem-humorada ou uma lascívia astuta — são essas as características das deusas sujas; e a sujeira é sobre o que vem debaixo da terra, pertencente à lama e tem relação com uma sexualidade sagrada. Na psique o sagrado, o irreverente e o sexual estão juntos e são despertados por meio de um deslumbramento da vivência física do corpo e das emoções, e não da racionalização. O corpo e as emoções geram ondas de prazer que unem o sagrado e a sexualidade (ESTÉS, 1994). Talvez a libertação da mulher e o contato com seu prazer e fantasias sexuais venham desse interesse e fogo pela vida, com uma relação fértil e sagrada com a própria sexualidade, por meio das vivências emocionais e corporais.

Outrossim, sobre Perséfone, a filha raptada que Deméter estava em busca, é possível pensá-la como Afrodite Persefessa — a do subterrâneo ou a deusa da morte. Uma ressurgiu no abismo da terra e a outra nasceu da espuma do mar; vindas do submundo ou do mar, as duas representam (re)nascimentos (KERÉNYI, 2015) e a descida de Perséfone ao submundo pode ser vista como a liberação do desejo reprimido e a procura da verdade sobre si (BRANDÃO, 2012).

Além disso, visto que uma das participantes trouxe como símbolo do sexo casual a imagem arquetípica de Lilith, vale ressaltar a sua correlação com as figuras míticas de Afrodite e Perséfone: a deusa suméria que transmigrou para o judaísmo pós bíblico é a rainha do mundo inferior, a paixão da noite e a prostituta voluntariosa. Ela é instigadora dos amores ilícitos, bem como é o ímpeto sexual e a mulher emancipada do homem. De acordo com Robles (2019), a imagem de Lilith mostra que a mulher sempre esteve pronta para assumir seu erotismo, antes mesmo de reconhecer seu corpo e sua beleza; e, cada vez que a mulher entra em contato com sua criatividade e clama por sua igualdade e liberdade ou percebe seus desejos insatisfeitos e desafia as normas sociais, existe a “mão de Lilith” nesses lugares (p.38). A rainha do mundo inferior é a eterna inconformada e ela se aloja em cada mulher que imagina a possibilidade da equidade e busca pelo “alento transformador de sua própria criatividade” (p. 38). Parece que Lilith, Afrodite e Perséfone são sobre transformações, criatividade e os movimentos de descida para o nascimento (seja vindo das chamas, do mar ou do submundo) e a busca da liberdade, em especial a sexual, da mulher; elas são imagens que estão à margem e desafiam as normas.

Figura 3 – Lilith com uma cobra



Fonte: Collier, 1886.

Voltando ao mito grego, a imagem arquetípica de Perséfone (ou Afrodite Persefessa) se entrelaça com as de Baubo e Dioniso — a deusa do submundo era imaginada como Sêmele, a mãe de Dioniso, assim como em algumas versões da história dizem que quando Baubo levantou a saia para fazer Deméter rir, tinha a criança Iaco rindo de sua barriga. Iaco é um dos sobrenomes de Dioniso e é também o nome dado à criança divina filha de Perséfone dos Mistérios de Eleusis. Iaco e Baco eram a mesma divindade, que além da criança misteriosa da barriga de Baubo, era também o delírio sagrado (KERÉNYI, 2015).

Dioniso é o deus do vinho e da transformação, assim como é uma divindade cíclica que morre, renasce, frutifica, torna a morrer e retorna. Era o deus menos político e estava à margem da pólis em seus desregramentos. O êxtase dionisíaco está atrelado à descoberta da libertação, da conquista de liberdade e da espontaneidade: ele é uma liberação de interditos e tabus (BRANDÃO, 2012). O seu entrelaçamento com Afrodite aponta para uma junção sexual civilizada e selvagem, que converge em uma posição central para a espontaneidade do corpo e para a sexualidade (PARIS, 1994). A união do par reflete sobre duas forças da sexualidade: o desfrutar de um prazer momentâneo — Afrodite — num corpo instintivo e cheio de emoções — Dioniso — (LÓPEZ- PEDRAZA, 2016). Portanto, o par mostra sobre uma relação de deleite e prazer com o próprio corpo instintivo e repleto de emoções, e isso pode levar a uma libertação.

Além disso, o prazer e o deleite podem ser vistos também a partir da Volúpia, a filha de Eros e Psiquê. Nesta perspectiva, é possível pensar essa figura mítica como a que é gerada a partir da iniciação do amor na alma e da alma no amor; ela é a redenção da alma, fruto de sua união (Psiquê) com o amor (Eros), o que possibilita o gozo pela vida. Então, a voluptuosidade é a alegria de uma vida eroticamente vivida com prazer (BARCELLOS, 2019).

O símbolo do sexo sem compromisso como o nascimento das figuras míticas de Lilith, Afrodite e Volúpia podem estar atreladas às descobertas do corpo instintivo, das emoções, do desejo e das fantasias sexuais, o que possibilita à mulher uma libertação dos interditos e tabus e a leva a uma vida vivida com prazer e erotismo, em que é possível desfrutar do próprio corpo e da sexualidade.

Mais um aspecto simbólico do sexo sem compromisso foi a relação com os parceiros. Duas participantes escolheram parceiros de sexo casual para representar o tema: **Anais** trouxe a questão de que na relação com ele, mesmo sendo pessoas de características muito diferentes, eles sentiam muito prazer um com o outro e eram encontros permeados de intimidade e química; **Miriam** escolheu um parceiro de sexo casual em que através da relação com ele, ela descobriu suas forças internas como mulher, sentiu-se desejada e enxergou a possibilidade de poder ter relações férteis em sua vida — e que essa potência não vinha dos parceiros, mas sim dela mesma.

Já **Malu**, por sua vez, trouxe dois símbolos durante a entrevista (um da protagonista Malu da série Coisa Mais Linda, que foi discutida acima) e outro de seu atual namorado. Este último, mesmo que seja uma relação com compromisso,

representa para ela uma união das imagens da santa e da prostituta dentro dela e o quanto ela vive a espontaneidade e o prazer nessa relação — e que para a participante são aspectos que representam o sexo sem compromisso.

Os símbolos voltados à relação com parceiros podem ser pensados a partir do *hieros gamos* ou do casamento sagrado, que no processo de individuação consiste na união dos opostos. Este aspecto é também chamado de *coniunctio* e tem com imagem simbólica o casamento ou o intercuro sexual entre o Sol e a Lua e representa a relação do ego com o Self na individuação. Segundo Edinger (2006), na fenomenologia da *coniunctio* é fundamental o amor, tanto como causa quanto efeito, e é esse Eros que é adesivo e mantém a união, razão pela qual na alquimia as palavras cola, goma e resina são sinônimos de substâncias transformadoras. Essa “cola” é o espaço intermediário entre a união do corpo e da mente (p. 239) e o amor na *coniunctio* deriva tanto como concupiscência ou voluptuosidade (por exemplo, no sentido de prazer sensual) ou como transpessoal (por exemplo, no sentido de Afrodite Celeste ou a conexão com o Self).

O encontro entre duas personalidades é similar à mistura de duas substâncias diferentes e, se houver combinação ou conexão, ambas se transformam (EDINGER, 2006). Essa união é experienciada no mundo externo e interno: no primeiro o encontro pode ser pensado como a conexão com o parceiro de sexo casual e no segundo o encontro seria com a psique objetiva e os seus conteúdos inconscientes. E essas junções transformam de dentro para fora e vice-versa, afinal “aquilo que está embaixo é igual àquilo que está em cima, e aquilo que está em cima é igual àquilo que está embaixo, para realizar os milagres de uma coisa só” (EDINGER, 2006, p. 248 *apud* JUNG, 1940, p. 55).

Para Guggenbühl-Craig (1980), o matrimônio sagrado é bem expresso no erotismo e, de acordo com Qualls-Corbett (1990) esse momento pode ser análogo à experiência de “derreter juntos” (p.109) no orgasmo, que está voltado à integração entre sexualidade e espiritualidade. A sexualidade como parte do processo de individuação não ocorre apenas no âmbito espiritual, mas também por meio da experiência do corpo. Dessa forma, o sexo pode ser um modo de a mulher integrar à consciência o sagrado e aprender a se relacionar com esses aspectos mais reprimidos e inconscientes em sua vida.

Esses aspectos mais inconscientes estão voltados às dinâmicas psíquicas arquetípicas da prostituta sagrada, da deusa do amor, de Eros, Hermes, Dioniso,

Perséfone, Baubo e entre outros já discutidos nesta pesquisa. Vale ressaltar que o discernimento dessas imagens arquetípicas pode possibilitar o processo de individuação por meio da intimidade na relação com o outro. Esse aspecto da individuação pode estar psicologicamente relacionado à visita do estranho ao templo da deusa do amor: ele era como um emissário dos deuses e alguém que vem de um lugar de fora e instiga a mudança. Esse estranho pode ser literalmente representado por um homem desconhecido na vida da mulher que, por meio do seu olhar sobre ela, desperta a imagem da prostituta sagrada. Esse despertar traz à tona os aspectos dinâmicos, instintivos, criativos, eróticos e transformativos — que são móveis, mutantes, férteis e criativos; além disso, traz também vida para as vivências da mulher, faz com que ela conheça mais seu corpo, tenha autoconsciência sobre sua sexualidade e se liberte da culpa e da vergonha dos julgamentos e das normas sociais (QUALLS-CORBETT, 1990; MOORE, 1999).

Outrossim, o estranho pode ser simbolicamente visto a partir da perspectiva da psicologia junguiana como o animus que conduz a mulher para fora e para os aspectos da criatividade, do discernimento e das ideias. Essa é uma imagem arquetípica encarregada da iniciação da mulher nos mistérios sexuais e a conscientização de sua potência, em que ela é capaz de tomada de decisões e de assumir suas vontades sem submissão ou sentimento de inferioridade (QUALLS-CORBETT, 1990).

Os símbolos trazidos pelas participantes perpassam as imagens arquetípicas da prostituta sagrada e da visita do estranho, de Afrodite, Perséfone, Baubo, Hermes, Dioniso, Eros, Psiquê e da Volúpia. São aspectos que foram mais reprimidos na sociedade do consumo, do desempenho, da positividade e da exposição (HAN, 2017); sem dar espaço aos prazeres do corpo, das emoções e da sexualidade, o que acabou por afastar a dimensão sagrada dessas vivências e as deixou mecânicas e sem alma (MOORE, 1999; IMPERATRICE, 2016). Além disso, existe também o julgamento sobre o corpo e a sexualidade feminina, que divide sua imagem entre a santa e a prostituta; e isso reverbera negativamente nas relações da mulher com seu corpo e sua identidade sexual (QUALLS-CORBETT, 1990).

Talvez o sexo sem compromisso seja um símbolo da liberdade, do nascimento, da descoberta e do despertar da mulher sobre sua faceta dinâmica, erótica e instintiva. Por meio desta prática sexual, a mulher pode resgatar uma sexualidade com alma e repleta de fertilidade e criatividade, além de a conscientizar sobre sua potência interna

e a sua relação com o sagrado. Assim, as relações sexuais casuais com intimidade e conexão são possíveis, mesmo fora de um vínculo estável, onde a mulher pode explorar seus prazeres, desejos e fantasias sexuais. Neste sentido, o encontro não é apenas com os parceiros de sexo casual, mas também consigo mesma e com suas potências internas.

## 8 DISCUSSÃO

*Sexo é imaginação, fantasia*  
*Amor é prosa*  
*Sexo é poesia*  
Rita Lee — Amor e Sexo, 2003

A partir do conteúdo das entrevistas e das análises gerais dos temas, serão discutidos os resultados deste trabalho e apresentadas as reflexões suscitadas na pesquisa teoricamente embasadas e orientadas a partir dos objetivos do estudo. Destaca-se que a finalidade da discussão não é encerrar o assunto nesta dissertação de mestrado, mas sim ampliá-la e proporcionar várias perspectivas e prospectivas a se pensar o fenômeno estudado que é tão paradoxal e plural.

De acordo com o objetivo geral desta pesquisa, foi possível compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso pelas participantes: é uma prática sexual sem vínculos estáveis, sem um contrato de exclusividade sexual e sem sentimento de um amor romântico — o que corroborou os resultados de Wentland e Reissing (2014) e Claxton e Van Dulmen (2013) —; a finalidade foi compreendida como a busca pelo prazer sexual, que também foi resultado de Simão (2017); e algumas entrevistadas entendiam o sexo casual como um momento de descoberta — e que também apareceu nos resultados de Weaver, Mackeignan e Macdonald (2011), Farvid e Braun (2017), Simão (2017) e Tejada *et al.* (2018).

Além disso, o presente estudo acrescentou uma nova compreensão não encontrada na literatura, que é o sexo casual visto como um momento de total entrega ao encontro. Este resultado pode ser visto a partir do olhar junguiano como uma característica do reino de Afrodite que envolve o desejo, a atração e o gozo e, logo, dissolve as tensões e rigidezes para a busca de prazer da mulher (PARIS, 1994) — e é na entrega que é possível o gozo.

Entretanto, o fenômeno estudado se apresentou ambíguo e paradoxal, em que por mais que as mulheres buscassem prazer e liberdade sexual, algumas esperavam implícita ou explicitamente também um amor romântico. Para mais, inclusive duas participantes declaradamente citaram como um desprazer do sexo casual o não compromisso, o que revela uma ambiguidade evidente. Isto está ligado ao duplo padrão sexual e, portanto, mostra que as normas sociais conforme o gênero ainda podem reverberar nos comportamentos sexuais de algumas mulheres, o que corrobora os estudos científicos de Jota (2008), Weaver, Mackeignan e Macdonald

(2011), Farvid, Braun e Rowney (2017), Pederson, Tutenges e Sandberg (2017), Simão (2017), Tejada *et al.* (2018).

É possível refletir também sobre a ambiguidade a partir do conceito de mononormatividade: quanto maior o compromisso de uma relação heterossexual, maior o seu status e, neste sentido, a monogamia é mais valorizada (FARVID; BRAUN, 2013). Assim, o sexo casual é visto como algo passageiro entre uma relação estável e outra, e talvez a mononormatividade esteja sutilmente presente nas experiências de sexo casual das entrevistadas. Nesta perspectiva, existe uma mescla de padrões antigos e contemporâneos (FARIA, 2016), além de a mulher urbana viver uma “revolução silenciosa” (HIME, 2008, p.187) nas áreas afetivas e sexuais, que promove ambiguidades pelo fato de ainda terem concepções tradicionais intrínsecas em suas vivências.

Outrossim, um dos objetivos específicos desta pesquisa foi identificar as práticas subjacentes ao sexo sem compromisso das participantes. As práticas mais frequentes foram os encontros de *fuck buddy* e *friends with benefits*, pois existe uma preferência por um conhecimento prévio dos parceiros sexuais; logo, as práticas menos comuns foram os encontros de *one night stand*. Foram refletidos três motivos para esse resultado, que corroborou o estudo de Wentland e Reissing (2014), de Farvid e Braun (2016) e de Farvid, Braun e Rowney (2017): (1) a importância do sexo com conexão e assim a falta de familiaridade com o parceiro pode ser um entrave a essa questão; (2) a mononormatividade que preza por relações com maior envolvimento emocional e, portanto, o encontro de *one night stand* é visto como inferior; e (3) os códigos sociais que estão atrelados ao duplo padrão sexual, em que a mulher é menos julgada quando pratica sexo casual ocasionalmente e é mais exigente na escolha dos parceiros. Nessas reflexões é possível perceber as amarras tradicionais ainda permeando as vivências da mulher contemporânea.

Contudo, pode-se identificar também nas práticas subjacentes ao sexo sem compromisso a imersão da mulher no ciberespaço como forma de desmistificar o amor romântico e que é parte da revolução tecnológica na contemporaneidade (PAULINO, 2008): uma das formas que as entrevistadas conhecem seus parceiros sexuais é pelas mídias sociais (Tinder e Instagram) além das festas, bares ou amigos de amigos.

Sobre o último objetivo específico da presente pesquisa — investigar as experiências de prazer e desprazer no sexo sem compromisso para as participantes

— será dividido em duas partes: os prazeres e desprazeres com elas mesmas e na relação com os parceiros. Dessa maneira a reflexão sobre o tema caminhará entre os paradoxos e ambiguidades dos significados atribuídos ao fenômeno estudado por meio de seus (des)prazeres.

### **8.1 Os (des)prazeres no sexo sem compromisso para as participantes na relação com elas mesmas: entre ser dona de si e os dedos que apontam e julgam**

O sexo sem compromisso traz vivências prazerosas de liberdade sexual, independência e autonomia, em que as mulheres sentem que podem estar com quem quiserem e quando desejarem — o que confirma os resultados de Weaver, Mackeignan e Macdonald (2011), Farvid, Braun e Rowney (2017), Simão (2017) e Tejada *et al.* (2018). Além disso, elas buscam pelo prazer próprio nos encontros casuais, assim como mostrou os estudos de Möller e Andrade (2011) e Vieira *et al.* (2016). Outrossim, a intensidade de algo novo, a espontaneidade, as aventuras sexuais e a entrega ao momento também foram considerados aspectos prazerosos do sexo sem compromisso — o que também foi resultado da pesquisa de Farvid e Braun (2017).

As participantes desta pesquisa reconheceram que esses fatores as levaram a um maior entendimento sobre si mesmas e seus corpos, o que proporciona um autoconhecimento pessoal e sexual. A busca pelo prazer possibilitou uma exploração da sexualidade e descobertas sobre o que gostam ou não no sexo ou novas partes prazerosas do corpo, assim como descobriram a potência da mulher sedutora e conquistadora que habita nelas e as suas forças interiores voltadas à sexualidade, tornando-as cada vez mais donas de si. É possível correlacionar esse resultado com o de Fahs (2014), que concluiu que o maior o entendimento da mulher sobre seu corpo, si mesma e seu prazer pode vir com a experiência do orgasmo, transformador em sua vida sexual.

Por outro lado, existem também os julgamentos relatados pelas participantes como desprazerosos em suas experiências de sexo sem compromisso: é um conflito interno e com influências familiares, culturais e sociais. O autojulgamento revela sentimentos de vergonha e inferioridade, o que também foi resultado de Claxton de Van Dulmen (2013); e isso pode levar a um conflito interno da mulher entre fazer o

que deseja e ao mesmo tempo se preocupar com o que os outros pensam e julgam sobre ela. Este dilema apontou para a seguinte ideia, que aparentemente persiste atualmente: existem mulheres para casar e mulheres para ter relações sexuais. É como se a caça às bruxas das libertinas e desobedientes, e a valorização das submissas e passivas (DEL PRIORE, 2014; FEDERICI, 2017) continuassem nas entrelinhas das vivências das mulheres contemporâneas, o que gera uma imagem dicotomizada da mulher como a santa ou a prostituta.

Outrossim, as influências de uma criação tradicional foram vistas como um potencializador dos julgamentos em suas vidas e dificuldade em conhecer seus corpos e explorar suas sexualidades. Esse entrave para a mulher conhecer e entender sobre seu corpo, desejos e fantasias sexuais pode ser pensado a partir da cultura heteronormativa que reprime a sexualidade e leva ao seu desconhecimento, conforme apontou Muhanguzi (2015), Paterson *et al.* (2014) e Saliães *et al.* (2017).

Nesta perspectiva, os dedos que apontam e julgam os comportamentos sexuais das mulheres aparecem de forma explícita e implícita. Algumas entrevistadas apontaram uma estrutura social e cultural patriarcal que controla o corpo da mulher e as impedem de serem livres — o que as leva a sentimentos de raiva em relação a essa questão. Hime (2008) escreve sobre o corpo da mulher estar ainda imerso em ideais culturalmente estabelecidos e controlados por uma sociedade patriarcal, revelando o duplo padrão sexual como o produto da desigualdade de gênero na contemporaneidade. O duplo padrão sexual está intrínseco ao julgamento destacado pelas participantes e esse resultado corroborou os de Weaver, Mackeignan e Macdonald (2011), Farvid e Braun (2018) e Farvid, Braun e Roney (2017). Pode-se refletir essa questão a partir dos códigos sociais presentes dentro do sexo casual que levam a mulher ao medo da má reputação ou de ser taxada como promíscua, sendo negativamente vista aquela que tem relações sexuais casuais frequentemente, com estranhos, e não é exigente na escolha dos parceiros (FARVID; BRAUN; ROWNEY, 2017).

Mesmo com os julgamentos, o duplo padrão sexual e as amarras tradicionais que permeiam as vivências de sexo casual, as entrevistadas destacaram um caminho para um lugar de desconstrução disso e de auto acolhimento: elas estão em busca de pensarem mais em si mesmas, em seus prazeres e desejos e menos sobre o que os outros pensam delas e de seus comportamentos. Elas percebem que uma sexualidade que tenha lugar para se expressar, ser mais aproveitada e menos

escondida pode abrir espaço para experiências mais livres. Portanto, as participantes caminham em direção à desconstrução dos julgamentos e de um acolhimento de si mesmas, de suas escolhas e descobertas sexuais; além de estarem abertas às transformações, ainda que com a mescla dos padrões tradicionais — e talvez esse seja o caminho para serem cada vez mais donas de si.

## **8.2 Os (des)prazeres no sexo sem compromisso para as participantes na relação com os parceiros: entre a conexão e a artificialidade**

Sobre os prazeres na relação com os parceiros de sexo sem compromisso, as participantes destacaram momentos de troca, conexão e um compartilhar de um momento, em que existe carinho, conversa, química, intimidade e presença plena no encontro que vai para além do ato sexual em si. Vale ressaltar que esses aspectos não foram referidos como atrelados a um amor romântico, mas sim a um momento de conexão com troca de energia e a vivência do aqui e agora que podem proporcionar intimidade, mesmo que efêmera. O sexo com conexão também foi resultado da pesquisa de Farvid e Braun (2017), mas os participantes falaram sobre não experienciarem esse prazer no sexo sem compromisso; já no presente estudo, as entrevistadas vivenciaram essa troca e compartilhar em alguns encontros sexuais casuais.

Nesta perspectiva, o sexo casual pode ser pensado como algo passageiro e temporário entre uma relação estável e outra, por faltar a intimidade emocional quando entra em cena a questão da mononormatividade, que reforça uma monogamia compulsória. E, assim, relações monogâmicas são as mais almejadas e o sexo sem compromisso não é considerado uma relação sexual completa (FARVID; BRAUN, 2013). Isso pode manter um conceito rígido sobre a intimidade emocional relacionada à exclusividade sexual, mas talvez nesta pesquisa se mostre o contrário: o sexo sem compromisso pode proporcionar novas formas de intimidade emocional não atreladas à monogamia.

A partir disso, pode-se refletir sobre as transformações da intimidade da teoria de Giddens (1992), que tem uma ideia oposta ao amor romântico, onde a importância está no relacionamento especial e não na pessoa especial — que é o amor confluyente. Além disso, a sexualidade plástica é sobre uma sexualidade independente de objetivos reprodutivos e o sexo casual pode ser uma forma de exploração da

sexualidade em que esses encontros, mesmo que passageiros, podem se libertar das amarras tradicionais e proporcionar novas formas de intimidade para além da monogamia. A presente pesquisa aponta que as relações sexuais casuais estão passando por períodos de mudança e transição sobre a concepção de intimidade emocional, transitando do amor romântico para o confluyente, e assim o sexo sem compromisso pode ser uma alternativa de estilo de vida e experiência sexual completa.

Outros pontos a serem ressaltados são o respeito por parte do parceiro e o vínculo ser sem cobranças, que foram citados por algumas participantes como aspectos prazerosos do sexo casual. A consideração pelo outro e o consenso sobre o ato sexual é essencial, além de não se sentirem cobradas a dar satisfação após o encontro de sexo sem compromisso — e isso tudo é visto como algo leve e espontâneo. As entrevistadas desejam ser respeitadas com o objetivo de terem relações mútuas e igualitárias para que se sintam livres, em especial com relação a não se sentirem cobradas a dar satisfações sobre suas vidas nos encontros sexuais casuais. De acordo com Hime (2008), a mulher contemporânea busca relações mais democráticas, com respeito às diferenças e assim um exercício prazeroso da sexualidade pode possibilitar vivências negociadas, seguras e igualitárias.

Em contrapartida, ao mesmo tempo existem encontros casuais sem conexão que são vistos como relações impessoais e considerados desprazerosos. Neste contexto, o desrespeito foi citado por algumas participantes como um não prazer, que ocorre quando o parceiro de sexo sem compromisso olha para a mulher como se ela fosse um objeto e isso pode despertar sentimentos de vulnerabilidade, exposição e insegurança. Além disso, em alguns casos pode ocorrer uma coerção sexual, que é se sentir forçada a ter relação sexual com o parceiro. Os sentimentos de vulnerabilidade e exposição estão atrelados à coerção sexual e esse foi um risco considerado pelas mulheres participantes da pesquisa de Farvid e Braun (2018), que valorizavam sua segurança física; já os homens priorizavam suas performances sexuais — e isso mostra que os discursos dominantes de gênero ainda permeiam as práticas de sexo casual.

Para mais, a performance sexual, o envolvimento sem conexão, comunicação e intimidade foram vistos pelas entrevistadas deste estudo como algo superficial, artificial, mecânico e sem profundidade no sexo sem compromisso. Nesses encontros impessoais, o parceiro não tem um olhar sobre a mulher, parece não estar presente

no momento e preocupa-se apenas com seu desempenho sexual. É desprazeroso uma relação de sexo casual sem profundidade, que deixa o ato sexual impessoal — e esse resultado corrobora o de Farvid e Braun (2017) sobre não ser prazeroso os encontros mecânicos e vazios em que falta a familiaridade e a conexão emocional com o parceiro.

A superficialidade das relações e a performance sexual podem ser refletidas a partir da teoria de Han (2017): na lógica do desempenho não há lugar para eros e com isso o sexo se tornou mecânico e o corpo um valor expositivo, sem abertura para o encontro com o outro. Com a crescente posituação, perdeu-se a transformação e a vulnerabilidade que eros possibilita e consequentemente, falta o toque, o mistério e o encontro nas relações. Essas relações de consumo corroboram a teoria de Bauman (2004): o outro se tornou descartável numa sociedade em que as relações são líquidas e sem entrega (no sentido de estar vulnerável) e assim o objetivo vira o prazer instantâneo e se esquece da sedução, do êxtase e do mistério na sexualidade, e permanece apenas a performance sexual.

Esta pesquisa mostrou que alguns encontros de sexo sem compromisso que são mecânicos, artificiais e onde o foco está na performance sexual correspondem às ideias de Han (2017) e Bauman (2004), em que não se enxerga o outro na relação, são vínculos de consumo e descartáveis e faltam os toques, as preliminares e a conexão. Neste sentido, pode-se pensar sobre a coerção sexual ocorrer por conta de o parceiro não enxergar a mulher como uma pessoa no encontro, mas sim uma mercadoria para consumo e prazer instantâneo. Nas formas de relações impessoais, não há lugar para a vulnerabilidade e, portanto, não há a entrega — e são esses os aspectos que talvez possibilitem o encontro com o outro, olhar as diferenças e dar lugar à profundidade e intimidade.

Destarte, a relação entre os parceiros de sexo sem compromisso é ambígua: alguns encontros são profundos, íntimos e com conexão; já outros podem ser artificiais, superficiais e mecânicos. As experiências das participantes desta pesquisa parecem entremear entre um e outro, mas elas estão à procura dos prazeres das relações profundas e com conexão. Talvez a transformação da intimidade e a busca por novas formas de intimidade emocional para além da monogamia perpassem por relações mais artificiais e mecânicas, levando em conta que nenhuma mudança é fácil e rápida e pode, muitas vezes, ser compensada para o outro extremo. Além disso a entrega, o lugar para a vulnerabilidade e olhar as diferenças — que podem levar à

profundidade e conexão — são movimentos complexos que requerem coragem e autoconhecimento.

### **8.3 Os mitos da sexualidade por trás dos relatos das entrevistadas sobre o tema do sexo sem compromisso**

Alguns dos principais conceitos da psicologia arquetípica já citados neste estudo serão retomados para dar suporte às reflexões aqui levantadas. Com base nos resultados, é possível afirmar a ambiguidade presente no fenômeno do sexo sem compromisso na vida da mulher contemporânea. É como se elas caminhassem em direção à transformação e libertação das amarras tradicionais, mas essas normas (em especial as hétero e mononormativas) algumas vezes as levam para outra direção.

Por trás desses movimentos psicológicos pode-se refletir sobre algumas forças arquetípicas que estão na base: talvez exista um toque malfazejo de Hera que não suporta aquilo que foge da norma da comunidade dita normal e torna vulgar e grotesco tudo o que não tem a finalidade marital e está fora dos valores familiares das pessoas “decentes” (HILLMAN, 2007, p.15) — levando à margem tudo o que está fora disso. E as figuras míticas que ficam marginalizadas são as de Afrodite, Príapo, Ares, Eros, Psiquê, Volúpia, Hermes, Dioniso, Baubo e Perséfone. Nesta perspectiva, o sexo sem compromisso não faz parte desses valores das pessoas decentes e possivelmente o toque de Hera como imagem arquetípica reverbera nas experiências de sexo casual das participantes, o que leva aos sentimentos paradoxais.

Com isso em mente, o sexo sem compromisso pode ser visto como uma entrada no reino de Afrodite: é a camada brilhante que atrai, fascina e faz gozar por meio dos deleites dos prazeres sensoriais (BARCELLOS, 2019), além da evocação do desejo, da atração e do prazer (HILLMAN, 2007) e é aquilo que transforma em ouro algo do cotidiano (BOLEN, 2016). E os vários aspectos do sexo casual podem ser pensados a partir do entrelaçamento da deusa com outras figuras míticas, como por exemplo Ares — o par pode revelar sobre a atração e a química, que foi um dos prazeres citados pelas participantes. O deus da guerra mostra sobre a coragem de agir e a deusa do amor sobre a paixão e o desejo, e juntos expressam as loucuras das paixões e seus impulsos (BARCELLOS, 2019; PARIS, 1994). Eles são o corpo a corpo e podem, por meio das atrações e da química, mostrar sobre as vivências

arrebatadoras que conectam os parceiros de sexo sem compromisso e experimentam o lugar do impulso, da coragem para agir, do desejo, da sensualidade e da paixão.

Ainda que essas conexões sejam efêmeras, elas podem ser profundas e íntimas quando têm na base a tríade Afrodite, Eros e Psiquê. O trio pode entregar sobre o aprofundamento das relações e o despertar da alma em busca do amor. É sobre a manifestação da iniciação erótica (Eros) que se movimenta da superfície (Afrodite) para o profundo (Psiquê), em busca de vivências com alma. Além disso Eros e Psiquê têm uma filha, a Volúpia, que revela sobre uma vida vivida com prazer (BARCELLOS, 2019). Assim, o sexo sem compromisso pode ser um encontro vivido com alma, profundidade e voluptuosidade, mesmo em sua finitude; ainda, pode levar ao despertar psíquico da mulher e do parceiro para uma vida vivida de forma prazerosa.

Por outro lado, quando as relações sexuais casuais são vazias e sem alma e que a característica é apenas a efemeridade sem profundidade, pode-se pensar sobre a ausência da relação entre as figuras míticas de Afrodite e Adônis. O jovem é símbolo do efêmero e do sem raízes e expressa sobre os amores de verão ou os que não se aprofundam (PARIS, 1994). Ele pode representar uma busca sem limites por prazer sexual. Mas, mesmo que fugaz, ele tem a característica de um lugar de alegria da existência sexual em sua relação com Afrodite; então possivelmente no sexo sem compromisso com encontros superficiais, artificiais e com o foco na performance sexual falte a relação com a deusa — que é o mistério, o desejo e a sedução.

Para mais, na pesquisa de Simão (2017), a autora sugeriu que talvez o sexo sem compromisso fosse um movimento de recuperação do lúdico em oposição aos modelos culturais que prezam pela eficiência, como uma homenagem a Eros, Afrodite, Dioniso e entre outros; porém, a presente pesquisa revela que nem sempre o sexo casual recupera o lúdico e pode também compensar para o outro oposto e se enquadrar na lógica mecanicista e sem alma e, conseqüentemente, levar aos encontros impessoais e artificiais focados na performance sexual.

De outro ponto de vista, com relação à exploração da sexualidade, da liberdade, do novo, da aventura sexual e do espontâneo, pode-se refletir sobre o entrelaçamento de Afrodite com outras figuras míticas que estão na base das experiências de sexo sem compromisso para a mulher. Primeiro Hermes, o deus psicopompo que penetra em lugares desconhecidos em busca de libertação e a sua relação com a deusa pode revelar sobre as formas de viver aventuras e desafios por

meio do riso, do espontâneo e do cômico como jeitos de escapar das repressões e dominações (BRANDÃO, 2012; PARIS, 1994). O par mítico pode apresentar sobre a liberdade do sexo casual por meio da entrada em mundos desconhecidos que levam às aventuras, ao novo e ao espontâneo com o cômico e a risada — o que proporciona leveza às vivências e escape das repressões.

Em segundo lugar, uma outra figura mítica que revela sobre o riso na sexualidade é Baubo, a personificação da vagina. O ato de levantar a saia, mostrar as genitálias e fazer o outro rir revela sobre as gargalhadas que ativam a libido da mulher e acendem o fogo de seu interesse pela vida. Ela é uma deusa suja, ou seja, que vem debaixo da terra e pertence à lama e isso está relacionado a uma sexualidade sagrada. A vivência física do corpo e das emoções despertam o sagrado, o irreverente e o sexual, que estão juntos na psique. O corpo e as emoções geram ondas de prazer que podem conectar a sexualidade e o sagrado (ESTÉS, 1994). Ainda no mito grego, a história de Baubo se entrelaça com Perséfone ou Afrodite Persefessa: Baubo consegue tirar uma risada da triste Deméter para que ela continuasse sua busca pela filha Perséfone. A tríade Afrodite, Perséfone e Baubo pode entregar sobre o despertar do corpo, aprofundamento e sacralidade da sexualidade, onde a mulher descobre suas potências internas, e neste sentido o sexo sem compromisso pode ser um lugar que possibilita a exploração e o conhecimento da sexualidade, e a partir disso a integração do sexual e do sagrado na consciência.

Por último, as histórias de Perséfone e Baubo se encontram com outra figura mítica — Dioniso. O deus do vinho vivia à margem da pólis e seu êxtase estava atrelado à libertação de interditos e tabus (BRANDÃO, 2012). A relação dele com Afrodite nos conta sobre uma união civilizada num corpo selvagem, o que reflete sobre os dois deuses poderem ser pensados como um corpo instintivo e cheio de emoções, que desfruta o prazer do momento (LÓPEZ-PEDRAZA, 2016). Logo, pode ser libertador uma relação de deleite sensorial com o próprio corpo, também instintivo e repleto de emoções. Dessa forma, é possível refletir sobre Afrodite, Hermes, Baubo, Perséfone e Dioniso como as bases arquetípicas da libertação, da exploração sexual e da descoberta da mulher sobre seu próprio corpo, potências internas e sexualidade nas experiências de sexo sem compromisso.

No entanto, como já referido anteriormente, existe o toque de Hera nesses deuses que estão à margem e que logo se tornam vulgares. Os julgamentos que levam aos sentimentos de ambiguidade da mulher no sexo sem compromisso podem

estar atrelados a essa imagem arquetípica do toque malfazejo da deusa do casamento, o que deixa esta prática sexual obscena. É por causa disso que o filho ilegítimo de Afrodite nasce deformado e com o falo agigantado, e revela como a sexualidade penetra de forma torta no casamento e no âmbito do doméstico. Príapo, o deus do jardim e do imaginar pornográfico e lascivo é deixado de lado e se torna grotesco, mas, quando não afundado em vergonhas sexuais, pode revelar sobre o imaginar sexual e erótico e sobre a luxúria que fertilizam a imaginação (BARCELLOS, 2019; HILLMAN, 2007). Assim, para além dos julgamentos e conflitos internos que as participantes experienciam no sexo sem compromisso, pode existir também uma marginalização da imaginação sexual e erótica da mulher.

Com isso, faz-se o questionamento: como ficam essas imaginações no sexo casual? Talvez um imaginar lascivo e erótico possa desmarginalizar os deuses que estão na enormidade de Príapo: Dioniso, Hermes, Afrodite, Eros, Psiquê, Volúpia, Perséfone e Baubo. É necessário um resgate dessas imagens arquetípicas que ficaram de lado numa sociedade que preza pelo desempenho e consumo (BAUMAN, 2004; HAN, 2017) e ainda é repleta de julgamentos. A pluralidade do politeísmo pode ser uma forma de trazer à consciência outros *modus operandi* e formas de ser e estar no mundo, de maneira a trazer mais fluidez, vivacidade e diversidade para o âmbito da sexualidade — o que corrobora a afirmação de Farvid e Braun (2017) sobre a importância de desconstruir as normas através um olhar sobre o tema mais fluido e que promova a igualdade e a diversidade de gênero.

#### **8.4 A sexualidade como parte do processo simbólico da individuação da mulher**

Nesta pesquisa foi possível perceber o fenômeno do sexo sem compromisso como parte do processo de individuação da mulher. Esta parte da discussão retomará alguns conceitos da psicologia junguiana, a fim de refletir acerca desta temática e quais as suas perspectivas na vida da mulher contemporânea. Jung (1928/2018) escreve sobre a individuação ser um processo irracional em que a pessoa se torna única naquilo que ela é, com suas peculiaridades e particularidades. Para isso é necessário caminhar nos percursos entre os conflitos do consciente e do inconsciente; nesses trajetos o indivíduo se depara com os símbolos e por meio deles ocorre a união dos opostos (os conteúdos conscientes e inconscientes). De acordo com Hillman

(1981), o processo de individuação tem também a ideia de diferenciação das imagens arquetípicas e seu conhecimento em suas pluralidades.

De forma geral a sexualidade, em especial o desejo erótico e o prazer sexual, foram deixados de lado nos escritos junguianos sobre o processo de individuação; porém esses aspectos são movimentos da vida psíquica e, portanto, são parte da individuação. Cowan (2007) propõe sobre a ideia de Eros no centro do processo no lugar do Self, visto que sua imagem arquetípica é personificada e pode mostrar sobre o elo entre a alma e o ser humano, que conecta o físico e o emocional e permeia as experiências de prazer, inclusive o sexual. Nesta perspectiva, é possível pensar o sexo sem compromisso como um fenômeno que movimenta a vida psicológica e, portanto, o processo de individuação.

Como já citado anteriormente, o sexo casual é repleto de ambiguidades e desse modo a sua manifestação foi refletida a partir de um perpassar entre as experiências com alma/ conexão e as superficiais/ estéreis. Esta última foi pensada como uma perda do numinoso e a falta de conexão com a imagem arquetípica da prostituta sagrada, da deusa e tudo o que está atrelado a esses aspectos dinâmicos e transformativos vida psicológica.

A falta de relação com a deusa está ligada à separação entre a sexualidade e a sacralidade e, conseqüentemente, à perda do numinoso que é o que confere caráter autônomo aos símbolos que tem forças emocionais significativas. Um olhar meramente reprodutivo e fisiológico sobre a sexualidade, sem levar em conta a sua multiplicidade e totalidade, pode levar à falta do numinoso, o que leva à ausência de sentido de vida e de razão de ser. Por isso, compreender a sexualidade como parte do processo de individuação ajuda a olhar o fenômeno em sua complexidade (GUGGENBÜL-CRAIG, 1980). No sexo sem compromisso, os encontros artificiais, mecânicos e focados na performance sexual podem ser pensados como essa falta de numinoso e sagrado na sexualidade, sem imaginação sexual e conexão, o que torna a experiência sem alma e estéril.

Outro aspecto dessa falta de conexão, é o afastamento da imagem arquetípica da prostituta sagrada que pode ter levado às crenças tradicionais sobre a ideia dicotomizada da mulher: a santa ou a prostituta. Com isso, a natureza sensual e sexual da mulher foi demonizada e isso reverbera até os dias de hoje na experiência da mulher e influencia a sua relação com o seu corpo, a identidade sexual e o sagrado (QUALLS-CORBETT, 1990). Os julgamentos moralistas sobre o erótico são pensados

por Cowan (2007) pelo fato de se enquadrarem em polaridades excludentes de corpo e alma e corpo e espírito, sendo difícil pensar moralidade e prazer sexual juntos.

E com isso em mente, os julgamentos podem estar atrelados ao medo do erotismo e da sexualidade, que revela sobre o medo do desconhecido e do misterioso — que são aspectos numinosos (MOORE, 1999). Entretanto, o motivo disso pode ser por conta da confusão que se faz da transgressão psicológica (relacionada ao erotismo) com a moral, onde a primeira está ligada à sensação de liberdade que o ato sexual exige, o que pode levar à rejeição de padrões antigos, e isso é confundido com a moralidade (BATAILLE, 2017) — e talvez esse seja um dos motivos dos relatos sobre o julgamento das entrevistadas que praticam sexo casual: existe esse olhar de rejeição de padrões antigos como uma transgressão moral e não psicológica.

Mas Moore (1999) propõe uma moralidade com alma como um caminho do meio, baseada em Eros e como um rito de passagem que dá espaço à sabedoria da experiência, que torna possível vivenciar experiências profundas. Desse modo, propõe-se pensar sobre uma moralidade com alma nos significados atribuídos ao sexo sem compromisso que aprofunde e dê espaço à sabedoria da mulher sobre a sua vida sexual e talvez possam diminuir os julgamentos. Além disso, a moralidade com alma pode ser pensada como um percurso de desconstrução dos julgamentos e ir em busca do auto acolhimento: pensar mais em si mesma, em seu prazer, desejo e não se preocupar com o que os outros vão pensar delas.

Neste caminho é importante uma sexualidade mais falada, aproveitada e não escondida, e esse pode ser o começo da tomada de consciência da mulher sobre as atitudes que a ferem e reprimem e que, segundo Qualls-Corbett (1990), pode levar a mulher a experimentar a beleza de seu corpo e sua sexualidade, favorecendo o processo de individuação. As participantes desta pesquisa parecem estar vivendo esse momento de tomada de consciência, onde estão abertas às transformações mesmo com as mesclas dos padrões antigos e contemporâneos que permeiam suas vivências sexuais.

Com isso, a conexão entre os parceiros de sexo sem compromisso pode ser pensada como um despertar psíquico quando são vivenciadas com alma. Moore (1999) aborda sobre como estão intrínsecos vida sexual e alma, onde as práticas sexuais com alma são aquelas ligadas aos toques, preparações e preliminares, com profundidade por meio da dedicação, do respeito, da imaginação e da presença plena. O autor ressalta que é preciso de mais sexo, e não menos, mas relações sexuais com

mais alma que não separem o corpo físico das emoções. Neste sentido, a presente pesquisa mostrou que o sexo sem compromisso pode dar um lugar a Eros e conectar o corpo e as emoções quando os encontros são com troca, conexão, respeito e presença — e assim, profundas e com alma. A partir disso fica a reflexão sobre a necessidade de explorar mais sobre a imaginação e as fantasias sexuais, que podem trazer experiências com alma e profundidade.

### **8.5 Amplificação dos símbolos do sexo sem compromisso**

Nesta parte serão discutidos os símbolos trazidos pelas participantes, que serão amplificados a partir da psicologia junguiana e arquetípica. Por primeiro serão abordados os símbolos atrelados à relação com os parceiros, citados por três entrevistadas: (1) revelam os aspectos de intimidade, prazer e química dos encontros casuais; (2) a descoberta de si mesma e suas potências internas por meio dessas relações sem compromisso; e (3) a união das imagens da santa e da prostituta dentro de si mesma, por meio de vivências de prazer e espontaneidade com o parceiro de sua relação estável atual — mas que para a entrevistada representava o sexo casual.

Esses símbolos podem ser amplificados a partir do conceito do matrimônio sagrado ou da *coniunctio*, que no processo de individuação consistem na união dos opostos. A imagem simbólica é o casamento ou o intercuro sexual da Lua e do Sol, e a fenomenologia desse símbolo permeia um Eros que é adesivo e mantém a união como se fosse uma cola que transforma. O encontro na *coniunctio* é como se fosse uma mistura de substâncias diferentes que se conectam e se transformam (EDINGER, 2006). Essa união pode ser metaforicamente pensada acontecendo no mundo interno e externo. No último, a junção pode ocorrer na conexão com o parceiro de sexo casual, já no primeiro seria no encontro entre conteúdos conscientes e inconscientes. O processo de individuação envolve a sexualidade e, portanto, não ocorre apenas no âmbito espiritual, mas também no corpo. Sendo assim, o sexo pode ser uma forma de a mulher integrar à sua consciência os aspectos mais inconscientes e reprimidos de sua vida.

Outra amplificação simbólica é pensar o parceiro como relacionado à visita do estranho ao templo da deusa. Ele era alguém de fora que instigava a mudança e esse estranho pode literalmente ser um homem desconhecido na vida da mulher, que por meio da relação com ele e o seu olhar sobre ela, desperta os aspectos dinâmicos,

instintivos e eróticos da prostituta sagrada. Neste sentido, o estranho pode ser simbolicamente visto como o animus da mulher que a conduz para os aspectos da criatividade e do discernimento, é uma imagem encarregada da iniciação da mulher nos mistérios sexuais e a conscientização de sua potência. Esse movimento pode trazer vida para a vida da mulher, o que a leva a um autoconhecimento pessoal e sexual e se libertar da culpa e da vergonha dos julgamentos e normas sociais (QUALLS-CORBETT, 1990).

Levando isso em conta, as mulheres desta pesquisa revelaram que o sexo sem compromisso foi uma oportunidade de exploração e conhecimento sobre si mesmas e suas sexualidades: descobertas de partes do corpo ou posições sexuais que dão prazer, ou passaram a se ver como mulheres sedutoras e descobriram suas forças internas voltadas à sexualidade. Em resumo, elas se viram como mulheres donas de si. Da perspectiva da psicologia analítica, essas explorações podem ser refletidas a partir da imagem arquetípica da prostituta sagrada, que revela uma faceta instintiva, erótica, criativa, dinâmica, transformativa e fértil da mulher. Isso pode trazer uma consciência integrada sobre o corpo e a própria sexualidade e, portanto, sobre a descoberta de sua potência interna. Outro aspecto dessa imagem é a da virgindade do feminino, que significa ser uma-em-si-mesma, ou seja, não pertencer a nenhum homem e agir conforme seus desejos e tomar decisões sem submissão ou sentimentos de inferioridade (QUALLS-CORBETT, 1990).

Com isso, o sexo sem compromisso pode ser para a mulher um caminho de libertação dos tabus e estar em contato com seu corpo instintivo e imaginal. Nesse processo de exploração, é por meio da descoberta dos prazeres e das preferências sexuais que é possível olhar para onde a alma a leva e quais são os obstáculos de cada um, além de estimular a imaginação sexual (MOORE, 1999). Ademais, pode-se pensar o sexo casual como uma oportunidade de a mulher integrar à consciência o sagrado, como uma maneira de aprender a se relacionar com os aspectos mais reprimidos ou inconscientes de sua vida e, por meio do processo de individuação, dar lugar às imagens arquetípicas da prostituta sagrada, da visita do estranho (ou o animus), e dos outros deuses já referidos nesta pesquisa — Afrodite, Hermes, Dioniso, Príapo, Baubo, Perséfone, Ares, Eros, Psiquê e Volúpia.

Sobre os outros símbolos do sexo sem compromisso, as participantes trouxeram a imagem de uma mulher sexualmente livre, independente, corajosa, autêntica, empoderada, que não se preocupa com a opinião dos outros e está em

busca do seu prazer. Ela é dona de si — sua imagem reflete as cantoras Anitta e Lady Gaga, as personagens de série Malu e Samantha e amigas que exploram a sexualidade e a vivem de forma tranquila, espontânea e natural. Neste contexto nasce uma mulher livre — associada ao nascimento de Lilith, Afrodite e Volúpia por uma das entrevistadas — que se descobre, liberta-se e se permite ter prazer e fantasias sexuais, além de estar presente nos encontros de sexo casual com trocas e conexões.

Este símbolo do (re)nascimento da mulher livre ou o seu despertar por meio da experiência do sexo sem compromisso, revela sobre o caminho de Afrodite como a expressão de sua beleza audaciosa e singular que dissolve as rigidezes e as normas (PARIS, 1994), transforma as experiências cotidianas em ouro com o olhar apaixonado e assim criador (BOLEN, 2016). E a deusa do amor, bem como Lilith e Perséfone são símbolos que desafiam as normas e mostram sobre as transformações criativas que movimentam um nascimento em busca da liberdade, especialmente a sexual.

As várias relações de Afrodite com as outras figuras míticas aqui apresentadas expressam sobre os diversos fenômenos da experiência do sexo sem compromisso para a mulher, tais como: descobrir e explorar o corpo instintivo, imaginal e as potências internas, assim como o prazer, os desejos e as fantasias sexuais; experimentar as atrações e as libertação dos interditos e tabus; estar em contato com o fogo do interesse pela vida e, logo, os aspectos sagrados da sexualidade; poder ter relações férteis, com intimidade, troca e conexão. Portanto, de forma geral esses símbolos perpassam as facetas dinâmicas, eróticas e transformativas da mulher, o que leva ao seu despertar e resgata uma sexualidade com alma que é fértil e criativa.

A marginalização das imagens arquetípicas mencionadas nesta pesquisa — Afrodite, Príapo, Perséfone, Baubo, Dioniso, Hermes, Ares, Eros, Psiquê, Volúpia, prostituta sagrada e a visita do estranho — que parecem não ter lugar na sociedade do consumo, do desempenho, da exposição e da positividade (HAN, 2017), além dos julgamentos e das crenças tradicionais ainda intrínsecos nas vivências sexuais da mulher (QUALLS-CORBETT, 1990); apesar disso tudo, o sexo sem compromisso pode ser uma forma de resgatar uma sexualidade sagrada e com alma e que possibilita encontros com conexão e profundidade.

Em todo caso, a experiência do sexo sem compromisso mostrou a mescla dos padrões não apenas tradicionais/ contemporâneos, mas também das vivências superficiais/ profundas, o que explica a ambiguidade do fenômeno estudado. E talvez

essas vivências sempre possuam essa característica ambígua, afinal as experiências humanas são paradoxais; entretanto, espera-se que o todo e a sua diversidade sejam reconhecidos, ou seja, que as imagens arquetípicas marginalizadas possam também ser consagradas. Talvez a exploração dos prazeres do corpo e a descoberta das fantasias sexuais possam ser uma forma de abertura aos deuses deixados de lado.

E com isso em mente, propõe-se um olhar para a sexualidade feminina e a imagem da mulher como miríades ou nuances e não polaridades opostas — como as experiências mecânicas *versus* as profundas ou a santa *versus* a prostituta — e esse pode ser um caminho de abertura à pluralidade, que leva a sexualidade a ser vivida de modo diverso e fluido. A partir disso, a imagem da mulher dentro da sexualidade também pode ser vista para além da santa ou da prostituta e agregar outros aspectos, abrindo espaço para as Penélopes, Tinderelas, as heroínas, as camaleões, as donas de si e entre várias outras.

Sendo assim, o reconhecimento e a diferenciação de cada uma dessas imagens podem levar ao despertar da mulher sobre si mesma e à própria sexualidade em suas pluralidades, sendo o plural e o diverso parte de uma consciência politeísta e, logo, pagã. Por isso, para finalizar a discussão se encerra parafraseando Rita Lee<sup>12</sup> que canta “sexo é pagão”.

---

<sup>12</sup> Trecho retirado da música “Amor e Sexo” (2003) da cantora Rita Lee.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa cumpriu com o objetivo de compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso pela mulher jovem e urbana, apresentando os resultados em consonância com a abordagem teórica utilizada. Os resultados levantados evidenciaram os movimentos rumo à livre expressão e vivência da sexualidade feminina e à mulher dona de si que explora os prazeres do corpo e quer se conhecer sexualmente. Todavia, existe uma mescla entre padrões antigos e contemporâneos e entre vivências profundas e superficiais que estão presentes nas experiências de sexo sem compromisso e, portanto, influenciam na compreensão das mulheres jovens e urbanas acerca desta prática sexual.

A ambiguidade e o duplo padrão sexual são aspectos em destaque nas vivências de sexo casual da mulher: existe uma busca por prazer e liberdade sexual e ao mesmo tempo, explícita ou implicitamente, há também uma busca por um amor romântico ou por um relacionamento com compromisso. Isso mostra que as normas sociais de acordo com o gênero ainda reverberam nos comportamentos sexuais das mulheres contemporâneas e estão presentes nas suas vivências (des)prazerosas.

O prazer das participantes na relação consigo próprias está voltado à liberdade sexual, independência e exploração da sexualidade, que é quando se sentem donas de si. Por outro lado, o desprazer vivido é o julgamento como um conflito interno e com influências familiares, sociais e culturais. Os julgamentos relatados mostraram que aparentemente persiste a ideia de que existem mulheres para ter relações sexuais e mulheres para casar (a santa e prostituta), o que revela nas entrelinhas das vivências de sexo sem compromisso uma imagem dicotomizada da mulher. Outro aspecto também é o conjunto de códigos sociais — é menos julgada aquela que pratica sexo casual ocasionalmente e é mais exigente na escolha dos parceiros — que foram percebidos nas práticas subjacentes ao sexo sem compromisso das participantes desta pesquisa.

Sendo assim, os encontros mais frequentes foram os de *fuck buddies* e *friends with benefits*, pois existe uma preferência por um conhecimento prévio dos parceiros e, portanto, a prática menos frequente foi a de *one night stand*. Refletiu-se também sobre dois aspectos que podem envolver essa questão: a mononormatividade e o sexo com conexão. O primeiro envolve uma monogamia compulsória e por isso o sexo sem compromisso pode não ser considerado uma experiência sexual completa e sim

algo passageiro entre uma relação e outra. Seguindo esta lógica, o sexo com conexão pode estar atrelado às relações sexuais apenas com compromisso.

Entretanto, nesta pesquisa foi percebido um movimento contrário, em que o sexo sem compromisso pode proporcionar novas formas de intimidade emocional não atreladas à monogamia e ser uma alternativa de estilo de vida e experiência sexual completa — existe conexão com o parceiro mesmo em sua efemeridade. Esta reflexão surgiu a partir dos resultados sobre os aspectos prazerosos e desprazerosos na relação com o parceiro de sexo sem compromisso. Foi considerado um prazer os encontros com conexão, intimidade e presença plena — onde esses aspectos não são atrelados ao amor romântico, mas sim ao momento de troca de energia e à vivência do aqui e agora. Com isso, pensou-se sobre como o sexo casual pode ser parte de uma passagem do amor romântico ao amor confluyente, transição essa que envolve a transformação na concepção de intimidade emocional para além da monogamia.

Por outro lado, os desprazeres trazidos pelas participantes foram relacionados aos encontros sem conexão e intimidade, que foram vistos como superficiais, impessoais, mecânicos e com o foco na performance sexual. Nessas vivências, aparentemente as relações são vistas numa lógica de consumo e sem espaço para a vulnerabilidade, o diferente e o encontro com o outro. Assim, o objetivo vira o prazer instantâneo, porém é justamente a entrega e estar vulnerável que podem possibilitar o encontro com o outro, olhar as diferenças e dar lugar à profundidade e intimidade.

Talvez as relações superficiais sejam uma compensação em relação aos encontros profundos e esse movimento pode ser parte da transformação da intimidade e da busca por novas formas de intimidade emocional além da monogamia. Para mais, olhar o diferente, entregar-se e dar lugar à vulnerabilidade — que podem levar a relações mais íntimas e profundas — são movimentos complexos e que requerem coragem e autoconhecimento.

De modo geral, ainda que as amarras tradicionais permeiem as experiências de sexo sem compromisso da mulher, existe um movimento em direção à desconstrução dos julgamentos e das normas hétero e mononormativas. Parece existir uma abertura da mulher às transformações e ao acolhimento de si mesmas, suas escolhas e sexualidades. Dessa forma, este estudo percebeu a necessidade de um olhar plural, de contrastes e nuances (no lugar de polaridades opostas) para a sexualidade feminina, o que pode levar a uma vivência diversa, fluida e liberta.

No que tange à psicologia analítica, é possível pensar esses movimentos de transição como uma abertura a algumas imagens arquetípicas marginalizadas e símbolos do presente tema — a prostituta sagrada e a visita do estanho, Afrodite, Príapo, Perséfone, Baubo, Dioniso, Hermes, Ares, Eros, Psiquê e Volúpia — o que dá assim mais leveza ao toque de Hera que deixa vulgar o que está fora da norma. Esse toque da deusa do casamento pode ser o que leva aos aspectos da ambiguidade do fenômeno estudado, porém as experiências humanas são paradoxais e, portanto, o ambíguo pode estar presente.

Nesses casos, o que se espera é que o todo e as suas diversidades sejam reconhecidos e tenham espaço para suas expressões, em especial na sexualidade. Refletiu-se sobre como a exploração e o conhecimento dos prazeres do corpo e das imaginações sexuais podem abrir espaço às imagens arquetípicas que estão à margem na cultura ocidental, considerando que talvez o imaginar lascivo e erótico possam aproximá-las. Para isso, sugere-se futuros estudos de caráter qualitativos e/ou interventivos que aprofundem sobre o autoconhecimento sexual da mulher e as suas fantasias sexuais.

Além disso, vale ressaltar que esta pesquisa se limitou ao estudo de mulheres jovens adultas, urbanas, heterossexuais e com escolaridade de nível superior. Portanto, sugere-se ainda investigações que explorem as compreensões dos significados atribuídos ao sexo sem compromisso de outras populações, tais como: mulheres de meia-idade ou idosas, de zonas rurais ou periféricas, bissexuais ou homossexuais e com outros níveis de escolaridade. Investigar outras populações pode auxiliar no entendimento amplo sobre a temática.

Para a prática clínica junguiana, a partir do presente estudo, propõe-se trabalhos com grupos ou atendimentos individuais de mulheres, com uma escuta que vai além do que é conscientemente expresso e que possa abrir espaço à pluralidade das imagens arquetípicas que muitas vezes ficam reprimidas. As suas manifestações envolvem os símbolos do fenômeno estudado, os quais têm papel importante nos encontros de sexo sem compromisso, para a sexualidade da mulher e os seus (des)prazeres. Em vista disso, é possível realizar um trabalho clínico com amplificação dos símbolos, que podem aparecer em sonhos ou ainda trazer e explorar com as pacientes os mitos, por exemplo, de Afrodite — isso pode auxiliar no processo de individuação e despertar da mulher sobre si mesma e a própria sexualidade, o que dá lugar às outras mulheres que habitam em nós para além da santa e da prostituta.

Este trabalho se encerra aqui, mas não as suas reflexões, discussões e a busca pela pluralidade. A transição para a era da diversidade é um movimento contínuo que precisa ser olhado e cuidado, por isso devemos estar sempre atentos. São caminhos que requerem autoconhecimento, acolhimento e coragem — cuja etimologia significa agir com o coração. Por isso, que ajamos com o coração em busca da diversidade, da liberdade e de vivências com alma e profundidade. Finalizo com um trecho do poema que escrevi e que transpassou todo este trabalho:

Chegar na vida vivida com prazer  
Na volúpia  
A filha fruto do amor e da alma

Ser mulher de si  
Não com dedos que apontam e julgam  
Mas dedos que acolhem e acariciam  
(A autora, 2020)

## REFERÊNCIAS

- AUFRANC, Ana Lia B. Expressões da Sexualidade: um olhar junguiano. **Junguiana**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 37-48, jan./jun. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-08252018000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000100007). Acesso em: 9 jul. 2020.
- BARCELLOS, Gustavo. **Mitologias Arquetípicas**: figurações divinas e configurações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BASSON, Rosemary. The Female Sexual Response: a different model. **Journal of Sex & Marital Therapy**, Londres, v. 26, n. 01, p. 51-65, jan./mar. 2000. DOI: 10.1080/009262300278641. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10693116/>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BLACKLEDGE, Catherine. **A História da V**: abrindo a caixa de pandora. São Paulo: Editora DeGustar, 2003.
- BOECHAT, Walter F. Sexualidade, Temporalidade, Literatura: um estudo simbólico da obra *As Brasas*, de Sándor Márai. In: SALLES, Carlos Alberto Corrêa; MELO, Jussara Maria de Fátima César (Org.). **Sexualidade e Individuação**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2007. Cap. 05, p. 93-100.
- BOLEN, Jean Shinoda. **As Deusas e a Mulher**: nova psicologia das mulheres. São Paulo: Paulus, 2016.
- BOTTICELLI, Sandro. **Nascita di Venere**, 1483/1485. 1 original de arte, pintura de têmpera sobre tela, 172,5cm x 278,9cm. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/sandro-botticelli/the-birth-of-venus-1485>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. v. 2.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using Thematic Analysis in Psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 9 jul. 2020.
- CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara. Corpo e Sexualidade da Mulher Brasileira. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Org.). **A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. Cap. 06, p.75- 86.

CLAXTON, Shannon E.; VAN DULMEN, Manfred H. M. Casual sexual relationships and experiences in emerging adulthood. **Emerging Adulthood**, Londres, v. 1, n. 2, p.138-150, 2013. DOI: 10.1177/2167696813487181. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2014-16932-005>. Acesso em: 02 jun. 2020.

COLLIER, John. **Lilith with a snake**, 1886. 1 original de arte, óleo sobre tela, 194cm x 104cm. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/john-collier/lilith-com-uma-cobra-1886>. Acesso em: 23 jun. 2021.

COLOMBO, Sandra F. *et al.* Do Amor e seus Contratos: infidelidade, traição, relações extraconjugais. *In*: MEIRELLES, Valéria (Org.). **Mulher do Século XXI**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2008. Cap. 01, p. 01-16.

COWAN, Lyn. Quando Eros retorna. *In*: SALLES, Carlos Alberto Corrêa; MELO, Jussara Maria de Fátima César (Orgs.). **Sexualidade e Individuação**. 1ed. São Paulo: Vetor, 2007. Cap. 12, p. 160-196.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2014.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (ed.). **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

EDINGER, Edward F. **Anatomia da Psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 2006.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os Lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAHS, Breanne. Coming to power: women's fake orgasms and best orgasm experiences illuminate the failures of (hetero)sex and the pleasures of connection. **Culture, Health and Sexuality**, Londres, v. 16, n. 8, p. 974-988, jun. 2014. DOI: 10.1080/13691058.2014.924557. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24939172/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

FARIA, Durval Luiz. **O Pai Possível**: conflitos da paternidade contemporânea. São Paulo: Educ; Fapesp, 2003.

FARIA, Durval Luiz. Os Caminhos da Mulher na Contemporaneidade. *In*: FARIA, Durval Luiz (Org.). **Feminino, Masculino e Relacionamento Amoroso**: uma leitura junguiana. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2016. Cap. 02. *E-book* em Kindle.

FARVID, Panteá; BRAUN, Virginia. Casual sex as 'not a natural act' and other regimes of truth about heterosexuality. **Feminism & Psychology**, África do Sul, v. 23, p. 359-378, abr. 2013. DOI: 10.1177/0959353513480018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0959353513480018>. Acesso em: 24 jan. 2021.

FARVID, Panteá; BRAUN, Virginia. Unpacking the "pleasures" and "pains" of heterosexual casual sex: beyond singular understandings. **The Journal of Sex**

**Research**, Auckland, v. 54, n. 1, p. 73-90, jan. 2017. DOI: 10.1080/00224499.2016.1143442. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27049595/>. Acesso em: 16 jan. 2021.

FARVID, Panteá; BRAUN, Virginia. “You worry, ‘cause you want to give a reasonable account of yourself”: gender, identity management, and the discursive positioning of “risk” in men’s and women’s talk about heterosexual casual sex. **Archives of Sexual Behaviour**, Suíça, v. 47, n. 5, p. 1405-1421, jul. 2018. DOI: 10.1007/s10508-017-1124-0. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29600396/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

FARVID, Panteá; BRAUN, Virginia; ROWNEY, Casey. ‘No Girl wants to be called a slut!’: women, heterosexual casual sex and the sexual double standard. **Journal of Gender Studies**, Londres, v. 26, n. 5, p. 544-560, mar. 2017. DOI: 10.1080/09589236.2016.1150818. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09589236.2016.1150818>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Lígia Baruch de. **Tinderelas**: busca amorosa por meio de aplicativo para smartphones. 2016. 191 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18981>. Acesso em: 9 jul. 2020.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GARCIA, Justin R.; REIBER, Chris.; MASSEY, Sean G; MERRIWETHER, Ann M. Sexual hook-up culture: a review. **Review of General Psychology**, Canadá, v. 16, n. 2, p. 161-176, 2012. DOI: 10.1037/a0027911. Disponível em: <https://www.apa.org/monitor/2013/02/sexual-hookup-culture.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2020.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. **O Casamento está Morto, Viva o Casamento!** São Paulo: Símbolo, 1980.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HILLMAN, James; SHAMDASANI, Sonu. **Lamento dos Mortos**: a psicologia depois de O Livro Vermelho de Jung. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HILLMAN, James. **Estudos de Psicologia Arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

HILLMAN, James. Loucura cor de rosa, ou por que Afrodite leva os homens à loucura com pornografia? **Cadernos Junguianos**, São Paulo, n. 3, p. 7-35, 2007.

HILLMAN, James. **Suicídio e Alma**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HIME, Flávia. Sexualidade da mulher. *In*: MEIRELLES, Valéria (Org.). **Mulher do Século XXI**. 1 ed. São Paulo: Roca, 2008. Cap. 15, p.187-200.

HITE, Shere. **The Hite Report**: a nationwide study of female sexuality. New York: Dell Publishing, 1976.

IMPERATRICE, Marisa Horta. O falar da alma nas disfunções sexuais. **Revista Self**, São Paulo, v.1, p. 1-7, out. 2016. DOI: 10.21901/2448-3060/self-2016.vol01.0007. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/7>. Acesso em: 9 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Classificação e Caracterização dos Espaços Rurais e Urbanos do Brasil**: uma primeira aproximação. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf> . Acesso em: 24 mai. 2021.

JOTA, Fernanda Schieber Saúde Vilas Boas de Oliveira. **Entre o Escrito e o Dito**: dilemas da subjetividade feminina na contemporaneidade: o sexo casual em análise. 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Coordenadoria de Pós- Graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3463>. Acesso em: 9 jul. 2020.

JUNG, Carl Gustav. O problema amoroso do estudante. *In*: **Civilização em Transição**, O.C. 10/3. Petrópolis, RJ: Vozes, 1927/2011.

JUNG, Carl Gustav. Individuação. *In*: **O eu e o Inconsciente**, O.C. 7/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1928/2018.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. O.C. 9/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1951/2014.

JUNG, Carl Gustav. Símbolos e Interpretação dos Sonhos. *In*: **A Vida Simbólica**, O. C. 18/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1957/2013.

KAPLAN, Helen Singer. **A Nova Terapia do Sexo**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1974.

KERÉNYI, Karl. **A Mitologia dos Gregos**: vol. I a história dos deuses e dos homens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KOBAYASHI, Cristiani; REIS, Andréia Silva. Início da atividade sexual de mulheres jovens: questionando sua satisfação e preferências. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 65, n. 143, p. 123-130, jul. 2015. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0006-59432015000200002&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0006-59432015000200002&lng=pt&nrm=isso). Acesso em: 15 jul. 2020.

KOONS, Jeff. **Lady Gaga's ARTPOP Album Cover**, 2013<sup>13</sup>. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/jeff-koons/lady-gaga-s-artpop-album-cover-and-exhibited-artwork-at-gaga-s-artrave-in-the-brooklyn-navy-yard-2013>. Acesso em: 23 jun. 2021.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Dioniso no Exílio**: sobre a repressão da emoção e do corpo. São Paulo: Paulus, 2016.

MARCO, Mario Alfredo *et al.* **Psicologia Médica**: abordagem integral do processo saúde-doença. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MASTERS, William H.; JOHNSON, Virginia E. **A Resposta Sexual Humana**. São Paulo: Roca, 1984.

MÖLLER, Cínthia Vieira; ANDRADE, Celana Cardoso. A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 1, p.8-17, jun. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100003). Acesso em: 15 jul. 2020.

MOORE, Thomas. **A Alma do Sexo**: cultivando a vida como um ato de amor. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

MORAES, Noely Montes. A condição feminina e os relacionamentos amorosos sob o enfoque da psicologia analítica. *In* Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC-SP, n.13, São Paulo, 2015. Disponível em: [https://www5.pucsp.br/jung/portugues/simposios\\_eventos/apresentacao-no-simposio-de-psicologia-analiticassite-rvhc.pdf](https://www5.pucsp.br/jung/portugues/simposios_eventos/apresentacao-no-simposio-de-psicologia-analiticassite-rvhc.pdf). Acesso em: 29 jun. 2021.

MUHANGUZI, Florence Kyoheirwe. "Sex is sweet": women from low-income contexts in Uganda talk about sexual desire and pleasure. **Reproductive Health Matters**, Londres, v. 23, n. 46, p. 62-70, dez. 2015. DOI: 10.1016/j.rhm.2015.11.012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1016/j.rhm.2015.11.012>. Acesso em: 16 jul. 2020.

OPPERMAN, Emily; BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria; ROGERS, Cassandra. "It feels so good it almost hurts": young adults' experiences of orgasm and sexual pleasure. **Journal of Sex Research**, Auckland, v. 51, n. 5, p. 503-5015, 2014. DOI: 10.1080/00224499.2012.753982. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2014-21735-004>. Acesso em: 16 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Growing in Confidence**: Programming for Adolescent health and Development – Lessons from eight countries. Edição Peter McIntyre. Oxford: Department of Child and Adolescent Health and Development,

---

<sup>13</sup> Obra reproduzida e citada de acordo com as diretrizes do *Fair Use*, para fins educacionais.

2002. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/67187>. Acesso em: 22 mar. 2020.

PARIS, Ginette. **Meditações Pagãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PATERSON, Laurel Q. P. *et al.* Gender similarities and differences in sexual arousal, desire, and orgasmic pleasure in the laboratory. **The Journal of Sex Research**, Auckland, v. 51, n. 7, p. 801-813, mar. 2014. DOI: 10.1080/00224499.2013.867922. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24588445/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

PAULINO, Maria Helena Marzabal. Mulher e Amor na Era da Internet. *In*: MEIRELLES, Valéria (Org.). **Mulher do Século XXI**. 1 ed. São Paulo: Roca, 2008. Cap. 03., p.27- 42.

PEDERSEN, Willy; TUTENGES, Sébastien; SANDBERG, Sveinung. The pleasures of drunken one-night stands: assemblage theory and narrative environments. **International Journal of Drug Policy**, Austrália, v. 49, p.160-167, 2017. DOI: 10.1016/j.drugpo.2017.08.005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/319452137\\_The\\_pleasures\\_of\\_drunken\\_on\\_e-night\\_stands\\_Assemblage\\_theory\\_and\\_narrative\\_environments](https://www.researchgate.net/publication/319452137_The_pleasures_of_drunken_on_e-night_stands_Assemblage_theory_and_narrative_environments). Acesso em: 17 jul. 2020.

PENNA, Eloisa M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, v.16, n. 3, p. 71-94, set. 2005. DOI: 10.1590/S0103-65642005000200005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/TNM3RqWw3krC4NhQSKV3cWC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 fev. 2020.

QUALS-CORBETT, Nancy. **A Prostituta Sagrada**: a face eterna do feminino. São Paulo: Paulinas, 1990.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XX ou carta de alforria. *In*: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Org.). **A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. Cap. 03, p.31- 42.

RAMOS, Vera; CARVALHO, Cláudia Constante; LEAL, Isabel Pereira. Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: a hipótese do duplo padrão sexual. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 23, n. 2, p. 173-185, abr. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0870-82312005000200008&lng=pt&nrm=.pf](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0870-82312005000200008&lng=pt&nrm=.pf). Acesso em: 9 jul. 2020.

RIOS, Gladys Janeth; WAHBA, Liliana Liviano. Migrar, morar em república... namorar? *In*: FARIA, Durval Luiz de (Org.). **Feminino, Masculino e Relacionamento Amoroso**: uma leitura junguiana. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2016. Cap. 04. *E-book* em Kindle.

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas**: o feminino através dos tempos. São Paulo: Aleph, 2019.

SALIARES, Ellen *et al.* Sexually experienced adolescents' thoughts about sexual pleasure. **The Journal of Sex Research**, Auckland, v. 54, n. 4-5, p. 604-618, jun. 2017. DOI: 10.1080/00224499.2016.1170101. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5724765/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

SIMÃO, Juliana Bonetti. “**A Gente Se Vê Por Ai...**” **Motivações, Atitudes e Comportamentos de Homens e Mulheres Heterossexuais Adultos Sobre o Sexo Sem Compromisso**. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19854/2/Juliana%20Bonetti%20Sim%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2020.

TEJADA, Dulce Maria Galarza *et al.* “Te quiero... para una vez” representaciones sociales del "sexo sin compromiso" en jóvenes mexicanos. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 28, p.116-135, abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.28.07.a>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-64872018000100116&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872018000100116&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 2 jun. 2020.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista PMKT**, São Paulo, v. 3, p. 20-27, 2009. Disponível em: [http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista\\_PMKT\\_003\\_02.pdf](http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003_02.pdf). Acesso em: 15 jul. 2020.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol. Introdução: as mulheres brasileiras no século XXI. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Org.). **A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. Cap. 02, p.15- 30.

VIEIRA, Kay Francis Leal *et al.* Representação social das relações sexuais: um estudo transgeracional entre mulheres. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 2, p.329-340, abr./jun. 2016. DOI: 10.1590/1982-3703001752013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/tnnBmB6vVRFvNNsPxxHtNVs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 10 jul. 2020.

WEAVER, Angela D.; MACKEIGNAN, Kelly L.; MACDONALD, Hugh A. Experiences and perceptions of young adults in friends with benefits relationships: a qualitative study. **The Canadian Journal of Human Sexuality**, Toronto, v. 20, n. 1-2, p. 41-53, jan. 2011. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2011-15671-005>. Acesso em: 16 jul. 2020.

WENTLAND, Jocelyn J.; REISSING, Elke. Casual sexual relationships: identifying definitions for one-night stands, booty calls, fuck buddies, and friends with benefits. **The Canadian Journal of Human Sexuality**, Toronto, v. 23, n.3, p. 167-177, dez. 2014. DOI: 10.3138/cjhs.2744. Disponível em: <https://utpjournals.press/doi/full/10.3138/cjhs.2744>. Acesso em: 30 jul. 2020.

## ANEXOS

### APÊNDICE A – Questionário para caracterização de perfil das participantes

1. Idade;
2. Cidade em que reside atualmente;
3. Estado civil;
4. Escolaridade;
5. Profissão;
6. Religião;
7. Atualmente está em um relacionamento estável?
8. É ou era praticante do sexo sem compromisso?
  - a. Se ainda pratica, quando começou? Ocorre com qual frequência?
  - b. Se era praticante do sexo sem compromisso, quanto tempo durou e qual era a frequência? Por que não pratica mais?

## APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista Semidirigida

### Primeira etapa: Aquecimento

Antes de iniciar a entrevista, vou ler um poema para descontrair e estimular a sua imaginação e dar espaço aos seus sentimentos e intuições:

#### DEDOS, DORES E DELEITES EM SER MULHER

O dedo acusador das “boas meninas” e “mulheres decentes”  
Das (im)pecáveis e perfeitas  
Dos estreitos princípios do casamento e “bons” costumes

Senta igual menina  
Cobre essas pernas  
Vai sair com esse decote?

Não fale alto  
Não seja arroz de festa  
Não vai se arrumar?

Acusam e apontam para as foras da curva  
A imunda  
Essa é puta!

O mesmo dedo que Hera aponta na barriga de Afrodite grávida  
Dedo que aponta e julga  
Tenta conter e deter o fora do padrão

Dedo esse que faz o filho bastardo ser disforme  
O gigante pênis de Príapo  
O sexo rejeitado, que (não) querem vê-lo

É um diferente difícil de ver  
Mas que dá vontade de olhar  
E se perder

Afinal, é filho do êxtase e do prazer  
Forças do querer que tomam conta  
Invadem e desnudam a nudez cheia de pudores

Separam as grudadas mãos de oração da santa boa menina  
Fazem a menina mulher nadar contra a corrente  
Chegar até a festa dos bacanais cheios de dança e de vinho

Chegar na vida vivida com prazer  
Na volúpia

A filha fruto do amor e da alma

Ser mulher de si  
Não com dedos que apontam e julgam  
Mas dedos que acolhem e acariciam  
(Marina Carvalho, 2019)

1. O que esse poema faz você sentir?
2. Ao escutar o poema, você se lembrou de algum aspecto de sua vida? Se sim, quais?

Se durante a entrevista você lembrar do poema e o associar a alguma resposta, sinta-se à vontade para falar e trazer a associação.

### **Segunda etapa: Entrevista Semidirigida propriamente dita**

Agora daremos início às perguntas da entrevista:

1. O que é o sexo sem compromisso para você?
2. O que é prazeroso para você no sexo sem compromisso?
3. O que não é prazeroso para você no sexo sem compromisso?
4. Como você descreveria os encontros de sexo sem compromisso em sua vida?  
Teve algum encontro que foi marcante para você?
5. Qual o lugar que o sexo sem compromisso ocupa em sua vida como mulher?
6. O que você espera desses encontros de sexo sem compromisso?
7. Levando em conta o tema do sexo sem compromisso, assim como suas respostas nessa entrevista, gostaria que você pensasse em alguma pessoa (pode ser famosa, algum personagem ou alguém da sua vida pessoal) que você associe ao tema, como um símbolo disso, a primeira que lhe vem à mente.
  - a. Quem é essa pessoa?
  - b. O que ela representa para você?

## APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Comitê de Ética em Pesquisa

#### CONVITE

Você está sendo convidada a participar como voluntária de uma pesquisa autorizada pela PUC-SP. Agradecemos por sua disposição em contribuir para a construção de novos conhecimentos. A identificação da pesquisa, da Pesquisadora e de seu Orientador estão descritos abaixo.

Leia atentamente o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, a seguir. Se você estiver de acordo, inteiramente esclarecida, e se dispuser voluntariamente a participar, agradeceremos por sua importante colaboração.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

##### IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

Título da Pesquisa: Sexo sem Compromisso e Possibilidade de Prazer da Mulher: um olhar junguiano e arquetípico

Objetivo Geral: Compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso pela mulher jovem e urbana.

Objetivos Específicos: Identificar práticas ao sexo sem compromisso de mulheres jovens e urbanas; investigar a experiência de prazer e desprazer no sexo sem compromisso para a mulher jovem e urbana.

Esta pesquisa está relacionada à elaboração de uma Dissertação de Mestrado Acadêmico em andamento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, da PUC-SP.

Pesquisador(a) responsável: Marina Oliveira de Carvalho

Curso de vínculo do Pesquisador: Mestrado em Psicologia Clínica no núcleo de estudos junguianos

Orientador(a) da Pesquisa: Prof.(a) Dr. Durval Luiz de Faria

### **FORMA DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**

Estou ciente de que a minha participação nessa pesquisa será na forma de responder a uma série de perguntas na forma de entrevista semidirigida.

### **RISCOS E BENEFÍCIOS**

Fui esclarecida que esta pesquisa espera alcançar, com seus resultados, importantes benefícios para os seres humanos, a comunidade e a sociedade. Estou ciente de que é possível que aconteçam alguns desconfortos ou riscos para mim, como estar diante de questões que eu não saiba responder, ou acerca das quais eu não tenha conhecimento suficiente ou aprofundado. Estou ciente de que a pesquisadora tudo fará para a redução desses desconfortos, principalmente mediante a disponibilização prévia de todos os esclarecimentos necessários. Sobretudo, não serei privada nem limitada em qualquer dos meus direitos, nem intimidada a qualquer tipo de participação com a qual eu não concorde.

### **SIGILO E PRIVACIDADE**

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, que meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, me identificar, será mantido em sigilo pela Pesquisadora, que se responsabilizará pela guarda dos dados, bem como pela não exposição das fontes dos dados da pesquisa. As informações e dados resultantes desta pesquisa serão divulgados apenas em eventos ou publicações científicas, sem identificação dos participantes.

### **AUTONOMIA**

Estou ciente de que me é assegurada toda a assistência necessária durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e

esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e suas consequências e tudo mais que eu queira saber, antes, durante e depois da minha participação. Também fui informada de que posso me recusar a participar da pesquisa, ou retirar meu consentimento, a qualquer momento, sem precisar me justificar, e que, se eu me retirar da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo na assistência a que tenho direito.

### **RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO**

Estou ciente de que, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da minha participação na pesquisa, tal como transporte, alimentação, ou outra, haverá ressarcimento dos valores gastos. E caso ocorra algum dano material ou imaterial decorrente da minha participação no estudo, não serei prejudicada, nem responsabilizada.

### **CONTATO**

Estou ciente de que a Pesquisadora responsável por este projeto é Marina Oliveira de Carvalho, e com ela poderei manter contato a qualquer momento pelo telefone (41) 991953151, ou pelo E-mail [oliveiradecarvalhomarina@gmail.com](mailto:oliveiradecarvalhomarina@gmail.com)

Estou ciente, enfim, de que o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP é composto por profissionais qualificados daquela universidade, que trabalham para garantir que meus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados, avaliando se a pesquisa foi planejada e está sendo executada de forma ética. Se eu achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como imaginei, ou estiver sendo prejudicada de alguma forma, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP. Os horários de atendimento são de 2ª a 6ª feira das 09h às 18h. Localização: Rua Ministro Godói, 969, Térreo, Sala 63C, Perdizes, São Paulo/SP, CEP 05015-001, Tel. (11) 3670-8466, e-mail [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

### **DECLARAÇÃO**

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que tive a oportunidade de discutir e esclarecer todas as informações deste termo com a Pesquisadora. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeita com as respostas. Entendo que receberei uma

via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pela Pesquisadora.

Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de tudo aqui mencionado e tendo compreendido a natureza, a justificativa, os objetivos e o método desta pesquisa, manifesto meu **consentimento livre e esclarecido** em participar voluntariamente, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Autorizo o uso das informações e dados resultantes de minha participação exclusivamente à redação e publicação da pesquisa.

<b>Identificação do(a) Participante da pesquisa</b>	
Nome:	
Função/Cargo:	
E-mail:	
Telefone:	

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Participante da  
pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Pesquisador(a)

### **USO DE ÁUDIO**

Autorizo o uso de minha entrevista, sendo seu uso restrito à redação e publicação da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Participante da  
pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Pesquisador(a)

## APÊNDICE D — PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE SÃO PAULO -  
PUC/SP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Sexo sem compromisso e possibilidades de prazer da mulher: um olhar junguiano e arquetípico

**Pesquisador:** Marina Oliveira de Carvalho

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 30482020.9.0000.5482

**Instituição Proponente:** Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.138.601

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica (PEPG em PCL), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Projeto de pesquisa de autoria de Marina Oliveira de Carvalho, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

A proposta de pesquisa informa resumidamente que "(...) Mudanças na contemporaneidade, tais como o uso e maior variedade de métodos contraceptivos, bem como a maior inserção no mercado de trabalho e na cultura, proporcionaram para a mulher a conquista de uma maior autonomia sobre o próprio corpo, ressoando nas práticas sexuais, como o aumento do sexo sem compromisso e mudanças nas formas de sentir prazer no sexo. Estudos apontaram ambiguidades vividas pela mulher no sexo sem compromisso (e.g., sentimentos de independência versus necessidade de vinculação/troca afetiva) e no prazer sexual feminino (e.g., mulher prezar pelo próprio prazer sexual versus o prazer do parceiro). Diante disso, este estudo objetiva compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso pela mulher jovem e urbana, identificando práticas e crenças subjacentes ao sexo sem compromisso e investigando a experiência de prazer. Para tanto, será feito um estudo qualitativo com entrevistas semidirigidas, realizadas individualmente, com mulheres entre 25 e 35 anos, com ensino superior completo ou em

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001  
UF: SP Município: SAO PAULO  
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.138.601

andamento, que tenham praticado sexo sem compromisso nos últimos cinco anos. Os resultados das entrevistas serão analisados por meio da análise temática e leitura simbólica do material a partir do referencial teórico da psicologia analítica e arquetípica. Espera-se que o estudo traga contribuições relevantes para a prática clínica, bem como acrescente proposições ao corpo teórico existente sobre as expressões da sexualidade feminina na contemporaneidade, propondo uma compreensão aprofundada sobre aspectos psíquicos da mulher contemporânea.

### Introdução

O tema sexo sem compromisso e possibilidades de prazer da mulher foi escolhido pela pesquisadora a partir da observação, no contexto pessoal e trabalho como psicóloga clínica, de relatos de mulheres que praticam sexo sem compromisso e que referem vivências ambivalentes. Esse fenômeno motivou o interesse pela aproximação e olhar mais amplo sobre o assunto pela pesquisadora.

O sexo sem compromisso e o prazer sexual fazem parte da sexualidade feminina, tema importante no campo da psicologia, que aborda suas expressões na contemporaneidade. A Organização Mundial da Saúde (2002) define sexualidade como parte central da vida do ser humano, incluindo sexo, gênero, identidades sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Tais aspectos podem ser experienciados por pensamentos, fantasias, desejos, atitudes e nas relações com o outro.

A repressão da sexualidade pela cultura patriarcal judaico-cristã, especialmente o prazer sexual, fez com que esta fosse associada exclusivamente à reprodução (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980), resultando numa imagem dicotomizada da mulher nas polaridades santa/mãe e prostituta/sexo (AUFRANC, 2018). Tal crença moldou a perspectiva da psicopatologia humana do século XIX, que compreendia a sexualidade biologicamente, do ponto de vista reprodutivo, considerando as fantasias sexuais e a masturbação como patologias.

A concepção a respeito da sexualidade começou a sofrer mudanças com a teoria de Freud, que a definiu como sendo composta por muitos instintos diferentes integrados, e não apenas relacionada à reprodução (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980). Somado a isso, acontecimentos sociais e políticos no final do século XIX e início do século XX (Guerras Mundiais e Revolução Industrial) impulsionaram a mulher ao mercado de trabalho, motivando sua maior autonomia financeira, emocional e intelectual (RAMOS; CARVALHO; LEAL, 2005).

Com o movimento de liberdade sexual dos anos 60, as mulheres passaram a ter maior liberdade sobre seus corpos, motivada principalmente pelo advento da pílula anticoncepcional. A

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.138.601

sexualidade passou a poder ser vivida mais plenamente em sua dimensão do prazer, possibilitando às mulheres experienciar uma maior autonomia sob seus próprios corpos (AUFRANC, 2018).

Com isso, experiências sexuais não relacionadas à um comprometimento amoroso tradicional aumentaram. A mídia contribuiu com a propagação dessa nova cultura popular de uma sexualidade permissiva por meio da produção de filmes, comerciais, séries, músicas e livros abordando o tema (GARCIA et al., 2012).

Nesse contexto liberal, surgiram outras formas de relação sexual, além daquelas reconhecidas no âmbito dos relacionamentos estáveis e de comprometimento, como o sexo sem compromisso. Pesquisas mostraram que tal prática sexual é comum entre os adultos na atualidade (GARCIA et al., 2012; SIMÃO, 2017; WENTLAND; REISSING, 2014).

A forma de se relacionar com o outro tem mudado ao longo do tempo, e somada à liberdade sexual, a mulher contemporânea tem vivido um contexto ambivalente no sexo sem compromisso. De um lado, sentindo-se mais livre e independente, de outro, sonhando com o casamento e um parceiro numa situação ideal romantizada, o que aponta para um duplo-padrão sexual (SIMÃO, 2017).

Sexo sem compromisso/casual é uma prática sexual que vem se tornando recorrente e comum entre os adultos jovens, e é definido como um único encontro sexual ou encontros repetitivos, mas sem um vínculo estável (GARCIA et al., 2012; WENTLAND; REISSING, 2014).

Nesta pesquisa será considerado como sexo sem compromisso a definição proposta por Wentland e Reissing (2014, p. 171, tradução nossa), que abarca as seguintes classificações:

- a) “one night stand” (uma noite só): sexo entre estranhos ou pessoas que não se conhecem tão bem e que geralmente se conhecem em algum evento social. É uma atividade não planejada e sem expectativas de se verem novamente;
- b) “booty call” (telefonema para sexo): sexo entre pessoas que se conhecem e isso ocorre ocasionalmente. Há alguém que sempre liga ou envia mensagem de texto com a intenção de ter relação sexual dentro das próximas horas, geralmente à noite;
- c) “fuck buddy” (parceiro para transar): sexo entre pessoas que se conhecem e tem relações sexuais quando saem juntas, o que acontece regularmente;
- d) “friends with benefits” (amigos com benefícios): sexo entre amigos que podem ter ou não relações sexuais quando saem juntos, e isso acontece com regularidade.

As práticas sexuais e formas de prazer sexual da mulher estão se reformulando e demandam um

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.138.601

olhar compreensivo a respeito de suas complexidades. Destarte, o presente estudo objetiva compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso pela mulher jovem e urbana, identificando suas práticas e crenças subjacentes, e investigando a experiência de prazer da mulher. A perspectiva norteadora do estudo será a psicologia analítica e arquetípica, com foco nas figuras míticas arquetípicas presentes nos mitemas de Afrodite em relação com outros deuses. Parte-se da premissa de que toda a mitologia representa uma teia de relações, e por conseguinte, as figuras de deuses quando apresentadas e estudadas sozinhas não abarcam a dimensão total de seu sentido. Ademais, entende-se que deuses retratados na mitologia são como “metáforas para núcleos de fantasia da psique” (BARCELLOS, 2019, p.10), representando dinâmicas psíquicas que se manifestam nas vivências do ser humano por meio de imagens e símbolos.

#### Metodologia Proposta:

O estudo será qualitativo e com pesquisa de campo pela abordagem da psicologia analítica, que conforme Penna (2004), a aplicação dessa abordagem à pesquisa científica parte do princípio que mundo e ser humano são definidos por sua qualidade simbólica, e “dessa forma, o ser humano é um ser simbólico, que vive numa dimensão simbólica” (PENNA, 2004, p.82). A dimensão simbólica leva em conta aspectos biológicos, ambientais, culturais, sócio históricos e espirituais, assim como a noção de totalidade, no sentido da integração dos conteúdos inconscientes à consciência. Embora o inconsciente não seja passível de observação direta, pode-se investigar e conhecer de forma indireta pelas manifestações arquetípicas, as quais são expressas pelos símbolos (PENNA, 2004).

Sobre o pesquisador, é necessário que tenha capacidade de “observação de si e do outro, ser empático (...) e ter abertura para perceber através das funções da consciência: o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição” (FARIA, 2003, p. 275), para que seja possível a explorar elementos conscientes e inconscientes do discurso das participantes. Assim, o estudo consistirá numa abordagem compreensiva e interpretativa do fenômeno do sexo sem compromisso, em busca de suas manifestações arquetípicas na psicologia dos mitemas de Afrodite, levando em conta que são campos imaginativos e que tais relações mostram uma psicologia da alma. Para isso serão feitas amplificações simbólicas de forma não categórica/estereotipada, visando compreender o fenômeno imagética e metaforicamente.

Instrumentos utilizados serão: questionário para caracterização de perfil das participantes e entrevista semidirigida.

Questionário para caracterização de perfil das participantes terá perguntas sobre idade da

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.138.601

participante; cidade onde reside; estado civil; escolaridade; profissão; religião; se atualmente está num relacionamento estável; se pratica ou já praticou sexo sem compromisso; quando começou; se não pratica mais sexo sem compromisso e por quais motivos, quanto tempo durou.

Entrevista semidirigida elaborado pela pesquisadora é composta em duas partes:

1. Aquecimento: com finalidade de estimulação da imaginação e pensamento imagético, serão mostrados às participantes 03 imagens da deusa Afrodite em relação com outros deuses: Afrodite e Ares; Afrodite, Dioniso e Hera; Afrodite, Eros e Psiquê. Essa díade e essas tríades serão explicadas brevemente (quem são, o que representam qual são as suas histórias). Pedir-se-á que as participantes, caso se recordem da díade ou tríades de deuses em alguma resposta da entrevista, trazer as associações.

2. Entrevista semidirigida propriamente dita: serão feitas perguntas relativas ao sexo sem compromisso e possibilidade de prazer sexual da mulher, consoante com os objetivos propostos do estudo.

Optou-se por entrevista semidirigida, pois é um instrumento utilizado em pesquisas qualitativas por possibilitar maior flexibilidade da entrevistadora esclarecer alguma resposta (BRAUN; CLARKE, 2006), assim como proporciona espaço à imaginação da participante. O contato com as participantes será realizado pelo método bola de neve, o qual consiste em uma amostra não probabilística e que usa cadeias de referências. Essa forma de seleção de amostra é útil para estudar grupos difíceis de serem acessados ou quando se aborda questões delicadas e de âmbito privado, como é o caso das participantes requeridas para o presente estudo (VINUTO, 2014). Visto que o tema de pesquisa pode ser considerado delicado por se tratar de questões íntimas, a amostragem em bola de neve é uma alternativa viável para ter acesso aos participantes.

Metodologia de Análise de Dados:

A análise das informações das entrevistas seguirá o modelo de análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), o qual busca identificar, organizar, analisar e descrever em detalhes temas emergentes das entrevistas. Trata-se de uma abordagem indutiva, sem codificação prévia das informações coletadas, de forma que os temas surgem a partir da própria leitura e análise das informações.

Este tipo de análise permite a identificação de temas não previstos pela pesquisadora, e é adequado para tratar de assuntos ainda pouco estudados pois proporciona resultados complexos e minuciosos a respeito da experiência dos participantes.

Braun e Clarke (2006) dividem o processo de análise temática em seis etapas que serão seguidas

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.138.601

nesse estudo, a saber: familiarização do pesquisador com as informações coletadas, transcrição das entrevistas, geração de códigos iniciais, procura dos temas, revisão dos temas, definição dos temas e produção escrita da análise.

Na última etapa, os temas definidos serão descritos e apresentados por meio de trechos das entrevistas selecionados pela pesquisadora para melhor representá-los. Em seguida, será realizada uma interpretação a partir do referencial da psicologia analítica, arquetípica e da mitologia, com ampliações simbólicas do material.

Vale ressaltar que a relação a ser feita com os mitos não tem por objetivo categorizar de forma estereotipada a experiência da mulher no sexo sem compromisso, mas sim lançar uma reflexão psicológica sob os mitemas que expressam relações entre os deuses, utilizando estes como ferramentas imagéticas capazes de representar aspectos emocionais profundos. O uso deste recurso assenta-se na perspectiva de que imagem é psique (BARCELLOS, 2012).”

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender os significados atribuídos ao sexo sem compromisso pela mulher jovem e urbana

Objetivo Secundário:

Identificar práticas e crenças subjacentes ao sexo sem compromisso para a mulher jovem e urbana;

Investigar a experiência de prazer no sexo sem compromisso para a mulher jovem e urbana.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado nas Resoluções CNS/MS n. 466/12 e CNS/MS n. 510/2016 que tratam das pesquisas que envolvem seres humanos.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

De acordo com a avaliação do mérito acadêmico pensada ao presente PROTOCOLO DE PESQUISA, ora apreciado. Sem comentários adicionais.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.138.601

pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;

2. TCLE - PENDENTE;

2.1 DETALHAMENTO DA PENDÊNCIA: Em que pese a redação do TCLE estar adequada, há algumas observação e complementações a realizar, quais sejam:

a) Recomendamos que a redação do TCLE seja realizada na primeira pessoa, iniciando com a apresentação dos pesquisadores, da pesquisa, dos seus objetivos e como se dará a participação/colaboração do(s) provável(is) participante(s) voluntário(s) neste estudo. Tudo em linguagem acessível ao nível intelectual destes;

b) Excluir a menção e solicitação de documentos de ordem pessoal, como RG, CPF, CRP, CFP, CNH, entre outros. Orossim, caso haja real necessidade de levantamento dessas informações que sejam coletadas em outro instrumento que não no TCLE;

c) Acrescentar uma breve explicação do que vem a ser um Comitê de Ética em Pesquisa - CEP e qual o seu papel no processo de revisão e análise éticas das pesquisas que envolvam direta ou indiretamente seres humanos de qualquer área e nível do conhecimento;

d) Acrescentar os dados de contato do CEP-PUC/SP Monte Alegre (que inclusive seguem no rodapé deste documento), como: endereço, telefone, e-mail e horário de atendimento que é realizado de 2ª a 6ªfeira das 9h às 18h;

e) Caso o atendimento as alíneas acima resultem em um TCLE com mais de uma página, estas deverão ser numeradas na parte inferior direita, da seguinte forma: página x de x.

2.2 REANÁLISE DAS PENDÊNCIAS apresentadas no item 2.1 e alíneas

2.2.1 COMENTÁRIOS DA RELATORIA: Todas as recomendações e ajustes indicados foram devidamente implementados no novo TCE ora apresentado. Dessa forma, restanos converter a PENDÊNCIA anteriormente indicada em status APROVADO.

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.138.601

3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - NÃO SE APLICA;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: [www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios](http://www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios)

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sitio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

#### **Recomendações:**

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)



Continuação do Parecer: 4.138.601

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências ou lista de inadequações, portanto, recomenda-se o encaminhamento da aprovação deste protocolo de pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1482611.pdf	18/05/2020 12:46:35		Aceito
Outros	ParecerMeritoAcademico.pdf	18/05/2020 12:45:35	Marina Oliveira de Carvalho	Aceito
Outros	OficioApresentacao.pdf	18/05/2020 12:45:08	Marina Oliveira de Carvalho	Aceito
Outros	Questionario.pdf	18/05/2020 12:38:38	Marina Oliveira de Carvalho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	18/05/2020 12:34:22	Marina Oliveira de Carvalho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPesquisa.pdf	01/04/2020 13:28:20	Marina Oliveira de Carvalho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	01/04/2020 13:24:55	Marina Oliveira de Carvalho	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoPlataformaBrasil.pdf	01/04/2020 13:24:06	Marina Oliveira de Carvalho	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE SÃO PAULO -  
PUC/SP



Continuação do Parecer: 4.138.601

SAO PAULO, 07 de Julho de 2020

---

**Assinado por:**  
**Antonio José Romera Valverde**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br